



SIMON SCARROW

# A ÁGUA DE SANGUE

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

TÍTULO: *A Águia de Sangue*

AUTORIA: *Simon Scarrow*

EDITOR: *Luís Corte Real*

*Esta edição © 2007 Edições Saída de Emergência*

*Título original The Eagle's Prey © 2004 Simon Scarrow*

*Publicado originalmente na Grã-Bretanha por Headline Book Publishing, 2004*

TRADUÇÃO: *José Saraiva*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Rolo & Filhos II, S.A.*

1ª EDIÇÃO: *Abril, 2007*

ISBN: *978-972-8839-82-6*

DEPÓSITO LEGAL: *255963/07*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

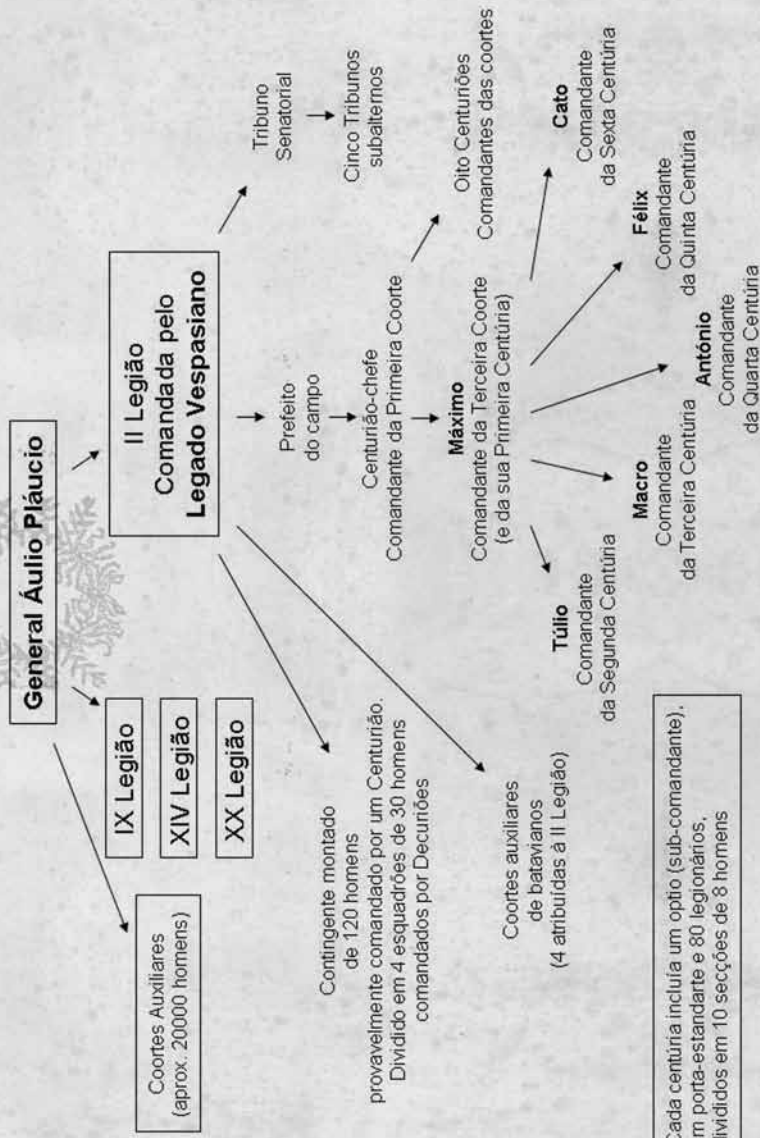
*Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal*

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

*Para os meus irmãos Scott e Alex,  
Com amor e um obrigado por todos os bons momentos*

# CADEIA DE COMANDO DO EXÉRCITO ROMANO NA BRITÂNIA EM 44 D.C.





## A ORGANIZAÇÃO DE UMA LEGIÃO ROMANA

Os centuriões Macro e Cato são os protagonistas principais de *A Águia e os Lobos*. Para clarificar a estrutura de comando para os leitores que não estão familiarizados com as legiões romanas, preparei um guia básico das patentes que surgem ao longo do romance. A Segunda Legião, o “lar” de Macro e Cato, era composta por cerca de cinco mil e quinhentos homens. A unidade básica era a centúria, oitenta homens comandados por um centurião coadjuvado por um optio. A centúria era dividida em seções de oito homens, os quais partilhavam o alojamento nas casernas (um quarto) e nas campanhas (uma tenda). Uma coorte era composta por seis centúrias, uma legião por dez coortes, embora a primeira coorte tivesse o dobro dos homens que as outras. Cada legião era acompanhada por um contingente de cavalaria, cento e vinte homens divididos em quatro esquadrões, que desempenhavam missões como batedores e mensageiros. Por ordem descendente, as principais patentes da legião eram as seguintes:

O *legado* era um homem de origem aristocrática. Geralmente por volta dos trinta e poucos anos, comandava a legião por um período de até cinco anos, tentando estabelecer uma reputação que lhe permitisse depois abraçar uma carreira política de sucesso.

O *prefeito do campo* era um veterano experimentado, que tinha passado antes pelo posto de centurião-chefe da legião, e que estava no ponto máximo de uma carreira militar profissional. Possuía vasta experiência e reconhecida integridade, e era a ele que cabia o comando da legião na ausência do legado.

Seis *tribunos* desempenhavam cargos no estado-maior da legião. Eram homens de vinte e poucos anos, que serviam pela primeira vez no exército de forma a adquirirem experiência administrativa, antes de assumirem postos menores na administração civil. O tribuno-chefe era diferente. Provinha de uma família da classe senatorial, e o seu destino era um alto posto de nomeação política, por vezes o comando de uma legião.

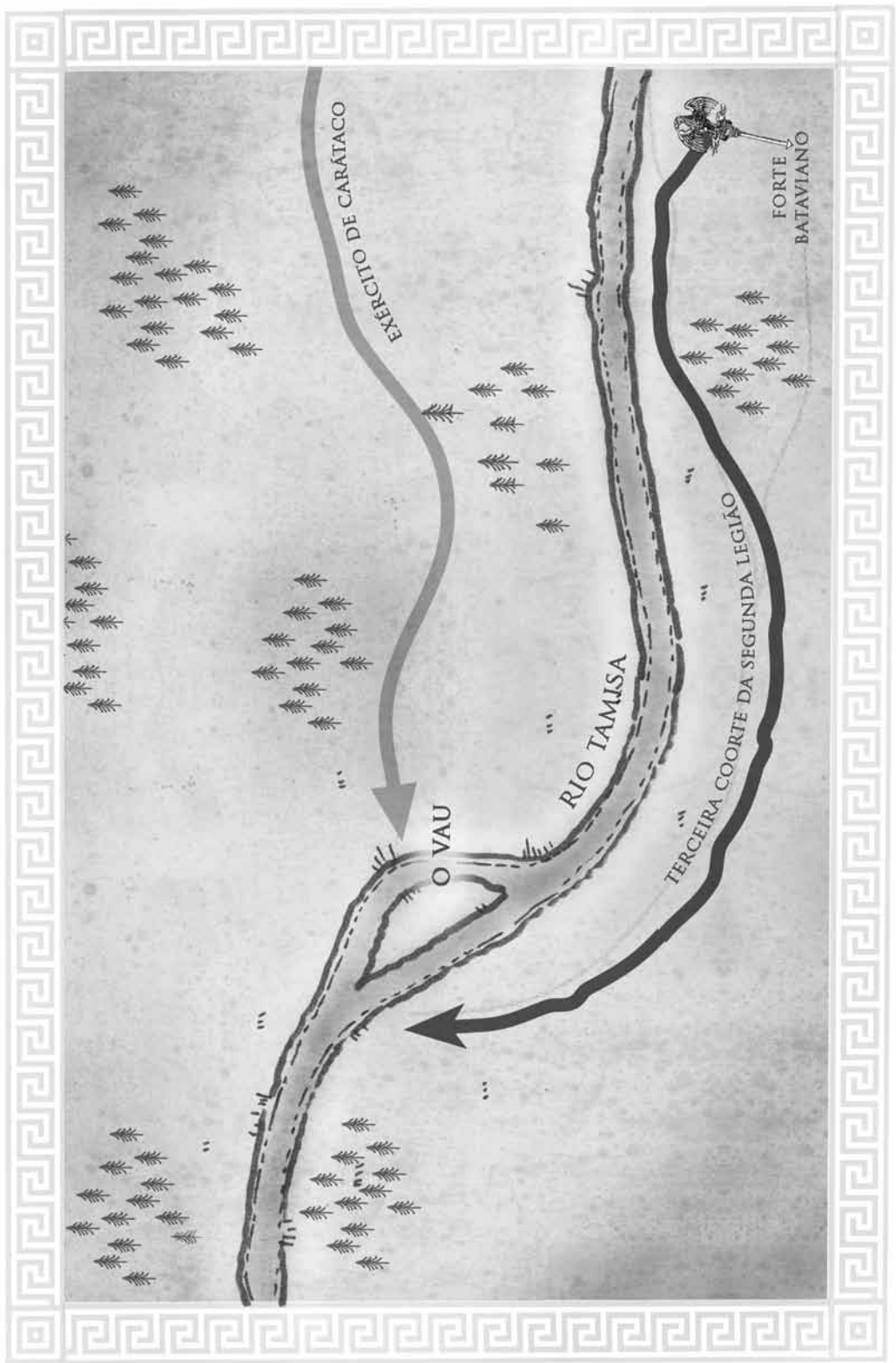
Sessenta *centuriões* forneciam a espinha dorsal a uma legião, sendo responsáveis pela disciplina e treino dos homens. Eram escolhidos pelas suas capacidades de comando e pela sua disponibilidade para combater até à morte. Por essa razão, a sua taxa de mortalidade era muitíssimo mais elevada que a das outras patentes. A hierarquia entre eles era baseada na data de promoção. O mais antigo dos centuriões comandava a Primeira Centúria da Primeira Coorte, e era um soldado condecorado e respeitado.

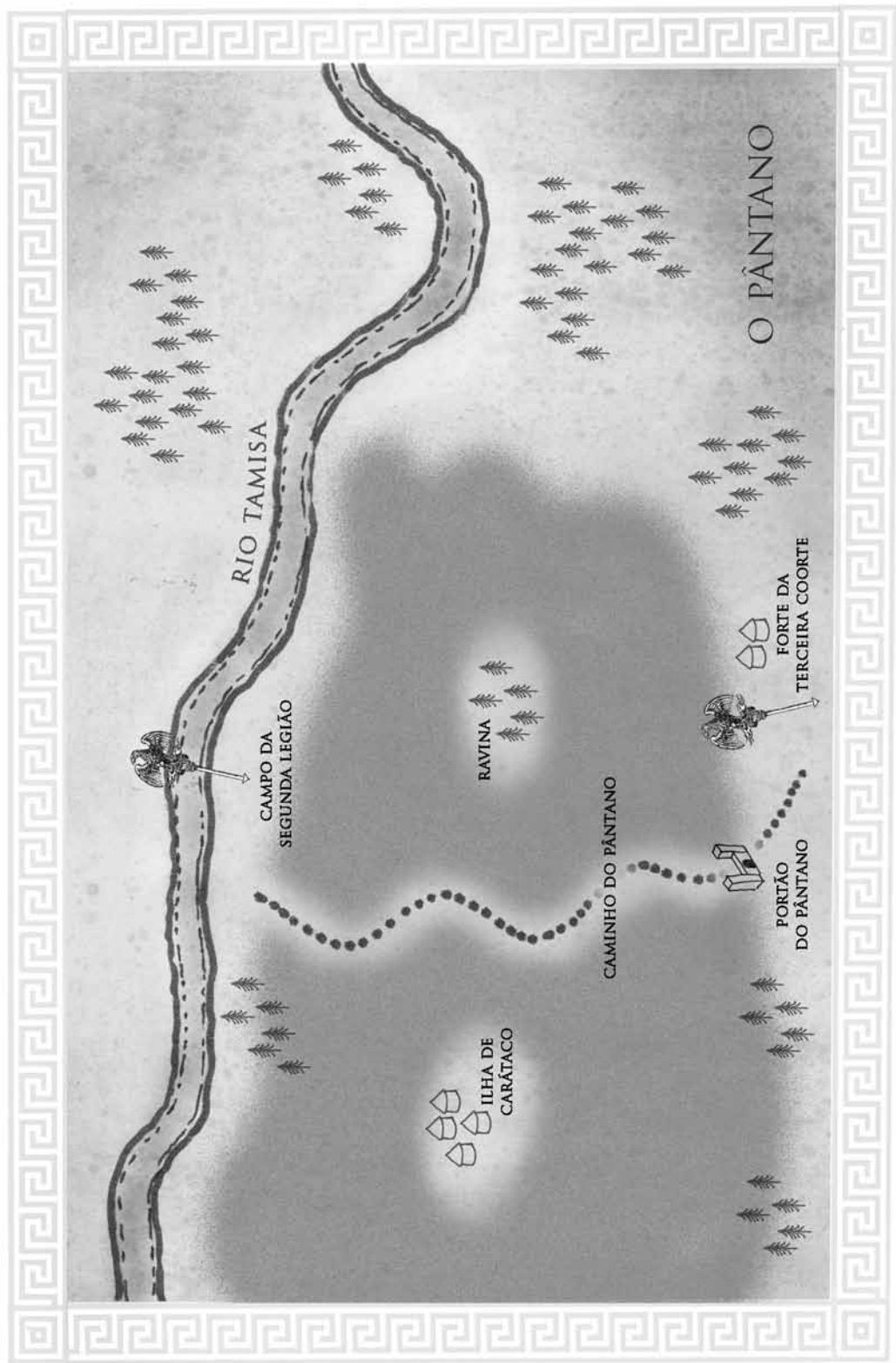
Os quatro *decuriões* da legião comandavam os esquadrões de cavalaria, e almejavam ser promovidos ao comando das unidades auxiliares de cavalaria.

Cada centurião era auxiliado por um *optio*, que tinha responsabilidades de comando menos importantes. Esperavam por vagas para serem promovidos ao centurionato.

Os *legionários* eram homens que se tinham alistado por um período de vinte e cinco anos. Teoricamente, só cidadãos romanos se podiam alistar, mas os voluntários eram cada vez mais recrutados entre as populações das províncias, sendo-lhes concedida a cidadania quando se alistavam.

Com um estatuto inferior aos legionários, havia ainda os homens das *coortes auxiliares*. Eram recrutados nas províncias e forneciam ao Império Romano a cavalaria, a infantaria ligeira e outras especialidades. A cidadania era-lhes concedida ao fim de vinte e cinco anos de serviço, ou em recompensa por feitos extraordinários no campo de batalha.





RIO TAMISA

CAMPO DA  
SEGUNDA LEGIÃO

RAVINA

CAMINHO DO PÂNTANO

ILHA DE  
CARÁTACO

PORTÃO  
DO PÂNTANO

FORTE DA  
TERCEIRA COORTE

O PÂNTANO





## I

— Ainda falta muito para o campo? — Perguntou o grego, voltando a espreitar sobre o ombro. — Vamos conseguir lá chegar antes que escureça?

Antes de responder, o decurião que comandava a pequena escolta montada cuspiu uma semente da maçã que roía, e engoliu a polpa ácida.

— Vamos. Não se preocupe, senhor. Mais uns oito ou nove quilómetros, acho eu, e estamos lá.

— Não podemos ir um bocado mais depressa?

O homem ainda olhava por cima do ombro, e o decurião não conseguiu resistir à tentação de espreitar também para o caminho que já tinham percorrido. Mas não havia nada para ver. Lá atrás, a estrada estava vazia, pelo menos até ao ponto em que passava entre duas colinas densamente arborizadas, cuja imagem tremeluzia por causa do calor. Eram os únicos viajantes a percorrê-la, e assim fora desde que tinham deixado o posto avançado, por volta do meio-dia. Desde essa altura que o decurião, os dez homens da escolta montada que comandava e o grego com os seus dois guarda-costas pessoais seguiam pelo caminho que levava ao enorme acampamento do general Pláucio. Nele se concentravam três legiões e uma dúzia de unidades auxiliares, com o objectivo de desferir um golpe decisivo no exército dos bretões, comandado por Carátaco, e que agrupava membros das já poucas tribos que ainda enfrentavam abertamente Roma.

Que assunto teria aquele grego a discutir com o general? Esta pergunta despertava no decurião uma insaciável curiosidade. Assim que o dia nascera, tinha recebido ordens do prefeito da coorte de cavalaria para escolher os melhores homens do seu esquadrão e escoltar o grego até à presença do general. Fizera aquilo que lhe tinha sido ordenado, sem levantar qualquer questão. Mas agora, enquanto observava dissimuladamente o grego, estava curioso.

O homem cheirava a dinheiro e vida refinada, embora envergasse

apenas uma túnica vermelha e uma capa leve, ambas sem enfeites. As unhas estavam muito bem cuidadas, reparou o decurião, não escondendo o desprezo que tal facto lhe provocava; do esparso cabelo escuro e da barba soltava-se um aroma que denunciava o uso de um creme dispendioso. As mãos não ostentavam qualquer peça de joalharia, mas as marcas esbranquiçadas visíveis nos dedos revelavam que ao grego não era estranho o uso de anéis, que seriam provavelmente do género vistoso. Com um torcer de lábios, o decurião identificou-o como sendo um daqueles libertos que tinham furado e intrigado até se estabelecerem no coração da burocracia imperial. O facto de agora se encontrar na Britânia, e de tentar tão obviamente passar despercebido, só podia significar que estava a desempenhar uma missão de grande importância, e que provavelmente transportava alguma mensagem para o general, do género que não convinha confiar ao sistema de correios imperiais.

O decurião passou a dirigir a sua atenção subreptícia para os dois guarda-costas que cavalgavam imediatamente atrás do grego. Tal como ele, vestiam-se de forma simples e despretensiosa, mas por baixo das capas levavam espadas curtas, presas em cintos de aspecto militar. Não eram com certeza ex-gladiadores, como os guarda-costas que os mais ricos homens de Roma preferiam empregar. As espadas e a forma como se comportavam denunciavam-nos claramente, e o decurião já tinha compreendido a sua origem: guardas pretorianos, a tentar — e a falhar — passar despercebidos. Eram também a prova conclusiva de que o grego se encontrava numa missão para o palácio.

O funcionário imperial voltou a olhar para trás.

— Sente a falta de alguém? — Quis saber o decurião.

O grego olhou em volta, e depois suprimiu a expressão de ansiedade que exibira momentos antes, mostrando um breve sorriso.

— Sim, não os vejo, mas também não fazem cá falta nenhuma.

— Alguém sobre quem eu deveria ter sido informado?

O homem fitou-o durante alguns instantes, e depois voltou a sorrir.

— Não.

O decurião ficou à espera que o outro desenvolvesse a resposta, mas o grego deu por terminada a conversa, e olhou em frente. Dando mais uma dentada na maçã, o decurião encolheu os ombros e deixou que a vista se espraiasse pela paisagem em redor. A sul, o curso superior do Tamisa ondulava por entre colinas. Bosques primevos ocupavam as cristas das elevações, enquanto nas encostas se podiam ver os pequenos povoados e quintas dos dobunios — uma das primeiras tribos a prestar tributo a Roma quando as legiões tinham desembarcado na ilha, há mais de um ano atrás.

Seria um belo local para passar os anos da velhice, matutou o decurião. Depois de servir os seus vinte e cinco anos, ser-lhe-ia concedida a cidadania romana e um pequeno prémio, que usaria para adquirir uma pequena quinta numa colónia de veteranos, onde poderia passar em paz os últimos anos da vida. Talvez até se casasse com aquela nativa que conhecera em Camaloduno. Criaria alguns cachopos, e beberia até cair para o lado.

A sua veia sonhadora foi abruptamente interrompida quando o grego fez estacar a montada e se pôs a perscrutar a estrada que tinham acabado de percorrer; os olhos castanhos semicerrados sob as sobranceiras franzidas. Lançando uma imprecação silenciosa, o decurião pôs o braço no ar, dando indicação à coluna para se deter; dirigiu-se então ao seu nervoso protegido.

— O que se passa?

— Ali! — O grego apontou. — Olha para ali!

Sem grande vontade, o decurião torceu-se na sela, fazendo gemer o cabedal. A princípio nada viu; depois, à medida que o olhar acompanhava o declive da estrada até ao topo da colina, apercebeu-se das escuras silhuetas dos cavaleiros que abandonavam a sombra do arvoredo. Depressa ficaram bem à vista, sob o Sol, galopando velozmente em direcção ao grupo.

— Porra, quem são aqueles tipos? — Indagou.

— Não faço ideia — retorquiu o grego — mas parece-me que sei bem quem os enviou e ao que vêm.

O decurião lançou-lhe um olhar irritado.

— Hostis?

— Muito.

O oficial avaliou os perseguidores com um olhar experimentado: encontravam-se a bem mais de um quilómetro e meio e eram oito, deitados sobre as montadas, com longas capas castanhas e negras que flutuavam ao vento enquanto os homens incitavam os cavalos. Oito contra treze — sem contar com o grego. Boas probabilidades, reflectiu o decurião.

— Já vimos o suficiente. — O grego virou as costas aos cavaleiros distantes e cravou os calcanhares no flanco do cavalo. — Vamos.

— Em frente! — Depois de ouvir a ordem emitida pelo decurião, a escolta lançou-se a galope atrás do grego e dos seus guarda-costas.

O decurião estava furioso. Não havia nenhuma necessidade de se lançarem naquela galopada. A vantagem era sua, podiam muito bem manter os cavalos frescos e esperar que os perseguidores cansassem os deles ao tentarem aproximar-se. Depois, o combate seria rápido. Por outro lado, podia acontecer que um dos atacantes, num golpe de sorte, conseguisse atingir o grego. As ordens do prefeito tinham sido bem explícitas: nada po-

dia acontecer àquele homem. A sua vida tinha que ser protegida a qualquer preço. Assim sendo, por estúpido que fosse, o melhor a fazer era mesmo evitar qualquer problema, admitiu o decurião. Tinham quase dois quilómetros de avanço, e com certeza alcançariam o campo do general muito antes de os perseguidores conseguirem reduzir a distância que os separava a ponto de lançarem um ataque efectivo.

Quando voltou a olhar sobre o ombro, o oficial ficou surpreso ao verificar que essa distância tinha diminuído de forma acentuada. As montadas dos perseguidores deviam ser de excepcional qualidade, concluiu. O seu cavalo, e os dos seus homens, eram dos melhores ao dispor da coorte, mas os que se aproximavam eram claramente de outra categoria. E além disso, os perseguidores deviam ser extraordinários cavaleiros, capazes de extrair o máximo dos animais que montavam.

Pela primeira vez, o decurião sentiu a dúvida a aguilhoá-lo. Os que lá vinham não eram por certo meros assaltantes de estrada. E também não eram nativos, a julgar pelos cabelos e tons de pele morenos, e pelas túnicas e capas que envergavam. Além disso, os celtas tendiam a atacar os romanos somente quando tinham pelo seu lado uma esmagadora superioridade numérica. Por outro lado, o grego parecia saber quem eles eram. Mesmo dando o desconto à cobardia típica da sua raça, não havia como desmentir o terror que o homem sentia. Ia aos pulos em cima do cavalo, mal sentado e num equilíbrio sempre precário, mesmo à frente do decurião, enquanto dos dois lados os seus guarda-costas cavalgavam com estilo e confiança. Os lábios do oficial torceram-se num trejeito de desprezo, enquanto rangia os dentes. O homem podia dar-se muito bem nos corredores do palácio, mas não tinha jeito para cavaleiro.

Não demorou muito a ocorrer o inevitável. Com um grito estridente, o grego deixou-se descair em demasia para um dos lados e, apesar de um puxão desesperado nas rédeas, o ímpeto forçou-o a cair da sela. Lançando uma imprecação, o decurião desviou o cavalo para o lado, mesmo a tempo de evitar o homem no solo.

— Alto!

Com um coro de pragas dos homens e relinchos assustados dos cavalos, a escolta deteve-se em redor do grego, tombado de costas sobre a poeira do caminho.

— Espero que o sacana não se tenha morto. — Vociferou o decurião, enquanto deslizava da sela. Os dois guarda-costas juntaram-se-lhe imediatamente, debruçando-se sobre o homem cuja vida tinham por missão defender.

— Vivo? — Inquiriu um deles.

— Sim. Pelo menos respira.

Os olhos do grego entreabriram-se, mas logo se voltaram a cerrar devido ao brilho do Sol.

— O que... o que foi? — Perguntou, e desmaiou.

— Levantem-no! — Incitou o decurião. — Ponham-no no cavalo.

Os pretorianos içaram o homem e sentaram-no na sela, antes de voltarem também a montar. Enquanto um o sustentava com uma mão firme no ombro, o outro empunhou as rédeas.

O decurião apontou para a estrada.

— Levem-no daqui para fora!

Enquanto os três homens seguiam a caminho da segurança do campo do general, o oficial saltou de novo para cima do cavalo e virou-se para os perseguidores.

Estavam já muito mais próximos, a não mais de trezentos passos, e começavam a adoptar uma formação em cunha, carregando sobre a escolta imobilizada. Dardos ligeiros tinham sido retirados dos seus alforques e estavam já erguidos, prontos a serem lançados.

— Formem uma linha de combate! — Berrou o decurião.

Os homens acalmaram os cavalos e separaram-se, cobrindo toda a largura da estrada; prepararam-se para enfrentar os atacantes, cada um protegendo o corpo atrás do escudo e usando a outra mão para apontar a sua lança directamente contra um dos cavaleiros que se aproximavam. O decurião lamentou não ter ordenado aos homens para trazerem dardos pesados, mas tinha esperado apenas cumprir um passeio calmo até à guarnição do general, e nunca enfrentar um combate renhido. Assim sendo, teriam que suportar uma chuva de dardos dos adversários antes de os terem ao alcance e poderem usar as armas de que dispunham.

— Atenção! — O decurião avisou os seus homens de que ia ordenar o ataque. — À minha ordem... Carregar!

Lançando gritos selvagens e impelindo freneticamente as montadas, os soldados da cavalaria auxiliar romana avançaram, ganhando velocidade e reduzindo rapidamente a distância que separava as duas linhas.

Os cavaleiros inimigos não mostraram intenções de abrandar; pelo contrário, continuaram a progredir, decididos. Por momentos, o decurião esteve certo de que chocariam uns contra os outros a toda a velocidade, e preparou-se para o impacto. O receio do embate propagou-se pela linha, que diminuiu a velocidade.

O decurião depressa recuperou o bom senso e gritou para os lados:

— Continuem! Mais depressa!

As expressões individuais dos atacantes já eram perceptíveis, e eram todas semelhantes: decididas, silenciosas, impiedosas. As túnicas e

capas a esvoaçar não revelavam nenhuma espécie de armadura sob elas, o que fez com que o decurião quase os lamentasse, dada a disparidade de equipamento de protecção. No combate corpo a corpo não teriam grandes possibilidades de prevalecer contra os auxiliares, mesmo sendo as suas montadas de melhor qualidade.

No último momento, e sem necessidade de ordens, os cavaleiros inimigos mudaram de direcção, passando na perpendicular pela frente da carga dos romanos. Na mesma altura, os braços que empunhavam os dardos foram levados atrás.

— Cuidado! — Gritou um dos homens do decurião, quando os dardos iniciaram a sua trajectória, quase paralela ao solo, na direcção da escolta. Não se tratava de nenhum arremesso desesperado — cada atacante tinha escolhido criteriosamente o seu alvo — e as pontas de ferro penetraram facilmente os peitos e flancos das montadas dos auxiliares. Só um dos dardos tinha sido lançado contra um homem, colhendo-o no estômago, mesmo acima da sela. O decurião percebeu imediatamente que o ataque aos cavalos fora deliberado. Alguns empinaram-se, tentando alcançar as feridas com os cascos, enquanto outros tombavam sobre os flancos, com grandes relinchos de terror. Os cavaleiros viram-se forçados a abandonar a carga e a preocupar-se em manter o controlo sobre as suas montadas; dois deles foram projectados das selas e embateram pesadamente no solo seco, de cabeça.

Mais dardos atravessaram o ar. O cavalo do decurião foi atingido no ombro direito, e sofreu uma convulsão. Por instinto, o oficial apertou as pernas contra a sela e murmurou ao ouvido do animal, tentando acalmá-lo; o cavalo acabou por se imobilizar, a cabeça a oscilar e a espumar, espalhando partículas que a luz do Sol fazia refulgir. Em redor, a escolta estava num caos, os animais feridos e os homens desmontados a tentarem desviar-se dos cavalos em pânico.

A curta distância, o inimigo tinha esgotado os dardos, e cada um dos atacantes tinha passado a empunhar uma espada de longa lâmina, igual à que era equipamento padrão da cavalaria romana. Mas, entretanto, as possibilidades tinham sido invertidas, e agora era a escolta que enfrentava a destruição.

— Vão carregar! — Gritou uma voz aterrorizada, junto ao decurião. — Fugam!

— Não! Mantenham-se juntos! — Avisou o decurião, saltando do dorso do seu cavalo ferido. — Se se puserem a fugir, estão fodidos! Agrupem-se! Juntem-se a mim.

Era uma ordem inútil. Com metade dos homens a pé, muitos ainda tontos das quedas que tinham dado, e a outra metade a tentar controlar os

cavalos, organizar uma defesa era completamente impossível. Seria, portanto, cada um por si. O decurião deu alguns passos de forma a colocar-se numa área livre, onde tivesse espaço para manejar a lança, e encarou os inimigos que se aproximavam a trote, as espadas erguidas com intuitos assassinos.

Nesse momento ouviu-se uma ordem em latim:

— Deixem-nos!

Os oito cavaleiros voltaram a embainhar as espadas e, puxando as rédeas, fizeram os seus animais rodear o que restava da escolta romana, para depois ganharem de novo velocidade e se dirigirem para o distante campo das legiões.

— Porra! — Suspirou alguém, incapaz de disfarçar o alívio. — Foi por pouco. Julguei que iam dar cabo de nós em menos tempo do que leva a dizê-lo.

O decurião não podia estar mais de acordo, mas depressa as suas entranhas lhe deram sinal de que a ameaça não terminara.

— O grego... Eles querem o grego.

E iam com certeza apanhá-lo. Apesar do avanço que ele e os seus pretorianos levavam, o homem ainda não devia estar completamente refeito do trambolhão, e isso atrasá-los-ia; seriam alcançados e mortos muito antes de atingirem a segurança do campo do exército do general Pláucio.

O decurião amaldiçoou o grego e a sua pouca sorte por ter sido encarregue da protecção de tal personagem. Agarrou as rédeas do cavalo do legionário ferido, que ainda tentava arrancar o dardo que lhe trespassara o ventre.

— Desce daí!

Com a face distorcida pela agonia, o homem não deu sinal de ter escutado a ordem, pelo que o oficial o puxou para baixo e saltou para a sela. Ouviu-se um grito de dor quando o corpo embateu no solo e a haste do dardo se quebrou.

— Todos os que tiverem um cavalo, sigam-me! — Gritou o decurião, fazendo rodar a montada e lançando-se atrás dos atacantes. — Sigam-me!

Encolheu-se por trás da crina do cavalo, a qual lhe chicoteou a face quando o animal se agitou, resfolegando e esperneando, mas acabando por obedecer às selváticas ordens do seu novo cavaleiro. Este olhou em volta e contou quatro homens que se tinham separado da confusão e cavalgavam a seu lado. Cinco contra oito. As perspectivas não eram muito animadoras. Mas pelo menos já não teriam que enfrentar dardos, e o escudo e a lança davam-lhes vantagem no confronto contra homens armados apenas

de espadas. Assim, com o coração repleto do desejo de vingança contra aqueles desconhecidos, o decurião deu-lhes caça, enquanto o pensamento se centrava na necessidade imperiosa de proteger o grego, precisamente o homem que tinha provocado aquela calamidade.

A estrada descia num declive suave, e ele avistou os inimigos, que cavalgavam uns trezentos passos adiante. Mais algumas centenas de metros à frente seguiam o grego e os guarda-costas pretorianos, ainda a debaterem-se para tentarem manter o corpo inanimado em cima do cavalo.

— Vamos! — Gritou o decurião por cima do ombro. — Mantenham-se junto a mim!

Os três grupos de cavaleiros cruzaram o chão do vale e começaram a subir a encosta do outro lado. O cansaço dos cavalos dos atacantes começou a tornar-se aparente, e a distância que os separava do decurião diminuiu. Entusiasmado perante o triunfo iminente, deu com os calcanhares no flanco da montada, gritando-lhe um encorajamento ao ouvido:

— Força! Vá, rapariga! Mais um esforço!

O espaço que os separava estava já reduzido a metade quando os inimigos ultrapassaram a crista seguinte e, por momentos, ficaram escondidos. O decurião estava já certo de que os alcançariam antes que eles apanhassem o grego e os seus pretorianos. Deu uma espreitadela ao que se passava atrás e ficou contente por ver os seus homens muito próximos; não iria enfrentar o inimigo sozinho.

Quando a estrada voltou a descer, tornou-se possível avistar, a uns cinco quilómetros de distância, o gigantesco campo do exército do general Pláucio. Uma intrincada grelha de minúsculas tendas ocupava o vasto espaço contido por baluartes e muralhas. Três legiões e várias coortes auxiliares, num total de cerca de vinte e cinco mil homens, tinham-se ali reunido para localizar e avançar sobre o exército britânico comandado por Carátaco, numa tentativa de o destroçar por completo. O espectáculo deslumbrou o decurião, mas o efeito depressa se perdeu quando reparou nos cavaleiros que subiam a estrada, carregando sobre ele. Não havia tempo para refrear a montada e esperar pelos seus homens, pelo que o oficial levantou o escudo oval e baixou a ponta da lança, apontando-a ao centro do peito do adversário mais próximo.

No instante seguinte, estava rodeado pelos inimigos, e a ferocidade do impacto forçou-lhe o braço para trás, torcendo-lhe o ombro. O cabo da lança foi-lhe arrancado das mãos, e ouviu o grunhido do homem que tinha atingido, ao passar pelo meio da confusão de capas e caudas de cavalos a esvoaçar. Uma espada atingiu-lhe o escudo, resvalando na bossa e deslizando até o atingir na barriga da perna. Já do outro lado, livre de adversários, o decurião desembainhou a espada e puxou as rédeas. Ao mesmo tempo,



o som de gritos e de choques metálicos anunciou-lhe a entrada dos seus homens no combate.

Com a espada bem erguida, o decurião lançou-se para o coração da refrega. Os seus homens lutavam desesperadamente, numa proporção de um contra dois. Enquanto anulavam um ataque, tornavam-se vulneráveis a outro, e quando o comandante se lhes juntou, já dois jaziam pelo solo, sangrando, perto do homem que o decurião derrubara.

Apercebeu-se de um movimento à sua esquerda e baixou a cabeça no instante em que o gume de uma espada lhe atingia a orla metálica do escudo. Puxou-o para o lado, tentando arrancar a lâmina das mãos do adversário, enquanto ao mesmo tempo fazia a sua espada descrever um arco e se torcia para enfrentar o outro homem. A lâmina faiscou no ar e os olhos do homem arregalaram-se ao perceber o perigo; dobrou-se todo para trás, o que fez com que a ponta da espada lhe rasgasse a túnica e se limitasse a aflorar a pele.

— Merda! — Vociferou o decurião, dando com os calcanhares para fazer com que a sua montada avançasse e lhe permitisse desferir outro golpe no inimigo. O desejo de matar fê-lo esquecer o perigo que surgia de outra direcção, e por isso nem chegou a ver o vulto desmontado que correu direito a si e lhe cravou a espada. Sentiu o golpe, como se fosse um murro, mas quando se virou já o homem se tinha afastado, com a espada tingida de escarlate. O decurião compreendeu que o que dava cor à lâmina era o seu sangue, mas não tinha tempo para verificar a gravidade da ferida. Um relance permitiu-lhe verificar que era o último dos auxiliares ainda em condições de combater. Os seus homens estavam todos mortos ou moribundos, e as baixas inimigas reduziam-se a dois daqueles homens estranhos e calados, que combatiam como se tivessem nascido apenas para esse fim.

Sentiu mãos a agarrarem-lhe o braço que empunhava o escudo, e no momento seguinte foi arrastado da sela e atirado para o chão rijo do caminho, sentindo o ar fugir-lhe dos pulmões. Enquanto jazia de costas, sem fôlego e a olhar para o brilhante azul do céu, uma silhueta escura interpôs-se entre ele e o Sol. Soube que era o fim, mas recusou-se a fechar os olhos.

Os lábios curvaram-se num desafio.

— Vá, filho da puta, acaba com isto de uma vez!

Mas nenhum golpe de misericórdia o atingiu. O outro voltou-lhe as costas e desapareceu. Escutou a seguir sons de roupas a raspar em selas, cavalos a relinchar, cascos a percutirem a terra e a afastarem-se rapidamente, deixando apenas os estranhamente serenos sons típicos de uma tarde de Verão. O monótono zumbir dos insectos só era perturbado pelos gemidos de um homem que agonizava algures pela relva. O decurião estava atónito por ainda estar vivo, por o inimigo o ter poupado quando ele se apresentava

indefeso no solo. Lutou por respirar e soergueu-se até conseguir sentar-se.

Os seis cavaleiros sobreviventes tinham retomado a perseguição ao grego, e uma raiva amarga tomou conta do decurião. Tinha falhado. Apesar do sacrifício da escolta, os estranhos iam ainda assim alcançar o grego, e até já conseguia imaginar a reprimenda e castigo que o esperavam quando regressasse com o que restava da escolta ao aquartelamento da sua coorte.

Sentiu-se repentinamente tonto e com náuseas, e teve que apoiar uma mão no solo para se aguentar sem cair. Ao tacto, a terra pareceu-lhe molhada e pegajosa. Olhou para baixo, e reparou então que estava sentado num charco de sangue. Com amargura, apercebeu-se de que era seu. E notou de novo a ferida que lhe rasgara a virilha. O golpe tinha atingido uma artéria, e o sangue escuro jorrava sobre a relva em golfadas. Colocou imediatamente a mão a fazer pressão sobre o lanho, mas o fluxo quente forçou a passagem, e escapou-se pelos espaços entre os dedos. Sentia frio, e um sorriso triste aflorou-lhe aos lábios, ao compreender que já não corria qualquer risco de ser desancado pelo prefeito da coorte. Pelo menos, não naquela vida. O decurião ergueu o olhar e tentou focar a vista nas diminutas figuras do grego e dos seus guarda-costas, que se afastavam velozmente na esperança de salvarem as vidas.

A situação difícil em que se encontravam já nada dizia ao decurião. Não passavam de sombras, quase imperceptíveis no limite dos sentidos que se lhe esvaíam. Caiu de costas sobre a relva, e admirou o céu azul e límpido. Todos os ruídos da escaramuça tinham desaparecido; só se escutava já o som rotineiro dos insectos. O decurião cerrou os olhos e deixou que o calor da tarde de Verão o engolisse, enquanto a sua consciência se apagava gradualmente.



## II

— Acorde! — O pretoriano sacudia os ombros do grego. — Narciso! Vá lá, homem!

— Estás a perder o teu tempo. — Disse-lhe o companheiro, do outro lado do vulto inanimado. — Este não acorda tão cedo.

Olharam para a escaramuça que se desenrolava a alguma distância no caminho, ao cimo da colina.

— Se o sacana não despertar, estamos feitos. Não me parece que os nossos ali atrás aguentem muito mais tempo.

— Pois não. — O outro homem esforçou a vista. — Aliás, aquilo já está despachado. Temos que nos pôr a andar.

O grego gemeu e levantou a cabeça, com uma expressão de dor.

— O que é... que se passa?

— Senhor, estamos em sarilhos. Temos que continuar, e depressa.

Narciso abanou a cabeça, tentando afastar a névoa que lhe toldava a mente.

— Onde é que estão os outros?

— Mortos, senhor. Temos que partir.

Narciso anuiu, pegou nas rédeas e animou a sua montada. Esta deu um salto repentino quando o pretoriano a incitou com um leve toque da espada, e lançou-se a galope pelo caminho.

— Calma aí! — Irritou-se o grego.

— Desculpe, senhor. Não temos tempo a perder.

— Olha lá! — Narciso virou-se para lembrar ao pretoriano com quem estava a falar. Mas nesse instante, à distância, viu como os seus atacantes liquidavam os últimos elementos da escolta que o acompanhara e renovavam a perseguição.

— Pronto, já percebi. — Concedeu, em voz baixa. — Vamos embora.

Enquanto os três homens esporeavam os cavalos, Narciso dirigiu

o olhar para o distante campo militar, e rezou para que algum dos homens que estavam de vigia estivesse suficientemente alerta para se aperceber da aproximação dos dois grupos de cavaleiros, e desse o alarme. Se nenhum auxílio viesse do campo do general, podia não chegar lá vivo. A miríade de reflexos que se avistava, vinda das armas e couraças polidas, podia muito bem ser o tremeluzir das estrelas longínquas, já que parecia tão fria, distante e inalcançável como elas.

Nas suas costas, a poucas centenas de metros, troavam os cascos das montadas dos perseguidores. Tinha a certeza de que não poderia esperar qualquer misericórdia da parte daqueles homens. Fazer prisioneiros não estava nos seus planos. Eram assassinos, nada mais, e a sua missão era matar o secretário imperial antes que este contactasse o general Áulio Pláucio. A questão que atormentava Narciso era saber quem os teria contratado. Se a situação se invertesse e um deles caísse nas suas mãos, aproveitaria os especialistas que existiam entre o pessoal do general; sabia-os bem capazes de quebrarem a vontade do mais resolutivo dos homens. Mas suspeitava que, mesmo assim, a informação obtida pouca utilidade teria. Os seus inimigos, que eram os do Imperador, seu senhor, eram suficientemente astutos para terem contratado os assassinos através de intermediários anónimos e facilmente dispensáveis.

A missão em que se tinha embrenhado era supostamente secreta. Tanto quanto sabia, só o próprio Imperador e uns poucos oficiais da absoluta confiança de Cláudio tinham tido conhecimento de que o braço-direito do Imperador se deslocara à Britânia para se encontrar com o general Pláucio. A última vez que o encontrara fora há um ano e, nessa altura, Narciso estava integrado no séquito imperial, quando Cláudio visitara as legiões mesmo a tempo de assistir à derrota do exército nativo às portas de Camaloduno e de reclamar para si próprio a vitória e a glória que a acompanhava. O séquito era numeroso, milhares de pessoas, e nenhum luxo ou medida de segurança tinha sido dispensada para satisfazer o Imperador e o seu homem de confiança. Mas desta vez a discrição era fundamental, e o secretário, viajando em segredo, sem nenhum dos seus queridos adornos, tinha solicitado ao prefeito da Guarda Pretoriana que lhe cedesse os dois melhores homens da sua unidade de elite. E assim abandonara o palácio, através de uma discreta saída nas traseiras, na companhia de Marcelo e Rufo.

Porém, de alguma forma, a notícia tinha-se tornado conhecida. Assim que saíra de Roma, Narciso não conseguira evitar a sensação de que alguém os vigiava e seguia. A estrada que seguiam nunca ficava completamente vazia, havia sempre uma solitária e diminuta figura lá longe, no caminho que tinham já feito. É claro que essas figuras (se não era sempre a mesma) podiam ser perfeitamente inocentes, mas Narciso vivia obcecado

pelo receio dos seus inimigos. E isso levava-o a tomar todas as precauções que estavam ao seu alcance, o que lhe tinha permitido sobreviver no perigoso mundo do palácio imperial mais tempo do que a maior parte dos seus antecessores. Um homem que jogava para as mais altas recompensas, como era o caso do secretário imperial, tinha que possuir olhos nas costas, ver tudo o que se passava ao seu redor: todas as acções, todos os gestos, o simples inclinar da cabeça de um aristocrata quando trocava sussurros com um par num banquete no palácio.

O que o fazia sempre pensar em Jano, o deus das duas faces, guardião de Roma, constantemente alerta aos perigos vindos de ambas as direcções. Trabalhar no palácio imperial forçava um homem a exhibir duas caras: a de um serviçal ansioso por agradar aos seus senhores, quer políticos quer sociais; e a de um implacável decisor, disposto a esquecer todos os escrúpulos para levar a sua avante. Os seus verdadeiros pensamentos só podiam revelar-se quando confrontava homens que tinha feito condenar à morte, e nessas alturas obtinha grande satisfação ao revelar-lhes o desprezo e raiva que tinha por eles.

Parecia, porém, que desta vez poderia ser ele o destinado ao exermínio. Embora a ideia da morte iminente o aterrorizasse, Narciso estava consumido pela necessidade de saber quem, de entre as legiões de inimigos que colecionara, teria planeado aquele ataque. Já tinham ocorrido duas tentativas, a primeira numa estalagem de Nórico, quando algumas bebidas entornadas tinham dado origem a uma briga que depressa progredira para uma luta generalizada. Narciso e os seus guarda-costas observavam, da segurança de um cubículo privado, quando uma faca voara através da sala, direita a ele. Marcelo apercebera-se do projectil, e forçara-lhe a cabeça para baixo, contra a tigela do guisado. No instante seguinte, a lâmina cravara-se na madeira por trás dele.

Na segunda ocasião, um grupo de cavaleiros surgira na estrada atrás deles, quando se aproximavam do porto de Gesoriaco. Para não correr qualquer risco, tinham imediatamente lançado as montadas a galope, mantendo-se fora do alcance do grupo perseguidor, e chegando ao porto com os cavalos estourados, levados ao limite da sua resistência. O cais estava repleto de mercadorias; os abastecimentos para as legiões de Pláucio eram carregados em navios destinados à Britânia, enquanto os que tinham regressado da ilha descarregavam os prisioneiros de guerra que se destinavam agora aos mercados de escravos do Império. Narciso reservou acomodações no primeiro navio que zarpava para a Britânia. Quando a embarcação se afastava do caótico cais, Marcelo tinha-lhe tocado no braço e assinalado um grupo de oito homens que observavam em silêncio a partida do navio. Sem dúvida os mesmos que agora os perseguiam.

Narciso espreitou sobre o ombro e sofreu um choque, ao verificar como os outros se tinham aproximado velozmente. O campo, pelo contrário, parecia estar sempre à mesma distância.

— Estão a apanhar-nos! — Gritou aos guarda-costas. — Façam qualquer coisa!

Marcelo lançou um rápido olhar na direcção do companheiro; os dois homens pareceram considerar a situação.

— Que dizes? — Lançou Rufo. — Salvamo-nos?

— Porque não? Raios me partam se vou morrer por um grego.

Encolheram-se por trás dos pescoços dos cavalos e incitaram-nos com gritos ferozes.

Enquanto se afastavam, Narciso gritou em pânico:

— Não me abandonem! Não façam isso!

O secretário imperial cravou os calcanhares no flanco da montada, que acelerou e pouco a pouco se juntou às outras duas. O odor acre do cavalo suado enchia-lhe as narinas, cada passada que o animal dava ameaçava lançá-lo para o solo que passava a uma velocidade aterradora, e Narciso cerrou os dentes, aterrorizado. Nunca na sua vida se sentira tão assustado, e prometeu a si mesmo que nunca mais se poria em cima de uma daquelas bestas. A partir daquele momento, nunca mais viajaria em nada que não fosse tão confortável ou lento como uma liteira. Quando finalmente alcançou os guarda-costas, Marcelo piscou-lhe o olho.

— Às vezes é preciso espicaçar as pessoas, senhor... Estamos quase lá!

Os três prosseguiram a grande velocidade, com o vento a rugir-lhes aos ouvidos, mas de cada vez que Narciso ou um dos guarda-costas deitava uma olhadela ao que se passava lá atrás, os atacantes estavam mais perto. À medida que se aproximavam do campo, os cavalos tanto de perseguidos como de perseguidores começaram a mostrar sinais de exaustão, e os cavaleiros notavam os movimentos espasmódicos do peito dos animais, que lutavam para manter o fôlego. O galope alucinante transformou-se numa cavalgada de ritmo errático, à medida que, de forma cada vez mais selvagem, os homens tentavam extrair das montadas as últimas gotas de esforço.

Quando a estrada passou por outro ponto elevado, Narciso apercebeu-se de que estariam a pouco mais de três quilómetros do campo, e de que havia numerosos grupos de homens no exterior do mesmo, a treinar ou a recolher abastecimentos. Seguramente que alguém já se teria apercebido da aproximação dos dois grupos de cavaleiros. Naquele momento o alarme já devia ter sido dado, e devia estar a ser preparada uma força para proceder a uma investigação do assunto. Mas o que os três homens avistavam era uma cena imperturbável e repleta de serenidade, enquanto conti-

nuavam a esporear as suas montadas exauridas. E a sua vantagem sobre os perseguidores diminuía sempre, com tenebrosa regularidade.

— Foda-se, estes tipos devem ser cegos! — Gritou Rufo, furioso, enquanto agitava o braço no ar. — Aqui, seus sacanas cus-de-chumbo! Olhem para aqui!

A estrada voltava a mergulhar na direcção de um riacho que banhava a orla de um bosque de carvalhos antigos. A tranquila superfície da água como que explodiu quando Narciso e os seus guarda-costas atravessaram o vau e saíram na outra margem, reluzentes com a água que os cobria. Os perseguidores não estavam a mais de duzentos passos quando as presas começaram a percorrer o trilho que passava pelo meio dos carvalhos. O caminho estava bem marcado pela passagem de vagões, e por isso foram forçados a seguir pela beira, tentando impedir que algum cavalo partisse uma pata. O mato ali existente não deixou de cobrar o seu preço, rasgando as vestes e arranhando a carne de Narciso, que cavalgava furiosamente, de cabeça baixa, para evitar ser atingido por algum ramo que se projectasse sobre a estrada. À distância ouviu-se o som de um chapinhar violento, sinal de que os perseguidores atravessavam o ribeiro.

— Estamos quase! — Berrou Marcelo. — Continuem!

O caminho serpenteava entre as árvores, e a luz do Sol salpicava o solo nos locais em que conseguia atravessar o dossel verde que cobria os três cavaleiros. Então o horizonte voltou a alargar-se, quando emergiram do bosque e avistaram à distância o torreão que protegia a entrada do forte. Narciso sentiu um novo ânimo, ao aperceber-se de que, afinal, a salvação era possível.

A pingar água e suor, os cavalos galopavam agora pela estrada batida pelo Sol.

— Vocês aí! — Chamou uma voz. — Alto! Alto!

Narciso avistou um grupo de homens que descansava à sombra, na orla do bosque. Em redor viam-se pilhas de lenha recém-cortada, e animais de carga que pastavam calmamente. As lanças dos homens estavam ensarilhadas e prontas a serem empunhadas, tal como os escudos, apoiados nas bases curvas e preparados para o uso imediato.

Marcelo torceu as rédeas selvaticamente, e o cavalo respondeu, dirigindo-se ao destacamento de legionários. Inspirou profundamente, e depois lançou um apelo:

— Às armas! Às armas!

Os homens reagiram de imediato, pondo-se de pé e correndo para as armas, enquanto os três cavaleiros se aproximavam. O optio que comandava o destacamento adiantou-se, empunhando a espada de forma defensiva.

— Olha lá, pá, por quem te tomas?

Os cavaleiros não refrearam as montadas antes de se verem no meio dos legionários. Marcelo deixou-se escorregar pela garupa do cavalo e apontou firmemente na direcção da estrada.

— Vêm atrás de nós! Têm que os deter!

— Quem é que vem atrás de vocês? — Inquiriu o optio, irritado.  
— Do que é que estás a falar?

— Estamos a ser perseguidos. Querem liquidar-nos.

— Não fazes sentido nenhum! Acalma-te lá, homem. Explica-te. Quem são vocês?

Com um dedo, Marcelo apontou Narciso, ainda dobrado sobre a sela, a tentar recuperar o fôlego.

— Enviado especial do Imperador. Fomos atacados. A escolta foi completamente dizimada. Estavam mesmo nas nossas costas.

— Quem? — Voltou o optio a perguntar.

— Não faço ideia. — Admitiu Marcelo. — Mas vão chegar aqui a qualquer momento. Forma os teus homens!

O optio lançou-lhe um olhar de suspeita, mas depois deu ordem aos homens para formarem. A maior parte deles já se tinha armado, e rapidamente ocuparam os lugares habituais, dardo numa mão e escudo noutra. Os olhos de todos estavam postos na abertura entre as árvores por onde emergia a estrada, abandonando as sombras e prosseguindo depois pela planície relvada até ao campo fortificado. Enquanto esperavam que surgissem os cavaleiros, o silêncio tomou conta da atmosfera. Mas nada sucedeu. Nem ruído de cascos, nem gritos de guerra, nada. Os carvalhos vigiavam, imponentes e silenciosos, mas nenhum sinal de vida provinha da estrada que percorria o bosque. Enquanto os legionários e os três recém-chegados esperavam, tensos, um pombo arrulhou ruidosamente num ramo de uma árvore próxima.

O optio deixou passar mais uns momentos, antes de se dirigir aos estranhos que tinham interrompido a sua pausa na dura tarefa de recolha de lenha.

— Bom, então?

Narciso desviou o olhar da estrada, e encolheu os ombros.

— Devem ter desistido assim que perceberam que tínhamos conseguido alcançar um local seguro.

— Partindo do princípio de que vinha mesmo alguém a perseguir-vos, claro. — O optio franziu o sobrolho. — Portanto, alguém quer fazer o obséquo de me explicar o que raios se passa aqui?





### III

— Não me parece que essa barba te fique bem.

Narciso encolheu os ombros.

— Tem a sua utilidade.

— E que tal foi a viagem? — Inquiriu o general, tentando mostrar-se acolhedor.

— Que tal? Para lá de ter passado todas as noites deste último mês enfiado em espeluncas infestadas de pulgas, para lá de ter tido que embarcar aquela mistela indescritível que passa por “comida” no seio das classes mais reles de viajantes, para lá de ter sido perseguido por um bando de assassinos a soldo mesmo à porta deste teu domínio...

— Pois. Para lá disso tudo, — o general não disfarçou um sorriso — que tal foi a viagem?

— Rápida. — Narciso encolheu os ombros e sorveu mais um gole de água aromatizada com limão. O secretário imperial e o general estavam sentados sob um toldo, colocado no cimo de um montículo, à margem das filas de tendas que constituíam o quartel-general do exército. Uma pequena mesa com tampo de mármore separava as cadeiras em que se sentavam, e sobre ela um escravo tinha discretamente deixado um jarro ornado, com a água perfumada, e dois copos, para se refrescarem. Narciso tinha-se libertado das roupas suadas que envergara durante a cavalgada, e usava agora uma leve túnica de linho. A transpiração fazia reluzir a pele dos dois homens, e o ar irrespirável pesava sobre o ambiente enquanto o sol de fim de tarde refulgia ainda no céu límpido.

O campo militar estendia-se à sua volta, em todas as direcções. Narciso, que estava habituado aos acampamentos de muito menores dimensões que as coortes da Guarda Pretoriana estabeleciam em Roma, estava impressionado. Não era a primeira vez que via todo reunido o exército constituído para a campanha bretã. De facto, tinha estado presente quando, no ano anterior, as quatro legiões e uma série de unidades auxiliares tinham

esmagado as forças de Carátaco. Mas havia algo de reconfortante nas fileiras ordenadas de tendas. Cada uma delas testemunhava silenciosamente a presença de oito homens; alguns estavam a treinar, algures no interior do campo, outros dedicavam-se a afiar as lâminas das armas, outros ainda regressavam de expedições de recolha de abastecimentos, carregados com cestos de cereais ou guiando animais que tinham sido confiscados nas quintas em redor. Tudo denunciava a ordem e o poder irresistível de Roma. Com uma tamanha força tão bem treinada a ocupar o terreno, era difícil acreditar que algo se pudesse opor à vontade do Imperador, que era a de adicionar aquele território e as tribos que nele habitavam ao vasto inventário do Império.

Esse pensamento estava bem presente na mente de Narciso, e era a razão fundamental para que tivesse sido enviado em segredo pelo palácio a este longínquo acampamento militar, na margem setentrional do rio Tamisa.

— Quanto tempo vais ficar connosco? — Inquiriu o general.

— Quanto tempo? — Narciso pareceu divertido com a pergunta.

— Ainda nem quiseste saber porque estou aqui.

— Suponho que seja para saber como decorre a campanha.

— Em parte, sim. — Admitiu o outro. — E então, general, como vão as coisas?

— Deves sabê-lo bem, partindo do princípio que lês os despachos que envio regularmente para o palácio.

— Ah, sim. Muito detalhados e informativos. Escreves num belo estilo, se me permites que o diga. Algo reminescente dos comentários de César. Comandar um exército tão vasto está apenas ao alcance de alguns eleitos...

Pláucio conhecia Narciso há tempo suficiente para ser imune aos costumeiros elogios viscosos do grego. E também reconhecia facilmente a ameaça implícita no último comentário do secretário imperial, bem ao estilo de um servidor do palácio.

— Sinto-me evidentemente lisonjeado pela comparação com o divino Júlio. Mas não possuo o mesmo apetite pelo poder.

Narciso sorriu.

— Ora, general, seguramente que um homem na tua posição, com um tão formidável exército às suas ordens, tem ocasião para desenvolver um certo gosto pela ambição. E tal não seria mal visto, nem sequer indesejado. Roma aprecia generais ambiciosos.

— Roma, talvez. Mas duvido que o Imperador os aprecie também.

— Roma e o Imperador são uma e a mesma coisa. — Retorquiu calmamente o grego. — Alguns poderiam considerar a sugestão de que isso

não corresponde à realidade como uma afirmação ligeiramente sediciosa.

— Sediciosa? — Pláucio arqueou as sobrançelas. — Estás a brincar. As coisas estão assim tão más por lá?

Narciso tomou mais um gole, propositadamente longo. Observou cuidadosamente o general sobre a borda do copo, antes de o voltar a pou-sar.

— Pláucio, a situação é muito pior do que podes imaginar. Há quanto tempo não vais a Roma?

— Quatro anos. Mas não me faz falta. Se te recordas, por esses tempos era Gaio Calígula quem imperava. Já me disseram que Cláudio é muito diferente, e que muitas coisas melhoraram.

Narciso anuiu.

— Para muitos, sem dúvida. O problema é que o Imperador tem mostrado uma certa tendência para confiar demasiado nas pessoas erradas.

— Presumo, claro, que não te inclui nesse grupo.

— Evidentemente. — Narciso franziu o sobrolho. — Já agora, essa não tem nem um traço de piada. Sirvo o Imperador com toda a lealdade. Podes até dizer que me empenhei a fundo para assegurar o seu sucesso.

— Os meus amigos em Roma informam-me que as tuas finanças têm atravessado um período extremamente próspero, nestes últimos anos...

— E então? Será errado que um homem se veja recompensado pelos seus leais serviços? De qualquer maneira, não vim até aqui para discutir as minhas finanças.

— Isso já percebi.

— E agradecia que os teus amigos meditassem longa e seriamente antes de repetirem comentários do género. Essas conversas adquirem vida própria, e podem virar-se contra os seus autores, se me estás a perceber... É um aviso de amigo.

— Será transmitido.

— Ótimo. Bom, como eu dizia, nos últimos meses, o julgamento do Imperador tem sido afectado. Especialmente desde que pôs a vista, para não falar de outros órgãos, naquela putéfia da Messalina.

— Também já ouvi falar dela.

— Devias vê-la. — Adiantou Narciso, com um sorriso. — A sério. Nunca conheci ninguém assim. No momento em que entra numa sala e faz aqueles olhinhos de merda aos homens, caem-lhe aos pés como cachorri-nhos. Isso enoja-me. E Cláudio não é assim tão velho que não possa ser tentado pela beleza e pela juventude. Oh, e além disso ela é esperta. Só Júpiter sabe quantos mete na cama, ali mesmo no palácio imperial, mas Cláudio

está firmemente convencido de que ela está caidinha por ele, e que é incapaz de fazer asneiras.

— E os actos dela são maliciosos?

— Não tenho a certeza. Talvez não o sejam intencionalmente. É claro que o seu comportamento escandaloso prejudica a reputação do Imperador, e fá-lo parecer um tolo. Porém, se alberga desígnios mais sinistros... Ainda não tenho provas disso. Só suspeitas. E depois, ainda há aqueles filhos da puta dos Libertadores.

— Pensei que tinhas arrumado esse assunto no ano passado.

— Apanhámos a maior parte deles depois do motim em Gesoriáco. Mas ainda sobraram os suficientes para organizar alguns envios de armas para os bretões no Verão passado. Os meus agentes ouviram rumores de que pode estar a ser preparada alguma coisa em grande. Mas não terão hipóteses, pelo menos enquanto a Guarda Pretoriana e as legiões estiverem do nosso lado.

— Achas portanto necessário avaliar a minha lealdade? — Pláucio observou atentamente o seu interlocutor.

— Que outra razão teria para vir até aqui? E porquê de forma tão discreta?

— Não sentirão a tua falta lá em Roma?

— Bem, é evidente que alguém soube da minha missão. Só me resta esperar que a notícia não se ponha a circular. O palácio espalhou que eu estou para as bandas de Capri, a recuperar de uma maleita recente. Gostava de estar de volta a Roma antes que a minha presença aqui fosse comunicada pelos espões dos meus adversários que estão infiltrados entre a tua guarnição.

— Espiões inimigos na minha guarnição? — Pláucio fez um ar de indignação fingida. — Imagine-se! O que mais haverá por aí? Espiões imperiais, às tantas!

— Registo a tua ironia, Pláucio. Mas não te deves sentir ressentido pela presença dos meus homens. A sua tarefa tem tanto a ver com a tua protecção como com a recolha de informações sobre todos os que poderiam tornar-se uma ameaça contra o Imperador.

— E de quem preciso eu de ser protegido?

Narciso sorriu.

— Ora, meu caro Pláucio, de ti mesmo, claro. A presença dos meus homens lembrar-te-á que o palácio imperial tudo vê e tudo escuta. E isso costuma acalmar as línguas e as ambições de alguns dos nossos comandantes menos conscientes da situação política.

— E pensas que eu preciso de ser desencorajado?

— Não estou seguro. — Narciso cofiou a barba. — Precisas?

Os dois homens entreolharam-se em silêncio durante alguns momentos; depois, o general Pláucio baixou o olhar para o copo que fazia girar interminavelmente entre os dedos. Narciso soltou uma risada.

— Bem me parecia que não. O que me leva à questão seguinte. Se não és desleal, por que razão te empenhas tanto em sabotar a causa do Imperador?

O general pousou bruscamente o copo vazio na mesa, e cruzou os braços.

— Não percebo o que queres dizer com isso.

— Bem, deixa-me então pôr a pergunta noutros termos, menos acusatórios. Porque fazes tão pouco para contribuir para o triunfo do Imperador? Pelo que consigo avaliar, o teu exército pouco mais fez do que consolidar os ganhos do ano passado. O único avanço digno de nota tem sido efectuado pelo legado Vespasiano com a sua Segunda Legião, no sudoeste. Ainda não conseguiste forçar Carátaco a dar-te batalha, apesar de as tuas forças serem superiores em número, e mesmo com metade das tribos desta terra bendita a passarem-se para o nosso lado. Não consigo imaginar circunstâncias mais favoráveis para forçar o avanço, derrotar o inimigo e pôr fim a esta campanha que nos sai cara.

— Ah, então é o custo que te preocupa? — Pláucio mostrou-se desdenhoso. — Há coisas neste mundo que não têm preço.

— Errado! — Narciso interrompeu-o bruscamente, quando o general se preparava para exercer a retórica numa tirada grandiloquente sobre o destino manifesto de Roma e sobre o dever de cada geração de contribuir para o crescimento da glória do Império. — Não existe nada neste mundo que não tenha um preço. Nada! Por vezes o preço tem que ser pago em ouro, por vezes em sangue. Mas, seja como for, é pago. O Imperador necessita da vitória na Britânia para reforçar a sua posição. Isso custará a Roma as vidas de muitos milhares dos seus melhores soldados. Lamentável, é um facto. Mas recuperável. Há-de haver sempre mais homens. Não podemos permitir-nos é a perda de outro imperador. O assassinato de Calígula quase destruiu o Império. Se a causa de Cláudio não tivesse sido apoiada pela Guarda Pretoriana, teríamos tido outra guerra civil — e generais ambiciosos destroçariam as legiões em busca de glória e poder. Em breve o Império não passaria de mais um capítulo encerrado na história das potências desaparecidas. E que espécie de homem desejaria que tal desgraça assolasse o nosso mundo?

— Bonito discurso. Muito elegante, mesmo. — Troçou Pláucio. — Mas o que tem isso tudo a ver comigo?

Narciso suspirou, pacientemente.

— O teu progresso lento está a ter um preço elevado. A reputação

do Imperador está em jogo. Já passou quase um ano desde que ele celebrou a vitória na Britânia com um triunfo público. No entanto, continuo a receber pedidos de reforços. Mais tropas, mais equipamentos, mais provisões.

— Só estamos a terminar a limpeza.

— Não. Isso é o que se faz depois de derrotar o inimigo. O que estás a fazer é a sugar os nossos recursos. Esta ilha até parece uma esponja. Sempre a absorver homens, dinheiro, capital político. Por quanto tempo mais, meu caro general?

— Como mencionei nos meus relatórios, estamos a fazer progressos. Lentos, mas seguros. Temos obrigado Carátaco a recuar, pouco a pouco. Em breve será forçado a enfrentar-nos.

— O que queres dizer com “em breve”, general? Mais um mês? Mais um ano? Mais do que isso?

— De facto, creio que será uma questão de dias.

— Dias? — A dúvida era evidente na expressão de Narciso. — Explica-me lá isso, por favor.

— Com todo o prazer. Carátaco e o seu exército estão acampados a menos de vinte quilómetros daqui. — Pláucio acenou na direcção do ponente. — Sabe muito bem da nossa presença, como sabe que nós esperamos que, quando decidirmos avançar, ele recue mais uma vez, como tem feito sempre. Porém, quando realizarmos o nosso próximo avanço, o plano dele consiste em atravessar o rio numa série de vaus que existem nesta região, rodear as nossas forças e atacar os territórios de todas as tribos que já submetemos a sul do Tamisa. É provável até que esteja a pensar em ganhar-nos o avanço suficiente para atacar os depósitos de abastecimento em Londínio. É um plano bem gizado.

— De facto. E como é que chegou ao teu conhecimento?

— Um dos chefes mais importantes é pago por mim.

— A sério? É a primeira vez que ouço essa.

— Há informações que são demasiado preciosas para serem postas por escrito. — Justificou-se Pláucio, com ar superior. — Nunca se sabe em que mãos acabam os relatórios. Posso continuar?

— Por favor.

— O que ele não sabe é que a Segunda Legião deixou Caleba e foi colocada a guarnecer os locais de travessia. Carátaco será apanhado entre o rio e o meu exército. Desta vez não terá para onde fugir. Terá que fazer meia-volta e enfrentar-me, e será esmagado. E então, Narciso, tu e o Imperador terão a vossa vitória na Britânia. Não restarão mais do que alguns rebeldes naquela região montanhosa do Ocidente, para lá daqueles selvagens da Caledónia. A esses, o mais provável é que nem sequer valha a pena tentar subjugá-los; nesse caso, precisaremos apenas de uma barreira

defensiva para os impedir de realizar incursões na nossa nova província.

— Barreira? De que género?

— Um fosso, uma muralha, talvez um canal.

— Isso soa-me a despesas.

— Uma revolta sairia mais cara. Mas isso é trabalho para o futuro, de qualquer maneira. Por agora, devemos concentrar-nos em derrotar Carátaco e acabar com a vontade de resistir que algumas tribos ainda exibem. Suponho que quererás assistir à batalha?

— Com toda a certeza. Mal posso esperar. Por ela e pelo momento de a narrar ao próprio Imperador. Vais acabar por te safar bem no meio desta história, Pláucio. Tu e todos nós.

— Nesse caso, proponho um brinde. — Pláucio voltou a encher os copos, e ergueu o seu. — Que os inimigos do Imperador vejam os seus intentos frustrados, e... a uma vitória esmagadora sobre os bárbaros!

— À vitória! — Narciso sorriu, e vazou o copo de um trago.



#### IV

Os centuriões da Segunda Legião espalhavam-se pelas fileiras de bancos que ocupavam o pavilhão do comando, à espera que o legado iniciasse a reunião. O dia tinha sido longo e ocupado com as preparações para a marcha rápida que a legião iniciaria na manhã seguinte. Ninguém sabia ao certo qual o destino da unidade, à excepção do próprio legado, Vespasiano, e este nada tinha dito ao pessoal do seu estado-maior. O Sol tinha acabado de se pôr, e o ar parecia vivo, tal o número de moscardos que nele se agitavam. Formavam enxames em redor das bruxuleantes chamas amarelas das lamparinas de óleo, e de vez em quando escutava-se o som de uma pequena explosão, sempre que um dos insectos se mostrava imprudente e se aproximava demasiado de uma chama. Numa das extremidades da tenda via-se um enorme mapa desenhado sobre pele e emoldurado em madeira, que mostrava uma secção do Tamisa.

Na terceira fileira de bancos sentavam-se os seis centuriões da Terceira Coorte. Mesmo na ponta do grupo via-se um jovem alto, claramente desajustado no meio das faces bem vincadas e experientes dos outros centuriões sentados à sua beira. De facto, mal parecia ter idade suficiente para prestar serviço nas legiões. Uns olhos castanhos brilhavam numa face esguia, sob uma cascata de caracóis de tom escuro. A sua constituição magra era evidente por baixo da túnica, cota de malha e armadura, e os braços e pernas nus não eram musculosos, pelo contrário, pareciam finos e frágeis. Apesar do uniforme e das duas imaculadas medalhas presas à armadura, não parecia mais do que um miúdo a brincar aos soldados, e os olhares que deitava à sua volta denunciavam claramente a sua falta de à-vontade com a situação.

— Cato! Porra, vê lá se estás quieto! — Vociferou o centurião que se sentava ao lado do jovem. — Pareces uma pulga numa chapa aquecida.

— Desculpe, é deste calor. Faz-me sentir esquisito.

— Bem, não deves ser o único. Não consigo perceber o que se passa



com a merda desta ilha. Quando não está húmido e a chover por todos os lados, caem-nos em cima uns dias de caloraça. Podia decidir-se de uma vez por todas. Digo-to outra vez, nunca nos devíamos ter enfiado nesta estremeira. E afinal, o que é que estamos cá a fazer?

— Macro, estamos cá porque estamos cá. — O jovem mostrou um sorriso. — Parece que me lembro de alguém me ter dito que a resposta era sempre essa.

O outro centurião cuspiu no chão, entre as botas.

— Ora, tento ajudar-te, e só desconversas. Nem sei para que me dou ao trabalho.

Cato sorriu de novo, desta vez de forma espontânea. Ainda há poucos meses servia como optio de Macro, na centúria que este comandava. Quase tudo o que sabia sobre a vida militar, tinha-o aprendido nos dois últimos anos, e tinha sido Macro quem lho ensinara. Desde que lhe fora entregue o seu primeiro comando, há apenas dez dias, tinha tido enormes dificuldades em lidar com as responsabilidades do seu novo posto, e tinha apresentado constantemente um ar duro e rígido em frente dos oitenta homens da sua centúria, lançando constantes preces para que estes não se apercebessem da verdade sob a máscara, e vissem a alma atormentada e ansiosa que lá se ocultava. Quando isso sucedesse, a sua autoridade desapareceria, seria incapaz de continuar a comandar os homens, e vivia no temor desse momento. O tempo de que dispunha para lhes conquistar a lealdade era muito curto. E a tarefa era complicada, já que ainda mal tinha decorado os nomes dos homens que comandava, e estava muito longe de lhes conhecer as peculiaridades de carácter. Tinha-os treinado de forma dura, mais do que era normal os centuriões fazerem, mas sabia perfeitamente que, até que o vissem em combate, não o aceitariam completamente como seu comandante.

Era diferente para Macro, considerou, com um traço de amargura. Este tinha cumprido mais de dez anos de serviço antes de chegar a centurião, e a patente servia-lhe como uma segunda pele. Não tinha nada a provar, e as cicatrizes que lhe cobriam o corpo testemunhavam a sua coragem em combate. Além disso, o centurião mais velho era baixo e de constituição sólida, precisamente o oposto do amigo. A qualquer legionário bastava um olhar a Macro para perceber que, se dava valor aos dentes, não era boa política irritá-lo.

— Porra, que esta merda de reunião nunca mais começa! — Resmungou Macro, enquanto esmagava um mosquito que lhe pousara na perna.

— De pé! — Bramou o prefeito do acampamento, na frente dos oficiais. — Chegou o legado!

Os centuriões levantaram-se imediatamente e colocaram-se em sentido, enquanto uma cortina na entrada da tenda era afastada por uma das sentinelas, e o comandante da Segunda Legião fazia a sua aparição. Era um homem forte, com uma face larga e enrugada. Embora não fosse bonito, havia algo na sua aparência que deixava os outros homens à vontade na sua presença. Não exibia aquele distanciamento tão característico dos aristocratas, pouco dados a contactos de índole social com aqueles que consideravam inferiores. De facto, a sua família só recentemente tinha sido promovida na escala social, e o seu avô tinha servido como centurião no exército de Pompeu, o Grande. Assim, Vespasiano não se sentia muito distante dos homens que comandava. E isso notava-se na forma como os homens o estimavam, reflectindo-se ainda na forma como a Segunda Legião tinha combatido sob o seu comando, obtendo um quinhão desproporcionado da glória associada às vitórias alcançadas ao longo daquela campanha.

— À vontade, senhores. Por favor, sentem-se.

Vespasiano aguardou que a tenda regressasse ao silêncio. Quando todos sossegaram e os únicos sons que se escutavam eram os da actividade normal do campo, para lá das paredes do pavilhão, colocou-se a um dos lados do mapa e limpou a garganta.

— Senhores, estamos a um dia da conclusão desta campanha. O exército de Carátaco dirige-se a uma armadilha que provocará a sua inevitável destruição. E com o seu chefe máximo em nosso poder, nenhuma tribo terá ainda vontade de se opor a nós.

— Era bom, era. — Sussurrou Macro. — Quantas vezes é que já ouvi esta história?

— Chiu. — Cato deu-lhe um toque.

O legado tinha conseguido prender a atenção da sua audiência; com uma vara, apontou para o mapa suspenso.

— Estamos acampados neste ponto, a curta distância do Tamisa. Os nossos batedores atrebatos dizem que esta área se chama Três Vaus, e as razões para tal são óbvias. — O legado indicou a região a norte do rio. — Carátaco recua sob a pressão do general Plúcio, e já deve ter alcançado este ponto, mesmo acima dos vaus. Até agora, tem-se limitado a ceder terreno de cada vez que o general faz avançar as suas legiões. E, tanto quanto ele imagina, é isso que nós devemos estar à espera que ele faça. E é por isso que está a planear, desta vez, algo de completamente diferente. Em vez de recuar, Carátaco pretende atravessar estes vaus e rodear as nossas forças. Dessa forma ameaçará as nossas linhas de abastecimento, e cortará o acesso ao depósito em Londínio. Mesmo que obtenha sucesso nesta manobra, não sairá vitorioso, mas conseguirá atrasar-nos mais uns meses.

— Porém, como decerto alguns de vocês já se aperceberam ao olhar

para o mapa, ele vai assumir grandes riscos. As travessias situam-se nesta grande curva do Tamisa. Se ele não conseguir utilizar os vaus e as forças do general ocuparem o corredor de entrada na área, ficará encurralado contra o rio. Não haverá forma de escapar. Terá que se render ou dar batalha.

— Amanhã, ao alvorecer, a Segunda Legião marchará para ocupar posições nos três vaus. Armadilharemos o fundo do rio, e estabeleceremos defesas sólidas no nosso lado de cada uma das travessias. As forças inimigas concentrar-se-ão nestas duas passagens, aqui e aqui. São ambas muito largas, pelo que teremos que empregar a maior parte do efectivo na sua defesa. Assim sendo, as Primeira, Segunda, Quarta e Quinta Coortes ficarão sob o meu comando no vau mais a jusante. As Sexta, Sétima, Oitava, Nona e Décima Coortes, sob o comando do prefeito Sexto, defenderão o vau seguinte, ao subir o rio.

Vespasiano mudou de posição sob o mapa, e usou a vara para mostrar o que pretendia.

— É pouco provável que Carátaco use o outro vau. É estreito, e a corrente é muito forte naquele local. Ainda assim, é possível que o aproveite para tentar colocar algumas unidades ligeiras nesta margem, e teremos que o impedir. Essa tarefa caberá à Terceira Coorte. Máximo, achas que os teus rapazes conseguem dar conta do recado?

As cabeças viraram-se para a outra ponta do banco em que Cato se sentava, e o centurião de rosto magro e nariz comprido que lá se encontrava, o comandante da coorte em que se inseriam Macro e Cato, cerrou os lábios e anuiu.

— Senhor, pode confiar na Terceira. Não o deixaremos mal.

— Conto com isso. — Sorriu Vespasiano. — Por isso é que vos escolhi para esta missão. Nada que um antigo oficial da Guarda Pretoriana não consiga resolver. Lembrem-se, nem um dos inimigos pode passar para este lado do rio. Se queremos acabar com esta campanha, de vez e depressa, temos que conseguir uma vitória absoluta, impiedosa... Bom, e agora resta-me perguntar se alguém tem questões a pôr.

Cato olhou em volta, esperançado em que mais alguém tivesse levantado o braço. Quando viu que os outros centuriões se mantinham impassíveis, engoliu em seco, e ergueu a mão.

— Senhor?

— Sim, centurião Cato?

— O que acontecerá se o inimigo conseguir forçar a passagem nalgum dos vaus, senhor? Como é que os outros destacamentos serão avisados?

— Coloquei dois dos nossos esquadrões montados sob o meu comando, e atribuí um a cada um dos outros destacamentos, o do Sexto e o

do Máximo. Se algo correr mal, poderemos alertar os outros, e, se for necessário, a legião poderá recuar para esta posição sob a capa da escuridão. Mas vamos é tratar de nos assegurar que isso não acontece. Preparem bem as vossas posições defensivas, e extraiam o melhor dos vossos homens. A vantagem está do nosso lado. Temos o elemento da surpresa, e, pela primeira vez a pressa com que eles se deslocam pelo terreno jogará a nosso favor, quando eles se lançarem para os vaus. Se todos fizermos o nosso trabalho como deve ser, a nova província do Império estará conquistada, e só nos restará limpar alguns escassos ninhos de resistência. E depois, teremos um imenso espólio para dividir.

Ao último comentário seguiu-se um murmúrio de aprovação, e Cato viu como os olhos dos homens mais próximos se acendiam perante a perspectiva do saque. Como centuriões, tinham direito a um apreciável quinhão da receita resultante da venda, como escravos, dos homens que tinham feito prisioneiros ao longo do ano que passara. Todas as terras confiscadas tinham passado para as mãos do secretariado imperial, cujos agentes se preparavam para fazer fortunas com as comissões que conseguiriam na venda das mesmas. O sistema de divisão dos ganhos era uma fonte de duras discussões entre os homens das legiões sempre que se sentavam a beber, e o facto de legionários e centuriões terem direito a partes desiguais assegurava que a muito maior desigualdade entre soldados e agentes imperiais fosse ignorada.

— Mais alguma questão? — Inquiriu Vespasiano. Todos se mantiveram imóveis, pelo que o legado se voltou para o prefeito do acampamento. — Muito bem. Sexto, podes dispensá-los.

Os centuriões levantaram-se e puseram-se em sentido. Depois de o legado abandonar a tenda, o prefeito mandou-os sentar de novo, e lembrou-lhes que, antes de abandonarem o quartel-general, deviam pedir aos escrivães as ordens escritas. Quando os oficiais da Terceira Coorte se voltaram a levantar, Máximo levantou o braço para lhes chamar a atenção.

— Mais devagar, rapazes. Quero conversar convosco na minha tenda, assim que tiverem tratado da distribuição dos turnos de sentinela para esta noite.

Macro e Cato trocaram um olhar, o que foi imediatamente detectado por Máximo.

— Estou seguro de que os meus novos centuriões ficarão aliviados por saber que não lhes ocuparei muito do seu precioso tempo.

Cato corou.

Máximo deitou-lhe um olhar frio durante um bom momento, antes de permitir que um sorriso lhe moldasse o rosto.

— Tratem é de estar ambos na minha tenda antes que soe o sinal para a primeira mudança de turno.

— Sim, senhor. — Retorquiram Cato e Macro.

Máximo aquiesceu com um movimento brusco da cabeça, girou sobre os calcanhares e saiu da tenda num passo rígido.

Os olhos de Macro seguiram-no.

— Bom, mas que raio de atitude foi esta?

O mais próximo dos outros centuriões espreitou, para se assegurar de que o comandante da coorte prosseguia o seu caminho através das tendas até desaparecer de vista. Então, virou-se calmamente para os dois novos oficiais da unidade.

— Se fosse a vocês, tinha cuidado.

— Cuidado? — Macro fez uma careta. — O que é que queres dizer com essa, Túlio?

Caio Túlio era o mais antigo dos centuriões da Terceira Coorte, depois de Máximo; era um veterano, com mais de vinte anos e muitas campanhas nas pernas. Embora possuísse um carácter reservado, tinha sido o primeiro a cumprimentar Macro e Cato depois de terem sido nomeados para a coorte. Os outros dois, Caio Pólio Félix e Tibério António, não tinham até ao momento dito a Cato nada mais do que o estritamente necessário, e o jovem pressentia a hostilidade que lhe dirigiam. Macro tinha direito a um tratamento diferente. Já o conheciam desde antes da promoção, e tratavam-no de forma cordial, como aliás era seu dever, uma vez que a nomeação de Macro para o centuriato era anterior à deles.

— Túlio? — Insistiu Macro.

O outro hesitou por um instante, de boca aberta, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa. Mas depois limitou-se a abanar a cabeça.

— Não foi nada. Tentem apenas não lhe aparecer à frente pelo lado errado. Tu especialmente, jovem.

Os lábios de Cato comprimiram-se, formando uma linha fina, e Macro não conseguiu evitar uma risada.

— Cato, não sejas tão susceptível. Podes ser centurião, mas tens que desculpar as pessoas que pensam que não passas de um miúdo.

— Os miúdos não usam coisas destas. — Ripostou, mostrando as medalhas que levava ao peito, para logo se arrepende do gesto imaturo com que pretendia afirmar-se.

Macro levantou as mãos, num gesto de apaziguamento.

— Está certo! Desculpa. Mas, Cato, olha bem à tua volta. Vês alguém que tenha uma idade parecida com a tua, ou que não tenha pelo menos mais uns cinco anos do que tu? Acho que vais acabar por perceber que és uma excepção.

— Pode muito bem ser uma excepção, — juntou Túlio, serenamente, — mas é melhor para ele não sobressair, se quiser ter uma vida sossegada.

O veterano virou-se e seguiu Félix e António para a saída da tenda. Macro ficou a vê-lo afastar-se, coçando o queixo.

— O que queria ele dizer?

— É fácil de perceber. — Resmungou Cato. — Parece que o comandante da nossa coorte pensa que eu não estou à altura do lugar que ocupo.

— Disparate! — Macro aplicou-lhe um leve murro no ombro. — Toda a gente na legião te conhece. E já não tens nada a provar, a ninguém.

— Vá dizer isso ao Máximo.

— Talvez o faça. Um dia destes. Se ele não o perceber primeiro.

Cato abanou a cabeça.

— O Máximo só se juntou à legião há poucos meses, naquela remessa de substitutos que chegou quando estávamos no hospital em Caleba. O mais provável é que nunca tenha ouvido falar de mim.

Macro apontou uma das medalhas de Cato.

— Isto devia dizer-lhe tudo o que precisa de saber. Bom, é melhor irmos, temos que tratar das rondas para esta noite. Não queremos chegar atrasados à reunião com o comandante, pois não?



## V

Depois de se certificar de que o seu optio tinha organizado correctamente os turnos de sentinela, Cato atravessou duas colunas de tendas até alcançar a centúria de Macro, e enfiou a cabeça pela abertura da maior das barracas, que era também a última da fila. Macro estava sentado a uma pequena mesa, examinando algumas tábuas à luz bruxuleante de uma lamparina a óleo.

— Pronto?

O outro ergueu o olhar, e pôs as tábuas de cera de lado. Levantou-se e dirigiu-se ao centurião mais jovem.

— Sim. Já estou farto destas coisas. Merda de registos de pagamentos. Às vezes bem gostava que ainda fosses o meu optio. Era muito mais fácil ter os registos organizados. E podia dedicar-me ao que interessa realmente.

Cato acenou em sinal de compreensão. Com efeito, a vida anterior tinha sido bem mais fácil para ambos. Sob as ordens de Macro, o começo da vida militar de Cato não tinha sido perturbado pelo excesso de responsabilidades. Por vezes, as circunstâncias tinham-no forçado a assumir o comando, e ele sempre aceitara esse dever, mas tinha sido sempre com um profundo alívio que devolvera tal fardo ao seu legítimo proprietário, Macro. Agora que era um centurião, tudo isso pertencia ao passado. Não se limitava a sentir-se julgado por todos, ele mesmo se avaliava constantemente, e com extremo rigor. Não se conseguia sentir impressionado pela figura magra e juvenil num uniforme de centurião que sabia bem corresponder à sua pessoa.

— Como é que se está a aguentar o Fígulo? — Inquiriu Macro enquanto se dirigiam à grande tenda quadrada onde estava instalado o comando da Terceira Coorte. — Não percebo porque é que o escolheste para optio. Quando não se trata de combater, o rapaz é um chato do caraças.

— Está-se a aguentar bem.

— A sério? — Respondeu Macro, com ar divertido. — Trata sozinho dos registos de pagamentos? Para não falar do resto da trampa do trabalho de escrivão?

— Eu... ando a ensiná-lo.

— Ensiná-lo? A quê, ler e escrever, não?

Cato inclinou a cabeça de forma a esconder a expressão sombria que dele se apossara. Macro tinha razão. Sob muitos aspectos, Fígulo era uma péssima escolha — mal conseguia escrever o nome e, quanto a contas, era só pedir-lhe que fizesse cálculos com valores maiores do que a pobre quantia que tinha conseguido poupar no seu primeiro ano de serviço na legião... Perdia-se por completo. Ainda assim, Cato oferecera-lhe imediatamente o posto. Fígulo tinha praticamente a sua idade, e Cato precisava desesperadamente de ver um rosto familiar entre os homens que comandava. A maior parte dos homens que conhecera quando se juntara à antiga centúria de Macro estava morta, ou inválida. Os sobreviventes tinham sido distribuídos pelas outras centúrias da coorte, que estava com falta de homens. Portanto, ficara Fígulo.

Não era que faltassem vantagens, reflectiu Cato, num momento de autojustificação. Fígulo era de origem gaulesa, alto e espadaúdo; fisicamente, não tinha a recear nenhum homem na legião, nem nenhum inimigo. Além disso, tinha jeito para tratar com os homens, dada a sua natureza bem-disposta e sem malícia. Isso fazia dele uma preciosa ponte entre Cato e a centúria. E, tal como o centurião, Fígulo ansiava pela oportunidade de se mostrar à altura da nova patente. Porém, as tentativas que tinha feito para lhe ensinar os rudimentos da arte de manter os registos tinham esgotado a paciência do centurião. Se as coisas não melhorassem rapidamente, Cato acabaria por se ver obrigado a tratar dos assuntos que eram da responsabilidade do optio.

— Podes sempre substituí-lo. — Sugeriu Macro.

— Não. — Retorquiu Cato, obstinado. — Ele há-de servir.

— Se achas que sim. A decisão é tua, miúdo.

— Eu sei. A decisão é minha. Macro, não é o meu pai. Por favor, deixe de agir como se fosse.

— Está bem! Está bem! — Macro ergueu as mãos, num gesto de rendição. — Não volto a tocar no assunto.

— Ainda bem...

— Bom, hum, então o que achas do Máximo, o novo chefe?

— Ainda não o conheço suficientemente para poder dizer alguma coisa. Parece competente. Um bocado convencido, é verdade.

Macro anuiu.

— É da velha escola: cada fivela bem apertada, cada lâmina polida



até encandear, e nem um grão de lama admitido na parada. São tipos assim que formam a espinha dorsal de um exército.

— Como é a história dele? — Cato deitou uma olhadela ao companheiro. — Já falou sobre ele com algum dos outros?

— Troquei umas palavras com o António no outro dia, na messe. Chegou na mesma coluna de reforços, e conheceu o Máximo no depósito, lá em Gesoriaco.

— E?

— Não há grande coisa a dizer. Há quase dez anos que é centurião, já andou por quase todo o Império. Antes disso, esteve na Guarda Pretoriana. Passou lá alguns anos, depois transferiu-se para as legiões. — Macro abanou a cabeça. — Não percebo como é que aceitou uma transferência dessas. Eu matava para entrar para a Guarda; o pagamento é melhor, o alojamento nem se fala, e há mulheres e bebida como só Roma pode oferecer.

— Talvez ele se tenha fartado dessa abundância?

— O quê? — Macro ficou estupefacto. — Que raio de conversa é essa? Uma das tuas filosofias de merda, com certeza. Olha, miúdo, acredita em mim: a abundância nunca é de mais.

— Macro, essa é uma tirada verdadeiramente epicurista.

— Oh, vai chatear outro...

Tinham entretanto chegado à tenda de Máximo. Um brilho mortiço escapava-se entre as abas da tenda; quando as sentinelas se aperceberam da aproximação dos dois centuriões, uma deu um passo ao lado e afastou a aba, para lhes dar passagem. Macro entrou primeiro. Viram-se imersos na atmosfera quente e densa que reinava no interior, e notaram a presença de Máximo, sentado junto à mesa de campanha. À sua frente estavam dispostas cinco cadeiras, das quais três já estavam ocupadas pelos outros centuriões da Terceira Coorte.

— Muito obrigado por terem decidido juntar-se a nós. — Foi a curta saudação do comandante.

Faltava ainda uma boa meia hora até que soasse o sinal para a mudança de turno, calculou Cato, mas antes que pensasse sequer em protestar, Macro adiantou-se:

— Desculpe, senhor.

— Senhores, sentem-se. Temos que começar.

Ao sentarem-se, Macro franziu a sobrancelha, num claro aviso a Cato. Este compreendeu que era aquele o estilo de Máximo à frente da coorte. Esperava, aliás, exigia que os seus subordinados fossem além do mero cumprimento das suas ordens. Isso podia levá-los a deitarem-se a adivinhar em muitas circunstâncias, mas também os mantinha atentos e disponíveis. Cato já tinha testemunhado esse estilo de comando noutras coortes, e de-

testava-o com intensidade. Um comandante que o adoptasse nunca poderia ficar seguro de que as suas ordens seriam cumpridas de acordo com as suas verdadeiras intenções.

Depois de os últimos oficiais se sentarem, Máximo aclarou a garganta e empertigou-se, antes de se dirigir aos seus subordinados:

— Agora que cá estamos todos... Viram o mapa do legado, e espero que tenham compreendido a tarefa que nos foi atribuída. Aguentamos os vaus, impedimos a passagem de Carátaco, e ele será derrotado. Seremos a primeira coorte a deixar o campo amanhã, já que temos que nos deslocar para mais longe; sairemos antes do nascer do Sol. Seguiremos por uma rota usada pelos comboios de abastecimentos, que nos levará ao vau. Por volta do meio-dia, devemos passar por um forte auxiliar. Aí descansaremos por um curto período, e comeremos das rações que eles nos fornecerem. O vau fica a pouco mais de um quilómetro a norte do forte, pelo que teremos muito tempo para lá chegar e fortalecer a posição que vamos ocupar. Muito antes da possível chegada do inimigo. Os homens não levarão as mochilas, não serão necessárias. Só a disposição para combater e o equipamento necessário para tal, mais nada, além dos cantis. Vamos marchar para uma batalha. Nada de gente a ficar para trás, nada de preguiçosos... e nada de cobardes quando enfrentarmos o inimigo. Ninguém se renderá. Evidentemente, — sorriu, — se os bretões se quiserem render, então teremos todo o gosto em cumprir tal desejo. Com alguma sorte, o dia será nosso, bem como uma pequena fortuna. Estão a perceber-me?

Todos os centuriões anuíram com gestos da cabeça — à excepção de um. Máximo virou-se para Macro.

— Qual é o problema?

— Senhor, será que podemos realmente fazer prisioneiros?

— Será que podemos arriscar-nos a não os fazer? — Máximo riu.

— Tens alguma coisa contra ser rico, Macro? Ou queres passar à reforma como um velho miserável?

Macro sorriu de forma polida.

— Senhor, gosto tanto de dinheiro como outro tipo qualquer. Mas não passamos de uma coorte, colocada no flanco da legião. Se começarmos a pôr homens de lado para guardar prisioneiros, vamos enfraquecer a nossa força. E a mim não me deixa nada feliz a perspectiva de ter grupos de bretões tanto pela frente como pela retaguarda, estejam eles armados ou não. Senhor, isso é estar a convidar sarilhos.

— Vá lá, Macro, não achas que estás a exagerar? E tu, jovem Cato, não concordas comigo?

Por instantes, o pânico instintivo de Cato tomou conta do seu ser, enquanto procurava uma resposta adequada à pergunta directa.

— Não sei, senhor. Depende de quantos forem, suponho. Se os pudermos controlar, então acho que não haverá qualquer razão para não tomarmos prisioneiros. Mas se, como o Macro suspeita, eles nos atacarem com uma força muito numerosa, então precisaremos de todos os homens disponíveis na frente. E, nessas circunstâncias, os prisioneiros poderão tornar-se uma ameaça para nós... senhor.

— Estou a ver. — Máximo fez que sim com a cabeça, pensativo. — Achas portanto que, se errarmos, o devemos fazer pelo lado da cautela? Supões que foi assim que nós, romanos, nos tornámos senhores do mundo?

— Senhor, sobre isso nada sei. Penso apenas que nos devíamos preocupar em cumprir as ordens que recebemos, sem nos expormos a riscos desnecessários.

— E eu também! — Máximo soltou uma sonora gargalhada, que fez com que Félix e António se lhe juntassem no riso. Túlio sorriu. Quando o comandante se acalmou, inclinou-se na direcção de Cato e deu-lhe uma palmada no ombro. — Não te preocupes. Não tomarei riscos escusados. Tens a minha palavra. Por outro lado, também não deixarei escapar a oportunidade de conseguir algum dinheiro fácil. Mas tens razão em ser cauteloso. Veremos como evolui a situação amanhã, e agiremos em função das circunstâncias. Chega para te sossegar, rapaz?

Cato assentiu.

— Ótimo. Então, esse assunto está arrumado. — Máximo deu um passo atrás, para repor alguma formalidade na maneira como se dirigia aos seus oficiais. — Atendendo às ordens que recebemos, gostaria que compreendessem que estou firmemente determinado a que a Terceira Coorte se mostre digna da missão que o legado lhe confiou. Amanhã não aceitarei outro comportamento que não o mais diligente, tanto da vossa parte como da dos vossos homens. Sou exigente com os homens que comando, porque quero que, em combate, sejamos a melhor e mais dura das coortes. Não apenas desta legião, mas de todas as legiões dos exércitos imperiais. — Fez uma pausa para perscrutar atentamente as expressões nos rostos dos centuriões, em busca de alguma reacção menos favorável. Cato devolveu-lhe o olhar, sem deixar transparecer qualquer emoção.

— Muito bem. Senhores, tenho consciência de que só comando esta coorte há pouco mais de um mês, mas tenho observado cuidadosamente as actividades de todas as centúrias, e estou certo de que nunca estive com um melhor grupo de homens... à excepção daqueles com quem servi em Roma, claro. Tive também ampla ocasião de avaliar o vosso potencial, Félix, António e Túlio, e estou satisfeito com aquilo que pude ver. São bons homens, e comandam bem as vossas tropas. O que nos traz aos nossos no-

vos comandantes de centúrias... — Virou-se deliberadamente para Macro e Cato, e fez um sorriso curto. — Consultei os vossos registos, e posso dizer que me agrada ter-vos na minha unidade. Macro, dois anos de centuriato, excelente folha de serviços, com louvores do legado e do próprio general. Estou seguro de que poderás enriquecer ainda mais estes registos ao servir na minha coorte.

Macro sentiu o ressentimento a torcer-lhe as entranhas. Servia nas Águias há mais de quinze anos. Quinze anos de dura experiência, e de combates dos mais renhidos que se podiam conceber. Duvidava que algum dos que deixara para trás na pequena aldeia piscatória próxima de Ostia ainda fosse capaz de o reconhecer. O miúdo encorpado que tinha arranjado uma boleia para Roma, para se alistar nas legiões, não passava de uma memória distante, e Macro espumava de raiva perante a condescendência na voz e na forma como o comandante da coorte lhe dera as boas-vindas à unidade. Mas refreou o seu ímpeto, e limitou-se a aquiescer de forma hirta.

— Obrigado, senhor.

Máximo sorriu de novo, e virou o olhar para Cato.

— Bom, centurião Cato, algumas folhas de serviço levam muito menos tempo a ler que outras. Apesar da tua idade, vejo que já acumulaste uma impressionante lista de feitos, e até conseguiste aprender alguma coisa da língua local. Isso pode vir a ser-nos útil. — Considerou. — Será interessante ver como te portas amanhã.

— Senhor, espero não o desapontar. — Replicou Cato, procurando aquietar o seu orgulho ferido, que exigia uma resposta mais elaborada.

— Também o espero. — O sorriso desapareceu da face de Máximo. — Há muita coisa em jogo para todos nós, desde o general até aos legionários na linha da frente. Se tivermos êxito, haverá glória suficiente para nos cobrir a todos. Se fizermos asneira, podem ter a certeza de que as pessoas em Roma nunca nos perdoarão. Faço-me compreender?

— Sim, senhor. — Responderam Félix e António em coro.

— Muito bem. Agora, senhores, gostaria que se juntassem a mim num brinde... — O comandante baixou-se para apanhar um pequeno jarro de vinho que estava sob a mesa. — Não é a melhor colheita, mas considerem-no como um prenúncio das riquezas que em breve teremos na nossa posse. Portanto, cá vai, ao Imperador, a Roma e às suas legiões. Júpiter e Marte, protejam-nos, e enviem a derrota e a morte a Carátaco e aos seus bárbaros!

Máximo tirou a rolha ao recipiente, pegou-lhe pela asa e, apoiando-o no braço, levou-o aos lábios e deixou que lhe escorregassem pela garganta algumas golfadas do líquido. Cato notou uma gota vermelha que se escapou do canto dos lábios do comandante e lhe deslizou ao longo do rosto.

Máximo baixou o jarro e passou-o a Túlio, e um a um os centuriões repetiram o brinde e, ao partilharem o vinho, selaram aquela espécie de pacto. Quando chegou a vez de Macro, este aproveitou para beber mais do que o convencional, e passou o recipiente a Cato enquanto limpava a boca às costas da mão.

Quando ergueu o jarro e repetiu as palavras, Cato sentiu que todos os olhos na tenda estavam postos nele, e preparou-se para engolir o líquido que saía do bocal do tosco jarro de barro. À medida que o vinho lhe passava sobre a língua, Cato resistiu ao impulso de vômito que o sabor avinagrado, azedo e picante, lhe provocou. Nem nos piores bairros de Camaloduno tinha Cato provado um vinho tão mau. Forçou-se a tomar mais um golo, e depois baixou o jarro.

— E já está! — Máximo voltou a pegar no jarro, pôs-lhe a rolha e colocou-o de novo sob a mesa. — Senhores, amanhã... amanhã mostraremos ao resto do exército o que pode uma coorte.



## VI

A coorte preparou-se para a marcha ainda no escuro. Aos lados do torreão que protegia a entrada do campo, dois braseiros iluminavam a cabeça da coluna, mas o seu brilho não se propagava até muito longe na Via Pretoriana, e deixava na escuridão todos os legionários que não pertenciam à Primeira Centúria. Só o ar húmido da manhã os envolvia. Cato, que se encontrava junto aos outros centuriões, ao pé do portão, só se apercebia da presença dos quinhentos homens prontos para marchar para a batalha devido às conversas sussurradas e ao contínuo tilintar das muitas peças de equipamento. No espaço aberto da entrada do campo, via-se também o contingente montado que ia acompanhar a coorte; trinta homens sob o comando de um decurião, equipados de forma ligeira e treinados para desempenhar tarefas de batedores e estafetas, não para combate. Os cavalos esperavam, também eles ansiosos, as orelhas a moverem-se constantemente e os cascos a raspar o chão, enquanto os seus cavaleiros, ainda desmontados, lhes agarravam as rédeas. De mais longe vinham os sons de outros legionários que acabavam de despertar; imprecações, blasfémias, tosses e grunhidos de homens que se espreguiçavam e procuravam activar os corpos entorpecidos pelas horas de sono.

— Já falta pouco, rapazes! — Anunciou o centurião Máximo, enquanto aquecia as costas num braseiro, projectando uma longa e ondulante sombra sobre a mais próxima das fileiras de tendas.

— Está cheio de vontade. — Notou Macro.

Cato bocejou.

— Quem me dera estar também.

— Não dormiste bem?

— Antes de ir para a cama, tive que acabar as contas.

— As contas? — O centurião Félix abanou a cabeça, descrente. —

Na véspera de uma batalha? És doido?

Cato encolheu os ombros, e Félix virou-se para Macro:

— Já o conheces há bastante tempo, não é?

— Sim, não passava de um miúdo quando o conheci.

— Foi sempre assim?

— Oh, sim. Aqui o nosso Cato tem a mania da perfeição. Nunca marcha para uma batalha sem se certificar de que os registos estão actualizados. Não há nada pior do que ser morto enquanto se pensa na papelada. Deve ser qualquer coisa religiosa que apanhou no palácio imperial, uma história sobre a alma ser condenada a percorrer este mundo até que os registos estejam completos, verificados e arquivados. Só depois o seu espírito poderá descansar em paz.

— Isso é verdade? — Perguntou o centurião António, de olhos arregalados.

— Porque é que perguntas? — Macro virou-se para ele, com uma expressão horrorizada. — Não me digas que deixaste a papelada a meio?

Cato suspirou.

— António, ignora-o. A especialidade do centurião Macro é gozar com quem se põe a jeito.

O outro olhar de Cato para Macro e franziu o sobrolho.

— Idiota de merda...

— Ah, sim? Mas estavas a engolir a história, não era? Quem é que é o idiota, então?

— Viveste no palácio? — Indagou Félix. — No palácio imperial?

Cato assentiu.

— Vá, Cato, desembucha.

— Não tenho muito para contar. Nasci e cresci por lá. O meu pai era um liberto, fazia parte do pessoal administrativo. Tratava das diversões para Tibério, e depois para Calígula. Nunca conheci a minha mãe, sobreviveu pouco tempo ao meu nascimento. Quando o meu pai morreu, fui enviado para a legião, e cá estou.

— Deve ser um bocado difícil, depois de viver no palácio.

— Nalgumas coisas, sim. — Admitiu Cato. — Mas a vida no palácio pode ser tão perigosa como a vida nas legiões.

— É boa. — Félix sorriu, e fez um aceno de cabeça na direcção de Máximo. — Foi precisamente o que ele disse.

— A sério? — Murmurou Cato. — Não me lembro da Guarda Pretoriana alguma vez ter tido problemas, à excepção do Sejano e dos seus seguidores.

— Estavas lá nessa altura? — Os olhos de Félix iluminaram-se. — Foi tão mau como se conta?

— Foi pior. — A expressão de Cato endureceu ao recordar a queda de Sejano. — Centenas de pessoas foram massacradas. Centenas. Incluindo

os filhos dele... Costumavam brincar comigo quando visitavam o palácio. Os pretorianos levaram-nos e mataram-nos. É esse o tipo de batalhas que a maior parte deles costuma travar.

Macro franziu o sobrolho perante o tom duro na voz do amigo, e apontou o comandante da coorte com a cabeça.

— Miúdo, tens que ser justo. Ele não andava por lá nessa altura.

— Não, suponho que não, de facto.

— E a Guarda portou-se bem connosco, às portas de Camaloduno. E essa foi uma batalha bem sangrenta.

— Sim, é verdade. Não voltarei a menosprezá-los.

— Sabes, — afirmou calmamente Túlio, — talvez o Máximo tenha conhecido o teu pai. Devias perguntar-lhe. Talvez vocês os dois tenham alguma coisa em comum.

Cato encolheu os ombros. Duvidava seriamente que ele e Máximo tivessem algo em comum. O desdém que o comandante da coorte sentia por ele tinha-se-lhe tornado evidente nos poucos dias em que servira naquela unidade. Mas mais doloroso para o jovem era o pensamento de que os outros centuriões da coorte, à excepção de Macro, podiam ter a mesma falta de apreço por si.

Ouviu-se uma ordem berrada algures na escuridão sufocante, para que os homens se colocassem em sentido, e Cato reconheceu a voz de Fígulo. Enquanto se escutava o som das botas cardadas a bater em unísono sobre o solo seco, fazendo lembrar um trovão longínquo, Máximo abandonou a proximidade do braseiro e dirigiu-se aos seus oficiais.

— Deve ser o legado! Atenção, tudo em sentido.

Máximo deu dois passos em frente e empertigou-se, ficando hirto como um pedaço de madeira. Atrás dele, os outros centuriões colocaram-se em linha, os ombros para trás, os queixos erguidos e os braços esticados ao longo do corpo. Fez-se então silêncio, interrompido apenas pelos sons do respirar e pisotear dos cavalos. Depois, ouviu-se o ruído produzido por um grupo de homens que se aproximava a pé e, instantes depois, Vespasiano e alguns dos oficiais do seu estado-maior emergiram da escuridão para o brilho alaranjado dos braseiros. O legado dirigiu-se aos centuriões e devolveu-lhes a saudação.

— Máximo, vejo que os teus homens parecem bem preparados, e dispostos a combater.

— Sim, senhor. Mal podem esperar para entrar em acção, senhor.

— Gosto de te ouvir! — Vespasiano aproximou-se do comandante da coorte e baixou a voz. — Tens as tuas ordens, e sabes bem a importância do teu papel na batalha que vamos travar hoje.

— Sim, senhor.



— Alguma questão de última hora?

— Nenhuma, senhor.

— Ainda bem. — Vespasiano estendeu a mão, e os dois homens trocaram um cumprimento, apertando o antebraço do outro. — Uma última batalha. Ao fim do dia, esta história já deve estar arrumada. Que os deuses estejam contigo hoje, centurião.

— E também consigo, senhor.

Vespasiano sorriu e voltou-se para oriente, onde a primeira luz da alvorada começava a impor-se no horizonte.

— É tempo de se porem em marcha. Logo à noite partilharei o vinho contigo e com os teus homens.

O legado afastou-se e, seguido pelos seus oficiais, subiu as escadas de madeira que levavam ao passadiço sobre o portão.

Máximo virou-se para os outros centuriões:

— Regressem às vossas unidades! Preparem-se para marchar.

Cato e Macro fizeram a saudação regulamentar e afastaram-se, percorrendo a coluna de homens silenciosos. Ao passar, Cato notou as bossas dos escudos, já que estas estavam impecavelmente polidas e luziam com um brilho pálido; Máximo tinha dado ordens para que as coberturas de couro impermeável dos escudos ficassem no acampamento, reduzindo assim o peso que cada homem tinha que suportar. Era portanto melhor que não chovesse, pensou, recordando o tremendo peso de um escudo ensopado.

Macro deixou-o quando passaram pela Terceira Centúria, dando-lhe um aceno à laia de despedida; Cato dirigiu-se à retaguarda da coluna, onde Fígulo, o seu optio, o esperava junto ao estandarte da Sexta Centúria. Por agora, a longa haste exibia apenas uma condecoração, para lá do pendente quadrado com a identificação da unidade: um disco em que estava inscrito o perfil do Imperador Cláudio, atribuído a todas as centúrias do exército do general Pláucio depois da vitória sobre Carátaco às portas de Camaloduno, fazia quase um ano.

Cato sorriu amargamente para si mesmo. Há um ano. E ali estavam eles, prontos para mais uma vez enfrentarem o comandante bretão. Pela última vez. Mas mesmo que conseguissem uma vitória na batalha que se avizinhava, Cato estava quase certo de que não seria naquela ocasião que as legiões romanas deixavam de lidar com Carátaco. Um ano naquela ilha bárbara tinha-lhe ensinado uma coisa: os bretões eram demasiado idiotas para compreenderem o significado da derrota. Todos os exércitos que tinham enviado contra as Águias tinham sofrido pesadas derrotas. Porém, eles continuavam a lutar sem descanso, e sem cuidarem de quantas vidas já tinham perdido. Para bem deles, e das suas mulheres e crianças, Cato esperava que

aquela batalha acabasse finalmente com a sua vontade de resistir.

Encheu os pulmões.

— Sexta Centúria, preparar para avançar.

Na escuridão, ouviu-se o som do metal a raspar, quando os homens levantaram os escudos do solo e apoiaram os dardos nos ombros, seguido de alguns resmungos e grunhidos enquanto procuravam a melhor posição para equilibrar o peso, e depois o silêncio.

Cato ouviu a ordem para abrir os portões e os protestos das enormes dobradiças de madeira quando as espessas vigas foram empurradas para o interior do forte e se abriu um buraco negro sob a torre sobranceira ao portão iluminado. Máximo lançou a ordem para a coorte se pôr em movimento. A coluna avançou então em cadência, esticando-se à medida que cada centúria esperava uns instantes antes de seguir a que a precedia, para que houvesse algum espaço entre as unidades. Então, ouviu-se António ordenar à Quinta Centúria que iniciasse a marcha. Quando a última fileira se começou a afastar, Cato contou cinco passos em silêncio, e depois gritou:

— Sexta Centúria! Avançar!

Estava finalmente em acção, a comandar os seus próprios homens, a sua unidade, com Fígulo um passo atrás e ao lado. Vinha a seguir o estandarte da centúria, e depois a coluna de oitenta homens que constituíam o seu primeiro comando na legião. Nem um homem na lista da enfermaria. Cato espreitou sobre o ombro, e por um momento o orgulho preencheu-lhe o peito. Eram os seus homens. Era a sua centúria. Os olhos percorreram as figuras indistintas das primeiras filas, e Cato sentiu que nada na vida podia ser melhor do que ser o centurião da Sexta Centúria da Terceira Coorte da Augusta Segunda Legião.

Enquanto a coorte marchava através do portão, o legado desembainhou a espada e ergueu-a vigorosamente, como se quisesse trespassar a escuridão que o rodeava.

— Vitória! Vitória! A Marte!

— Gládios ao alto! — Gritou Máximo da cabeça da coluna, e com um ruído metálico, as curtas e letais espadas dos legionários faiscaram para o alto, e os homens juntaram-se ao legado num grito a plenos pulmões, invocando a protecção do deus da guerra. Os gritos prosseguiram até que a coorte deixou bem para trás os baluartes do campo e estes já não passavam de silhuetas recortadas contra o céu que começava a iluminar-se com o nascer do dia.

Cato lançou um último olhar sobre o ombro, e depois virou a atenção para o caminho por onde Máximo levava os seus homens a caminho da batalha que selaria definitivamente o destino de Carátaco e dos seus guerreiros.



## VII

Quando o Sol se levantou, tornou-se evidente que o dia ia ser quente e abafado. Nem o mais leve traço de brisa perturbava o céu de um azul sem mácula. A coorte marchava pela rota dos abastecimentos, as botas cardadas dos legionários a levantarem a poeira que cobria os rastros deixados pelos vagões que percorriam regularmente o caminho. O equipamento chocalhava, e ouvia-se o raspar constante de cabos de dardos e de bainhas de gládios no interior dos escudos. A curta distância, à direita, os homens do esquadrão de cavalaria conduziam as suas montadas paralelamente à infantaria. Os centuriões, convocados por Máximo, marchavam à cabeça da coluna.

— Mantenham a passada num ritmo regular. — Indicava o comandante. — Não é preciso acelerar. Não queremos deixar os homens exaustos pela caminhada.

Macro discordou, mas manteve o silêncio. Havia todas as razões para se colocarem o mais cedo possível no lugar que lhes tinha sido designado. O legado tinha deixado bem claro que era fundamental que todas as unidades ocupassem as suas posições, para que a armadilha se fechasse sobre Carátaco. Era verdade que a Terceira Coorte tinha tempo de sobra para alcançar o vau logo ao início da tarde, mas se fosse ele o comandante, teria forçado a marcha, guarnecido a posição rapidamente, preparado imediatamente as defesas, e só então teria permitido que os homens descansassem, enquanto aguardavam pela chegada do inimigo. Valia bem mais ter uma grossa margem de erro do que uma estreita, decidiu. Pelo menos isso tinha aprendido em todos os anos de árduo serviço nas Águias. Mas a verdade é que não era ele o comandante da coorte, e não lhe cabia discutir as ordens dos seus superiores. Portanto, manteve a boca fechada, e anuiu em resposta às instruções, como os outros centuriões.

— Assim que chegarmos ao forte auxiliar, pegamos nas ferramentas e concedemos um pequeno descanso aos homens.

— A que unidade pertencem os auxiliares, senhor? — Perguntou Cato.

— À Primeira Bataviana — germanos de boa cepa. São bons rapazes. — Máximo sorriu. — E estão em boas mãos. São comandados por um velho amigo meu, o centurião Porcino, que também esteve na Guarda Pretoriana.

— Primeira Bataviana? — Macro pensou alguns segundos. — Não foram eles que estiveram em apuros nos pântanos do Tamisa, no Verão passado?

— Foram...

— Bem me parecia. — Macro acenou, e apontou Cato com o polegar. — Estivemos lá. Tivemos que limpar o terreno depois daquela história deles se meterem a perseguir os nativos, se perderem no pântano e serem praticamente destruídos. Não foi, Cato?

— Hum... foi. Acho que sim. — Cato tinha estado a observar o comandante da coorte, e notara o sobrolho franzido. — Mas combateram bem.

Macro virou-se para ele com uma expressão de surpresa, e Cato abanou a cabeça, para tentar avisá-lo.

— Sim, eles lutaram bem. — Rosnou Máximo. — Honraram o seu comandante. Perderam mais de metade do efectivo, e mesmo assim o Porcino manteve-os em combate. Estão em boas mãos, como já disse.

— Bem, — Macro fungou, — se ele é assim tão bom comandante, então porque é que...

Cato olhava-o fixamente, e por fim ele percebeu. Fez uma pausa, olhou um instante para Máximo, e pigarreou.

— Porque é que o quê? — Insistiu Máximo, num tom duro.

— Bem, porque é que... Porque é que o general não lhe prestou as honras devidas?

— Macro, sabes como são essas coisas. Alguns centuriões são sempre vistos de esguelha pelos nossos legados e generais. Enquanto outros — e Máximo olhou para Cato — vêem tudo cair-lhes nas mãos, numa bandeja de prata. É assim o mundo. Não achas, centurião Cato?

— Sim, senhor. — Cato forçou-se a sorrir. — Mais uma das iniquidades desta profissão.

— Iniquidades? — Repetiu Máximo, em tom jocoso. — Ora aí está uma bonita palavra. Sabes mais algumas desse género, filho?

— Senhor?

— Tens mais palavras caras que queiras ensinar-me?

— Senhor, não foi minha intenção...

— Tem calma! — Máximo sorriu de forma exagerada, e ergueu a

mão. — Não veio aqui mal nenhum ao mundo, e ninguém se sentiu ofendido! Não é culpa tua se passaste a maior parte da vida com o nariz metido nos livros, em vez de te preparares como devia ser para uma vida de soldado, pois não?

Cato baixou a face para ocultar a raiva que o percorria.

— Não, senhor. E tenciono esforçar-me bastante para compensar a minha falta de preparação.

— É claro que sim, miúdo. — Máximo piscou o olho na direcção de António e Félix. — No fim de contas, um jovem não nasce ensinado.

— No fim de que contas, senhor? — Cato enfrentou o comandante. Máximo sorriu quando se apercebeu do brilho de determinação nos olhos do jovem oficial. Deu-lhe uma palmada no ombro.

— Maneira de dizer, filho. Foi só isso.

— Muito bem, senhor. — Cato anuiu com um gesto da cabeça. — Posso voltar para junto dos meus homens?

— Cato, não é preciso amuares.

Houve um momento de silêncio enquanto Cato tentava controlar um novo acesso de fúria. Percebia que Máximo o estava a atizar, tentando forçá-lo a qualquer demonstração de petulância em frente dos outros centuriões. Era tentador responder na mesma moeda, mostrar o que já tinha conseguido, apontar as medalhas que lhe ornavam o peito. Infelizmente, quer Máximo quer Macro ou Túlio tinham mais medalhas do que ele. António e Félix ainda não possuíam qualquer condecoração por bravura, pelo que se limitaria a insultá-los, e a ser alvo da chacota dos outros três centuriões, que não lhe perdoariam a arrogância. E menosprezar o comandante poderia ser interpretado como insubordinação, o que só pioraria as coisas. Mas não fazer nada daria a sensação de que não passava de um fraco, e seria quase um convite para que Máximo prosseguisse na sua campanha de comentários maliciosos. Achincalhar os subordinados era uma prerrogativa da patente, e Cato percebeu que era algo a que tinha que se habituar. Por muito injusta que fosse a situação, dificilmente encontraria simpatia pela sua posição junto dos outros centuriões. Cada homem tinha que sofrer a sua parte, e aguentar os insultos mal disfarçados e as propostas acintosas, sem qualquer possibilidade de lhes dar a resposta que mereciam. Quem cedesse a essa tentação depressa estaria acabado. Tudo o que lhe restava portanto era suportar a tempestade e aceitar a... iniquidade — sorriu amargamente consigo mesmo — da situação.

Num lampejo, compreendeu que, no fundo, aquela era apenas mais uma forma que as legiões tinham para endurecer os homens. Os desconfortos associados à vida militar eram tanto mentais como físicos, e era melhor que se habituasse a isso, porque, caso contrário, homens como Máximo

destruí-lo-iam, tão certo como a noite se seguir ao dia. Muito bem, se não podia arriscar mostrar-se mais inteligente do que o seu comandante, e se não aguentava mais ser o alvo das suas piadas, então o melhor era manter-se afastado dele, tanto quanto possível.

Olhou sobre o ombro, ao longo da linha de homens, até avistar a sua centúria, a última da coluna. Franziu o cenho.

— Senhor, parece-me que a minha centúria se está a deixar ficar para trás. Peço licença para ir lá e os pôr a mexer como deve ser.

Máximo olhou para a retaguarda da coluna, e depois encarou Cato com ar desconfiado. Por momentos, o jovem receou que o seu pedido fosse recusado.

— Muito bem. Vê lá se eles acompanham o passo da coluna.

— Sim, senhor. — Cato fez a saudação regulamentar, girou sobre os calcanhares e dirigiu-se para o fim da coluna, cruzando-se com os legionários, sob o olhar atento de Máximo.

— Macro?

— Senhor?

— Até que ponto é que conheces este rapaz?

— Bastante bem, senhor, suponho. — Macro respondeu com cautela. — Pelo menos, conheço-o desde que ele se juntou à Segunda Legião, como recruta.

— Há assim tanto tempo? — Máximo arqueou as sobrancelhas. — Isso deve fazer quase, deixa-me ver... dois anos. Caramba, é mesmo muito tempo.

Até Macro se conseguiu aperceber da forte dose de sarcasmo empregue na afirmação. Decidiu imediatamente que Cato tinha que ser defendido, antes que Máximo sedimentasse um julgamento erróneo sobre o jovem centurião. A primeira impressão era difícil de apagar, mas a última coisa que Macro queria ver era Cato ser prejudicado por um julgamento apressado de um veterano, logo quando tinha a sua primeira experiência no comando de uma centúria. Os homens da Sexta ainda estavam irritados com a nomeação de um centurião que era mais novo do que praticamente todos eles. A escolha de Fígulo para *optio*, feita por Cato, também não tinha ajudado nada à situação. O gaulês era apenas uns meses mais velho do que o centurião, mas pelo menos tinha o tipo de aspecto físico que desincentivava a insubordinação nas fileiras. Fígulo não seria um problema, concluiu Macro. Era Cato quem se ia ver pressionado para justificar a sua ascensão meteórica. E o veterano sabia que o seu jovem amigo, possuidor de uma fraca autoconfiança mas animado por uma ambição poderosa, seria capaz de tudo para provar que era merecedor das honrarias que lhe tinham sido concedidas. Já várias vezes testemunhara a coragem, movida pelo deses-

pero, do rapaz. À primeira oportunidade, Cato trataria de demonstrar a Máximo que estava enganado, ou morreria a tentá-lo. Se o comandante da coorte não tomasse consciência disso e abrandasse o tratamento zombeteiro que lhe estava a aplicar, o miúdo seria um perigo para si mesmo.

Nesse momento, Macro foi assaltado por uma suspeita terrível, que lhe deteve o curso do pensamento. E se Máximo já o tivesse reconhecido, mas tivesse decidido usar aquela peculiaridade do carácter de Cato contra o próprio, explorando-a até ao fim?

Limpou a garganta, e começou, naquilo que esperava fosse um tom ligeiro:

— Sim, senhor, é verdade que é muito novo. Mas aprendeu depressa. E tem coragem.

— Novo! — Troçou Máximo. — Nessa já reparei, obrigado.

Os outros centuriões riram-se, e Macro forçou-se a sorrir também, enquanto se preparava para realizar uma nova tentativa de levar Máximo a adoptar um tratamento mais correcto para com o mais jovem dos centuriões da coorte.

— Ele é um bocadito susceptível, senhor. — Macro sorriu. — Lembra-se com certeza de como é ter aquela idade.

— Sim, recordo-me. E é precisamente por isso que penso que não se devem pôr rapazes a comandar homens. Não possuem o temperamento adequado, não achas?

— Na maior parte dos casos, sim, senhor.

— E no teu caso?

Macro pensou um pouco, e acabou por concordar.

— Acho que sim. Nunca poderia ter sido centurião com a idade de Cato.

— Nem eu. — Máximo riu. — Por isso, o nosso jovem centurião não me convence.

— Mas Cato é diferente.

Máximo encolheu os ombros, e olhou para a estrada que se estendia à sua frente.

— Depressa o saberemos.



A poeira que se levantava à passagem da coluna ficava no ar e afectava principalmente os homens que marchavam na retaguarda, secando-lhes e irritando-lhes as gargantas. Por isso, a Sexta Centúria tinha, pouco a pouco, deixado aumentar a distância que a separava da Quinta. Depois de dar conta do sucedido, Cato ordenou-lhes que recuperassem a posição ini-

cial e manteve a formação correcta no conjunto da coorte, apesar do murmúrio de protestos com que as suas ordens foram recebidas.

— Silêncio! — Gritou. — Pouco barulho nas fileiras! Optio, toma nota do nome do próximo que abrir a boca sem que tal lhe seja ordenado.

— Sim, senhor! — Respondeu Fígulo.

Cato saiu da estrada e ficou a ver a centúria a desfilar, observando cuidadosamente os homens. Já tinha o olhar treinado na detecção dos bons e maus elementos, na distinção entre veteranos e recrutas, na análise dos que estavam em forma e dos que se arrastavam penosamente. Naquelas circunstâncias não ficavam dúvidas de que todos estavam em boas condições físicas; o infernal regime de treino e de marchas constantes encarregava-se desse ponto. Os seus olhos concentraram-se na análise do aspecto do equipamento que os homens transportavam, tomando mentalmente nota daqueles que tinham feito todos os esforços para apresentar o material no melhor estado possível. Fixou os rostos dos que tinham a armadura suja e desleixada; tinha que mandar o optio tratar desses casos. Uns dias de faxinas deviam ser suficientes para os pôr na linha. Se essa medida não resultasse, podia sempre multá-los.

Depois de a última fileira passar, Cato esperou ainda algum tempo para verificar o alinhamento das linhas, e depois regressou à estrada e correu para retomar a sua posição. Estava satisfeito com o que tinha visto até ali. Havia uma mão-cheia de maus elementos que se identificavam à distância, mas a grande maioria eram homens honestos, trabalhadores e conscientes do seu papel. O único factor que ainda o apoquentava era o seu desconhecimento do espírito de grupo da unidade. Os rostos que tinha perscrutado enquanto passavam não mostravam grande expressão, e uma vez que lhes tinha ordenado que se mantivessem em silêncio, não havia muito que pudesse servir para avaliar o estado de espírito da centúria, para além de algum ressentimento para com a ordem. Considerou a possibilidade de a alterar e de lhes permitir conversar enquanto caminhavam, o que lhe permitiria aperceber-se melhor dos sentimentos que imperavam entre os homens. Mas contrariar uma ordem tão recente só o faria parecer indeciso e incapaz de assumir uma posição. Portanto, por agora, teria que aceitar o facto de os homens terem ficado mal-dispostos com ele. Talvez isso até contribuisse para formar a imagem que queria que os outros tivessem dele, a de um disciplinador implacável que não toleraria o menor indício de insubordinação dos homens que comandava. Havia de mostrar uma ou duas coisas àquele filho da puta do Máximo...

E era por isso, compreendeu subitamente, que estava a ser tão duro com os homens. Estava a fazê-los pagar pela raiva que sentia; e ao aperceber-se de tal facto, sentiu-se imediatamente engolido por uma vaga de culpa



e autodesprezo. Não havia qualquer diferença entre a forma como Máximo o tratara e a vingança que exercia sobre os legionários que estavam sob o seu comando. Máximo tinha razão — por muito que lhe custasse admitir. Estava amuado, e oitenta homens de valor sofriam as consequências. Se não se livrasse daquela sensibilidade tonta, seria para eles um anátema. Mas eles teriam que ser capazes de confiar absolutamente nele, se quisessem prevalecer sobre a selvagem ferocidade de Carátaco e da sua horda.



Pouco depois do meio-dia, chegaram a um ponto em que a estrada fazia uma curva, dirigindo-se a um outeiro próximo. No cimo deste podia ver-se terra escura, denunciando a recente escavação e construção de um baluarte. Uma paliçada de madeira percorria o topo do monte de terra, e torres de construção mais sólida marcavam os cantos da edificação, bem como os dois portões. Os detalhes do forte eram indistintos sob o calor que fazia tremeluzir a imagem, mas, por trás da colina, já se adivinhava o Tamisa, com as suas águas frescas e convidativas aos olhos dos legionários extenuados. Cato sentiu que há meses que não via uma cena tão pacífica e serena, mas a visão do rio trouxe-lhe à lembrança a batalha iminente. Dentro em pouco, as águas tranquilas estariam manchadas pelo sangue, e os cadáveres espalhar-se-iam pela paisagem sob a luz brilhante do Sol.

Enquanto a coorte se aproximava, não havia sinal de movimentações no baluarte, quase como se as sentinelas tivessem decidido recolher-se, para fazer uma sesta protegidas do calor. Por cima do forte pairavam pequenos pontos negros: provavelmente alguma espécie de necrófagos, concluiu Cato. Para lá de alguns andorinhões que dardejavam aqui e ali, eram aqueles os únicos pássaros que se viam pelo ar. Quando a coorte chegou à distância correspondente ao alcance dos arcos longos e ainda não havia qualquer sinal de vida no forte, o centurião Máximo ordenou à coorte que se detivesse, e mandou os batedores montarem e irem investigar. Dirigiram-se ao forte, subindo a ligeira encosta.

— Oficiais à frente da coluna!

Cato correu, o equipamento a chocalhar enquanto passava pelas centúrias silenciosas. Juntou-se aos outros oficiais, com a respiração pesada e o suor a escorrer-lhe pela testa.

— Há qualquer coisa errada. — Murmurou Félix.

Máximo virou-se para ele devagar.

— A sério? Achas que sim?

Félix pareceu surpreendido com a reacção.

— Bem, senhor, sim. Ou isso ou eles têm ali as piores sentinelas

que alguma vez encontrei. E, nesse caso, alguém tem que levar uma boa ensaboada.

Máximo anuiu.

— Bem, muito obrigado pela tua concisa apreciação da situação. Muito instrutiva... Idiota! É evidente que alguma coisa não está bem.

Félix começou a murmurar qualquer coisa, mas resolveu que era melhor manter-se calado, e ali ficou, a olhar para as botas e a escavar o solo com a ponta de uma delas. Os outros centuriões olharam para o forte e viram como os batedores se aproximavam cautelosamente da entrada. Uma das portadas começou a abrir-se lentamente.

— Senhor!

— Estou a ver, António.

Um vulto escuro saiu da sombra da muralha, ficando bem à vista. Era um cão, um dos animais de grande porte que os batavianos insistiam em manter por perto, quando em campanha. Lançou um olhar rápido aos batedores que se acercavam, virou-se e fugiu velozmente na direcção oposta. Por momentos, os oficiais ficaram a vê-lo correr, o dorso a oscilar, enquanto desaparecia por trás da colina.

— Senhor, o que é aquilo? — Inquiriu Cato, apontando para o torreão sobranceiro à entrada do forte.

O portão tinha continuado a abrir-se, e estava agora em plena luz. Havia alguma coisa pendurada no interior da portada.

— Oh, merda. — Lamentou o centurião Félix.

Ninguém lhe respondeu. Já todos conseguiam distinguir perfeitamente o que era, e a ninguém apetecia falar. Era o corpo de um homem, preso às tábuas por estacas metálicas cravadas nas palmas das mãos. Estava nu, e tinha sido estripado; as entranhas caíam-lhe sobre as pernas, em tons vermelhos e cinzentos que reluziam ao Sol.



## VIII

O centurião Máximo virou-se rapidamente.

— Coorte! Formar! Em fileiras apertadas!

Enquanto os homens se movimentavam e juntavam os escudos, Máximo enviou os centuriões de volta às unidades respectivas. Junto ao forte, os batedores tinham-se espalhado pelo caminho, e o decurião aproximava-se lentamente do portão, acompanhado por outros três homens. Detiveram-se por um momento junto ao cadáver mas, pela altura em que Cato chegou junto a Fígulo, que se tinha mantido à frente da Sexta Centúria, já tinham desaparecido no interior da fortificação.

— Senhor, o que se está a passar?

— Optio, por acaso não tens olhos? — Retorquiu Cato rispidamente. — Sugiro que os uses.

Fígulo colocou a mão em pala, a proteger a vista da luz do Sol e franziu os olhos enquanto se esforçava por ver o que se passava; entretanto, Cato apercebeu-se de que os homens murmuravam nas suas costas. Lançou um olhar furibundo sobre o ombro.

— Toca a calar!

Ao avistar um legionário que tinha arriscado sussurrar qualquer coisa ao vizinho, Cato virou-se e dirigiu-se ao homem, apontando-o.

— Tu! Tu, sim! Vais ter uma participação. Como é que te chamas?

— Tito Vélio, senhor!

— Não te mandei calar, porra? Quem é que te mandou falar depois disso? — Cato estacou à frente do legionário e encarou-o, forçando-o a recuar imperceptivelmente. Vélio era um pouco mais baixo do que o centurião, bastante mais velho e muito mais forte. Olhava sobre o ombro do oficial, sem qualquer expressão no rosto. — Então?

— Senhor, dizia apenas que estamos metidos num sarilho. — Os olhos do homem encontraram os de Cato, pelo mais breve dos instantes. — Foi tudo. — O olhar regressou ao habitual fitar do infinito.

As narinas de Cato tremeram enquanto ele exalava, irritado.

— Optio!

— Senhor? — Fígulo apressou-se a responder à chamada.

— Vais pôr aqui o Vélio de faxina às latrinas, dez dias.

— Sim, senhor.

Cato deu um passo atrás e lançou um olhar abrangente aos homens que comandava.

— O próximo linguarudo que eu ouvir a falar sem permissão vai passar vinte dias na merda!

Virou-se e voltou a dirigir a atenção para o forte. O portão tinha-se escancarado e ficara encostado ao torreão, e o homem ficara dependurado, imóvel. Não havia sinais de vida no interior, e só o lento esvoaçar dos corvos perturbava a calma mortal que se espalhava pelos baluartes. Cato perscrutou a paisagem em redor, mas em nenhuma direcção se notava qualquer movimento. Nem inimigos, nem tropas auxiliares, nem sequer algum nativo que vivesse na zona.

Por fim, o decurião que comandava os batedores emergiu das sombras do torreão e dirigiu-se a trote até ao centurião Máximo, que tinha avançado alguns metros, impaciente por saber o que tinha acontecido à guarnição do forte.

— Então?

O decurião parecia fortemente abalado.

— Estão todos mortos, senhor.

— Todos? Toda a unidade?

— Suponho que sim, senhor. Não os contei, mas ali dentro devem estar mais de cem corpos. A maioria não parece ter morrido depressa.

Máximo olhou para o forte durante um momento, e depois deu as suas ordens ao decurião.

— Pega nos teus homens, e procura os rastos dos autores deste serviço. Descobre para onde se dirigiram, e depois apresenta-me um relatório.

O decurião saudou o superior, fez o cavalo dar meia-volta e regressou para junto dos seus homens, ordenando-lhes que formassem. Máximo dirigiu-se ao forte com passos decididos e entrou.

Os batedores seguiram para norte em busca do inimigo, e depressa desapareceram da vista dos homens da coorte, que ficaram em silêncio à espera do seu comandante, debaixo de um sol abrasador; a ansiedade aumentava nos rostos à medida que o tempo passava e aquele não regressava do forte. Ao fim de cerca de um quarto de hora, pelos seus cálculos, Cato já não aguentava mais, e deu uma palmada na coxa, irritado.

— Senhor, pensa que aconteceu alguma coisa ao comandante? —  
Perguntou Fígulo, em voz baixa.

— Espero que não. Mas era bom que ele voltasse, e depressa. Não podemos atrasar-nos. Ele tem ordens precisas.

— Não deveria alguém ir ver se ele está bem?

Cato olhou ao longo da coluna, localizando os outros centuriões. Macro olhava para ele, e moveu as mãos num gesto de impotência.

— Tens razão. — Concedeu. — Alguém tem que ir ver o que se passa. Fica aqui.

Cato dirigiu-se à frente da coluna. Félix e António, comandantes das centúrias mais próximas, olharam-no com surpresa quando passou por eles. Parou junto a Macro.

— Porra, que está a demorar! — Resmungou este.

— Pois está. E temos que nos pôr a mexer.

— Vamos precisar das ferramentas do forte para abrir trincheiras.

— Então temos que as ir buscar e seguir para o vau. Alguém tem que ir lá...

Enquanto Macro coçava o queixo e avaliava a situação, o centurião Túlio aproximou-se deles com uma expressão de ansiedade no rosto enrugado.

— O que é que vocês acham que devemos fazer?

Macro olhou-o espantado. Sendo o oficial mais antigo presente, Túlio devia tomar decisões, não pedir conselhos ou, pior ainda, opiniões. O centurião mais velho continuou a olhar para eles com um ar de esperança, à espera que dissessem qualquer coisa.

— Alguém tem que ir lá. — Disse, por fim, Cato.

— Ele ordenou-nos que permanecêssemos com as nossas centúrias.

— Olhem, — irritou-se Macro, — não podemos passar o dia todo aqui a fazer farinha. Temos que chegar ao vau. Alguém tem que ir buscar o Máximo. E já.

— Pois. Mas quem?

— Sei lá. — Retorquiu Macro. — Vai tu.

— Eu? — Túlio pareceu ficar assustado perante a perspectiva. Abanou a cabeça. — Não. É melhor eu ficar com a coorte. Se for uma armadilha, vou ser necessário aqui. Vai tu, Cato. É melhor correres até lá, agora mesmo.

Cato nem se deu ao trabalho de mostrar o seu desagrado; em vez disso, virou-se para o forte e começou a correr pelo declive acima. Quase no mesmo instante, uma figura emergiu do portão, e caminhou a passadas largas pela estrada. Reparou imediatamente no ajuntamento dos centuriões,

e dirigiu-se a eles sem disfarçar a fúria. Os três oficiais prepararam-se para aguentar a reprimenda.

— Que diabo é isto? Quem é que vos disse para deixarem as vossas unidades?

— Senhor, — protestou Cato, — estávamos preocupados com a sua segurança.

— E estamos a atrasar-nos. — Ajuntou Macro. — Nesta altura já devíamos estar a caminho do vau, senhor.

Máximo virou-se de imediato para ele, espetando-lhe um dedo no peito.

— Centurião, não te atrevas a dizer-me o que devo fazer!

— Senhor, apenas pretendia lembrar...

— Calado! — Máximo berrou a ordem na cara de Macro. Por um momento, os dois oficiais encararam-se ferozmente, enquanto os homens em redor observavam espantados.

Cato tossiu.

— Senhor?

— O que é?

— Há sobreviventes?

— Nem um.

— Algum sinal do centurião Porcino?

Máximo pestanejou ao ouvir o nome do amigo.

— Oh, sim, encontrei-o. De facto, encontrei-o por todo o lado.

— Não compreendo.

— Porra, queres que te faça um desenho? Se alguma vez apanhar os cabrões que fizeram isto, juro pelo nome da minha família que não de deixar levar todo o dia a morrer.

O som de cascos distantes atraiu a atenção dos homens para a base da encosta; um dos batedores aproximava-se a galope. Puxou as rédeas quando se aproximou dos oficiais, e o cavalo projectou alguns torrões de terra para cima destes, ao deter-se. O batedor saltou imediatamente para o chão e saudou Máximo, quase sem fôlego.

— Apresenta o relatório!

— Senhor, encontrámo-los! — O batedor lançou o polegar sobre o ombro, apontando para norte, na direcção do Tamisa. — Infantaria. Dirigem-se para ocidente, ao longo do rio, a menos de quatro quilómetros daqui.

— Quantos são? — Perguntou Cato.

— Entre trezentos e quatrocentos, senhor.

Máximo lançou um olhar de aviso a Cato, antes de voltar a dirigir-se ao batedor.

— Rapaz, é a mim que estás a apresentar o relatório.

— Sim, senhor. — O homem estava aflito. — É claro. Desculpe, senhor.

O comandante da coorte anuiu com severidade.

— Está bem. Vamos a eles. Regressa para junto do teu decurião. Quero que os sigam. Se mudarem de direcção, informem-me imediatamente. Percebido?

— Sim, senhor.

— Então vai. — Máximo acenou-lhe com a mão para que se despachasse, e virou-se para os outros oficiais. Enquanto o batedor se lançava sobre a sela e impelia a montada, afastando-se, o centurião ordenou os pensamentos. — Muito provavelmente, é um pequeno grupo que aproveita qualquer oportunidade para atacar unidades isoladas.

— Um pequeno grupo? — Admirou-se Cato.

— Que mais poderia ser?

— Bem, é óbvio. — Cato estava surpreso.

Macro surpreendeu-se com a resposta directa, pouco habitual no amigo.

— Ah, sim? Bom, centurião, por quem és, partilha connosco, pobres mortais, a tua sabedoria táctica.

— Devem ser batedores do exército de Carátaco. Deve-os ter mandado para verificarem os vaus.

— E porque teriam atacado o forte, então?

— Porque devem ter sido vistos. Talvez Carátaco não quisesse ninguém vivo que fosse capaz de dar informações sobre os seus movimentos.

— Então para que os teriam morto desta maneira? Que propósito é que isso serve?

— São bárbaros. — Cato encolheu os ombros. — Não conseguem evitar comportar-se desta forma.

— Uma merda! São é assassinos... carniceiros! É tudo. E agora vão pagar por isto.

— Senhor, — interveio Macro, — e as nossas ordens?

Máximo ignorou-o e virou-se para a coluna, enchendo os pulmões.

— Coorte! Preparar para avançar!

— Se deixarmos o vau desprotegido e Carátaco resolver atravessar aqui...

Máximo encarou-o com um sorriso forçado.

— Macro, temos tempo para tratar destes nossos amigos e ainda assim guarnecer o vau. Acredita.

— Mas as ferramentas de que vamos precisar estão no forte, senhor.

— Voltaremos cá para as apanhar...  
— Mas se tivermos que voltar para trás...  
— Demónios, Macro! — Exclamou Máximo, as mãos a formarem punhos cerrados. — Pega na tua centúria. Arrebanha a merda das ferramentas, e vem ter connosco ao vau.

— Sim, senhor.  
— Coorte! — O centurião ergueu o braço e lançou-o para a frente.  
— Avançar!

— Terceira Centúria! — Berrou Macro — Abandonar formação!  
Os homens de Macro saíram do caminho enquanto o resto da coorte seguia Máximo, que se dirigia a passo acelerado na direcção do Tamisa. Lançando um relance às costas do comandante da coorte, Macro agarrou Cato pelo braço.

— Escuta. Isto está a correr mal. O Máximo passou-se. Se ele se lembrar de alguma que vos ponha, a ti e aos homens, em perigo...

Cato assentiu, devagar.

— Farei o que for preciso, se as coisas forem por esse caminho.  
Vemo-nos no vau.

— Certo. Tem cuidado, miúdo.

— Tenho sempre. — Cato forçou-se a sorrir, e depois virou-se para os seus homens.

Macro viu o amigo juntar-se à formação, ao lado de Fígulo. Toda a Sexta Centúria passou, e quando a última fileira desapareceu por trás da colina, Macro ordenou aos seus homens que subissem a encosta. Além do tilintar do equipamento dos legionários, o único som que se escutava era o dos corvos a disputarem os cadáveres no interior do forte.





## IX

Cerca de uma hora depois, a coorte alcançou os bretões. Uma massa compacta de infantaria marchava rapidamente para montante ao longo do rio, na direcção do vau que a coorte tinha por missão defender. Tornou-se imediatamente claro que não chegariam lá antes dos romanos, mas viu-se que o comandante bretão era combativo e não estava disposto a desistir sem tentar, pelo que forçou os seus homens a estugar o passo, mesmo perante a aproximação da coluna inimiga. Então pareceu mudar de opinião, e os bretões mudaram repentinamente de direcção, afastando-se do vau e tentando desesperadamente escapar aos seus perseguidores. Máximo deu imediatamente ordens ao decurião que comandava os batedores, para que estes se adiantassem e travassem o passo aos inimigos, forçando-os a envolver-se em escaramuças.

Assim, os batedores começaram a aproximar-se da coluna inimiga, lançando os seus dardos ligeiros contra as primeiras fileiras bretãs, antes de galoparem de volta a uma distância segura. Ao ver que esta táctica não alcançava grandes resultados quanto ao objectivo de atrasar o passo do inimigo, o decurião reagrupou as suas tropas e ameaçou várias vezes lançar uma carga, o que obrigou os bretões a deterem-se e prepararem-se para o embate. Depressa porém perceberam que os romanos não concretizavam a ameaça, e ignoraram a terceira ameaça, o que obrigou os batedores a pararem e fazerem rapidamente meia-volta para escaparem. Ainda assim, Máximo e os seus homens tinham ganho algum tempo. Pouco mais de uma hora depois de a coorte ter deixado o forte, os bretões deram meia-volta e prepararam-se para enfrentar os seus perseguidores.

— Coorte... alto! — Bradou Máximo. — Formar linha!

Enquanto as cinco centúrias ocupavam em silêncio as respectivas posições, os bretões formaram numa cunha desordenada, a duzentos passos, com as costas para a larga curva descrita pelo rio. Começaram imediatamente a bater com as armas contra os escudos e a levantar as vozes

numa cacofonia de piadas, gritos e insultos que tinha por fim motivarem-se para o combate. A maior parte dos legionários tinha testemunhado esta actuação várias vezes durante o último ano, mas ainda assim o estrépito e o frenesim dos inimigos continuavam a afectar-lhes os nervos, enquanto se preparavam para a “correria céltica”, que parecia ser a única manobra do reportório táctico das tribos da ilha.

Cato andava devagar à frente dos seus homens. A Sexta Centúria estava colocada no flanco esquerdo da linha romana. Alguns dos rostos mais jovens, e até alguns dos veteranos, mostravam expressões eloquentes quanto à dúvida e ao medo que sentiam, e o seu comandante apercebeu-se de que era preciso distraí-los. Cato parou e voltou as costas ao inimigo.

— Se fosse a vocês, não me preocupava com aquela malta! — Tinha que gritar para ser ouvido sobre o clamor crescente dos gritos de guerra do inimigo. — Daqui a nada vão-se atirar sobre nós. Tudo o que temos a fazer é aguentar firme, dar-lhes com uns bons centímetros das nossas espadas, e vão ver como eles desistem. Muitos de nós já passaram por isto, e sabem como se passam as coisas. Quanto aos outros, quando tudo tiver acabado, até vão ficar admirados por se terem preocupado. — Cato sorriu. — Podem acreditar em mim, sou o vosso centurião!

Alguns dos legionários riram, e Cato viu com satisfação que a tensão nervosa que tinha percebido em muitos rostos um momento antes se desanuviava.

— E tu é que sabes, não é, *puto*? — Gritou uma voz, vinda das fileiras de trás.

Fígulo girou sobre os calcanhares.

— Quem disse isso? Quem foi o cabrão que abriu a boca? — O *optio* forçou a passagem através da primeira fileira. — Há aqui um filho da puta que acaba de assinar a sua própria sentença de morte.

— *Optio*! — Gritou Cato. — Regressa ao teu posto!

— Sim, senhor! — Fígulo lançou olhares severos aos homens à sua volta antes de voltar a forçar a passagem por entre os escudos e tomar o seu lugar junto ao porta-estandarte da centúria. Cato olhou-o nos olhos e acenou-lhe brevemente, em jeito de aprovação; a intervenção do *optio* tinha cortado pela raiz qualquer tentativa de indisciplina generalizada. Muito bem, se alguns dos seus homens dispensavam o seu encorajamento, bem podiam esperar pela carga do inimigo em silêncio.

Afortunadamente, a paciência não se contava entre as virtudes dos celtas, e os nativos depressa soltaram um rugido colectivo e iniciaram a correria pelo campo, de encontro à linha imóvel de escudos vermelhos romanos, acima dos quais se fazia notar a resplandecente linha de capacetes polidos banhados pela áspera luz do Sol. Cato forçou-se a proceder calma-

mente, enquanto se virava para enfrentar o inimigo. A sua visão apurada permitiu-lhe apreciar todos os detalhes, os cabelos viscosos, as tatuagens e pinturas espiraladas aplicadas na pele nua e reluzente, e os reflexos faiscantes quando o sol batia nas lâminas e capacetes. As lanças oscilavam pelo ar, e todos os selvagens rostos que se viam sob elas traziam expressões de fúria e desejo assassino que os deformavam e os assemelhavam a criaturas vindas dos pesadelos mais tenebrosos.

Cato sentiu-se aterrorizado, e por um instante as suas pernas foram presa de uma forte vontade de se virar e fugir dali. Mas o horror de expor o medo que sentia em frente dos homens que comandava foi mais forte, salvando-o dessa vergonha; então, o jovem centurião acolheu com alívio o arrepio que o percorreu e que lhe alertou todos os sentidos e preparou todos os músculos para o embate iminente, e para a necessidade de matar para continuar a viver. Obrigou-se a permanecer imóvel ainda mais uns instantes, e a enfrentar a multidão ululante que corria pela relva na direcção da linha romana. Virou-se então, e caminhou lentamente até à primeira fila da sua centúria.

— Estandarte para a retaguarda! — Cato julgou que a sua voz tinha tremido um pouco, e concentrou-se em firmá-la para emitir a ordem seguinte. — Escudos acima!

Ao assumir a sua posição no centro da formação, na primeira linha de combate, agarrou com firmeza o escudo que Fígulo lhe apresentava, e empunhou o gládio.

Na outra ponta da coorte, Máximo levou a mão em concha à boca, e gritou uma ordem a plenos pulmões, embora ela se tornasse quase inaudível no meio da algazarra feita pelos guerreiros bretões.

— Primeira fileira... Preparar dardos!

A fila da frente ondulou quando os homens avançaram dois passos e se imobilizaram.

— Preparar lançamento!

Os legionários colocaram-se em posição, as cinturas torcidas e os braços puxados atrás, orientando as hastes dos dardos para o céu. Então, ficaram à espera da ordem final. Máximo avaliou a distância entre a coorte e os bretões. Deixou que estes continuassem a aproximar-se, à desfilada sobre os verdejantes tufos de erva. Quando já não estavam a mais de trinta passos de distância, virou-se de novo para os seus homens.

— Lançar!

Um grunhido colectivo de esforço fez-se ouvir quando os legionários projectaram as armas para o céu, formando um véu de riscos negros que subiram, perderam velocidade até atingir o ponto mais elevado da sua trajectória, e depois curvaram e iniciaram a descida, ganhando de novo

ímpeto e atingindo o inimigo com o habitual som de choques metálicos e de penetrações na carne exposta. A tão curta distância, dezenas de bretões caíram imediatamente, trespassados pelas pesadas pontas metálicas dos misseis romanos.

— Filas seguintes, dardos para o solo, avancem! — Gritou Máximo, e o resto da coorte colocou-se em posição por trás dos homens da primeira fileira, que entretanto tinham desembainhado as espadas e aguardavam o embate da carga. No momento seguinte, os bretões lançaram-se contra a linha romana, usando as suas longas espadas e as lanças para atacar e tentar contornar os grandes escudos romanos. Alguns, mais poderosos fisicamente, irromperam pelas brechas entre os escudos, apenas para se confrontarem com as espadas dos homens das filas seguintes. Cato, alto e magro, viu-se empurrado por um corpo que embateu contra o seu escudo. Cedeu, mas à medida que o guerreiro inimigo penetrou nas linhas da Sexta Centúria, foi golpeado incessantemente pelo legionário à sua esquerda. O centurião agradeceu a Vélío com um aceno, e recuperou o lugar na linha.

Depois de absorver o primeiro impacto da carga inimiga, a linha romana restabeleceu-se rapidamente e começou a ceifar metodicamente as vidas dos inimigos que, frustrados, atacavam os escudos vermelhos sem obter resultados. Cato bloqueava as estocadas dos inimigos à sua frente e, sempre que a ocasião se proporcionava, projectava a ponta da espada por entre o seu escudo e o do homem ao seu lado, reclamando mais uma vida inimiga. Quando podia, olhava para os lados, para avaliar a forma como decorria o combate. Apesar da ferocidade da carga, os bretões estavam em menor número e o seu combate era sem esperança; a linha romana nunca correria perigo de ser quebrada.

Sobre os gritos, choques e gemidos da batalha, Cato ouviu uma ordem a ser passada através da coorte e viu, à sua direita, a Primeira Centúria a avançar. Depois, escutou a voz do centurião Félix, ali perto, também a dar uma ordem.

— Avançar!

À medida que a Quinta começou a movimentar-se, Cato repetiu também a ordem, e os seus homens aplicaram o seu peso contra os escudos e começaram a forçar a ténue linha inimiga a recuar. Com o avanço dos romanos, os bretões viram-se ainda com menos espaço para manejar as suas grandes e pesadas armas, e depressa os gritos de exaltação que se tinham escutado morreram nas suas gargantas, à medida que cada homem se passava a preocupar apenas com a melhor forma de escapar às perigosas pontas metálicas que espreitavam por entre os grandes escudos. A escaramuça não tinha tido dimensão suficiente para que se empilhassem corpos, portanto, nada detinha o recuo dos bretões. Ao espreitar sobre a borda do escudo,

Cato viu os homens à sua frente a cederem terreno, e apercebeu-se de que já existia algum espaço entre as linhas de combatentes. Os legionários prosseguiram o avanço em formação cerrada, e passaram sobre os corpos dos inimigos que tinham sido abatidos pela rajada de dardos. Aniquilaram os feridos e continuaram sem se deter. Já não havia qualquer pretensão de resistência, e os bretões quebraram a sua linha e fugiram.

Nas suas costas estava o rio, e ao aperceberem-se do risco de ficarem presos entre a água e a parede de escudos, os bretões dirigiram-se para os flancos da formação romana, tentando escapulir-se enquanto podiam. Mas essas posições estavam cobertas pelo decurião e pelo seu esquadrão montado, dividido em dois destacamentos. Fizeram avançar os cavalos, e abateram sem piedade todos os guerreiros que fugiam. Sem possibilidade de fuga pelos flancos, os bretões concentraram-se de novo junto ao rio e prepararam-se para morrer junto à corrente que lhes passava tranquilamente pelas costas. Cato calculou que ainda havia mais de cem inimigos, e que muitos já tinham perdido ou abandonado as armas, pelo que aguardavam de punhos cerrados e dentes à mostra, com expressões de terror. Estavam acabados, percebeu o centurião. Só lhes restava a morte ou a rendição. Inspirou profundamente e gritou em céltico:

— Larguem as armas! Larguem-nas, ou morrem!

Os guerreiros olharam para ele, alguns em desafio, outros com esperança. Os legionários continuaram a avançar e os bretões a recuar, alguns já pelo rio, primeiro junto à margem mas depois avançando mais, com a água a subir-lhes pelos corpos.

— Atirem as vossas armas para o chão! — Exigiu Cato. — Já!

Um dos guerreiros virou-se e lançou a espada para a corrente, para uma zona mais profunda. Outro imitou-o, e daí a pouco todos tinham deposto as armas e esperavam, mergulhados na corrente, a decisão dos romanos.

Cato virou-se para a coorte, levando a mão à boca.

— Alto! Alto!

As centúrias travaram o passo e acabaram por se imobilizar, a poucos passos da margem do rio. O comandante da coorte saiu da sua posição junto à Primeira Centúria e Cato viu-o a correr na sua direcção.

— O que é que pensas que estás a fazer? — Vociferou Máximo enquanto se aproximava.

— Senhor, exigi-lhes que se rendessem.

— Rendição? — As sobranceiras de Máximo arquearam-se, em sinal de genuína surpresa. — Mas alguém disse alguma coisa sobre fazer prisioneiros?

Foi a vez de a face de Cato se enrugar.

— Mas, senhor, supunha que queria prisioneiros...

— Depois do que fizeram? Que diabo estavas tu a pensar?

— Senhor, estava apenas a tentar salvar vidas. Nossas e deles.

— Estou a ver. — Máximo relanceou o olhar pela Sexta Centúria e inclinou-se para o centurião, antes de continuar, em voz baixa. — Não é a ocasião para sentimentos nobres, jovem Cato. Não podemos sobrecarregar-nos com prisioneiros. E além disso, não viste o que eles fizeram aos homens do forte. Porcino, o meu amigo... Não, eles têm que morrer.

— Senhor, eles estão desarmados. Renderam-se. Não seria correcto. Já não pode ser.

— Não seria correcto? — Máximo deu uma gargalhada, e abanou a cabeça. — Isto não é um jogo. Cato, aqui não há regras.

No olhar do comandante não havia um traço de piedade; em desespero, Cato resolveu tentar outra aproximação.

— Senhor, eles podem estar na posse de informação valiosa. Se os enviarmos para a retaguarda, para serem interrogados...

— Não. Nem pensar em dispensar homens para guardar prisioneiros. — Máximo arreganhou os lábios, num sorriso simulado. Virou-se para os homens de Cato. — Tirem-nos dali! Levem-nos e amarrem-lhes as mãos. Usem tiras da roupa deles.

Os homens da Sexta Centúria depuseram os escudos e começaram a arrastar os bretões para fora da água. Os prisioneiros eram lançados para o solo, as mãos puxadas brutalmente para trás e amarradas cuidadosamente. Quando o último dos inimigos tinha sido manietado, Máximo contemplou-os com um olhar de satisfação perversa. Cato mantinha-se de lado, satisfeito com o facto de os prisioneiros terem sido poupados.

— Senhor, estes já estão arrumados. Não nos darão mais problemas.

— Pois não.

— E podemos apanhá-los depois, senhor.

— Sim, podemos.

— Suponho que podem tentar escapar, mas não irão muito longe.

— Não, não irão, de facto. Sobretudo depois de tratarmos bem deles.

— Senhor? — Cato sentiu um calafrio a percorrer-lhe os pelos da nuca.

Máximo ignorou-o, e dirigiu-se directamente aos legionários:

— Ceguem-nos.

Fígulo fez uma careta, inseguro sobre o que acabara de ouvir.

— Já disse, ceguem-nos. Vazem-lhes os olhos. Usem as adagas.

Cato abriu a boca para protestar, mas não conseguiu encontrar as

palavras certas, de tão horrorizado que estava. Enquanto se debatia para falar, o comandante da coorte avançou decidido para Fígulo, puxou da adaga do optio e inclinou-se sobre o prisioneiro mais próximo.

— Assim, é fácil...

Ouviu-se um grito da mais pura agonia e terror, como Cato nunca escutara, e sentiu que o estômago se revoltava e a vontade de vomitar o assaltava. O comandante da coorte continuava a operar com o braço com que habitualmente segurava a espada, e depois ergueu-se com uma expressão amarga e virou-se. O braço pendia-lhe junto ao corpo, e o sangue pingava da adaga que empunhava com toda a força. Por trás dele, o bretão agitava-se no solo, ainda a gritar, enquanto o sangue lhe escorria das órbitas vazias e salpicava a erva em redor.

— Pronto! — Máximo devolveu a adaga a Fígulo. — É assim que se faz. Agora, continuem com o serviço.

Fígulo olhou para ele horrorizado, e depois para Cato, como que pedindo ajuda.

Máximo encarou o optio:

— Tu, vais...

— Optio! — Gritou Cato. — Recebeste as tuas ordens. Obedece-lhes!

— Sim... — Anuiu Fígulo. — Sim, senhor. — Virou-se para os legionários mais próximos. — Peguem nas facas. Ouviram o centurião!

À medida que os homens se lançavam na sua tenebrosa tarefa, e que a tarde quente se enchia de gritos lancinantes, Máximo mostrava-se satisfeito.

— Bom, agora sim, estamos a acabar o serviço aqui. Assim que vocês tiverem terminado, a coorte avança para o vau.

— Sim, senhor. — Replicou Cato. — Sendo assim, é melhor despa-  
charmo-nos.

— Sim. É melhor, de facto. — Máximo pareceu ficar preocupado, de repente, e girou sobre os calcanhares e dirigiu-se para os seus homens. Os últimos prisioneiros foram supliciados, e os homens da Sexta Centúria limpavam as armas e recuperaram os dardos e escudos, antes de formarem na retaguarda da pequena coluna romana. A coorte tinha sofrido apenas sete mortos, e alguns homens tinham sido feridos. Já tratados, seguiam agora para a segurança relativa do forte. O resto da coorte esperou que Máximo desse ordem para avançar, e então marchou a caminho do vau, seguindo junto ao rio.

Para trás deixavam os gritos e lamentos dos prisioneiros, que se foram tornando mais fracos e difíceis de distinguir dos chamamentos dos corvos que pairavam já sobre o campo de batalha, preparando-se para re-

colher os seus despojos por entre os mortos e moribundos que juncavam a viçosa erva lá em baixo.





## X

O vau situava-se num ponto em que a largura do Tamisa se via reduzida a menos de metade da habitual. A meio do rio via-se uma ilha atravessada por um trilho, ladeado por dois pequenos aglomerados de salgueiros. Os longos ramos das árvores estendiam-se até quase tocarem a corrente, e forneciam uma sombra esverdeada e tremeluzente. O centurião Macro lançou um olhar guloso para a sombra, enquanto limpava o suor da testa com o braço peludo. Num raro momento de fantasia, imaginou-se refastelado na sombra, as botas descalçadas e os pés nus a repousarem na corrente fria do Tamisa. Tentador... demasiado tentador. Franziu a testa e atravessou a ilha, dirigindo-se à margem norte do rio. Ali o leito era coberto por seixos e pouco profundo, o que provocava maior agitação à superfície, enviando reflexos do sol em todas as direcções.

Assim que a Terceira Centúria alcançara o vau, Macro tinha avançado pelo rio, para testar a profundidade da corrente. A água tinha-lhe chegado à cintura nas zonas mais fundas entre a ilha e as duas margens. Embora nunca se tivesse desequilibrado, a corrente era forte, e podia facilmente arrastar quem não a atravessasse com cuidado. O centurião dispôs uma secção na margem norte para vigiar a possível aproximação do inimigo, e começou imediatamente a tratar das defesas. A distância da ilha à margem norte era de cerca de cem passos, e o vau não tinha mais de dez de largura. De ambos os lados da área menos profunda, o fundo caía rapidamente e era movediço, além de estar coberto por longas ervas que ondulavam lentamente como uma cabeleira logo abaixo da superfície das águas.

Tinha ordenado a metade da sua centúria que espalhasse pequenas estacas aguçadas pelo fundo do vau, e os homens tinham recolhido ramos adequados nas árvores que cresciam junto ao rio; agora atarefavam-se a colocá-las em posição, lutando contra a corrente, tentando fixá-las no meio dos seixos e viradas para a margem de onde o inimigo poderia surgir. Se os bretões se vissem forçados a tentar a passagem por aquele vau, não seriam

as estacas a detê-los, mas talvez ferissem alguns e retardassem o avanço dos outros.

A linha de defesa seguinte era a pequena ilha no meio do rio, onde uma vintena de homens preparava uma barricada improvisada na margem. Uma densa massa de ramadas e arbustos tinha sido trazida da margem sul do rio e empilhada na estrada, ocupando toda a largura desta e prolongando-se para os lados, ao longo de toda a extensão do vau. Alguns toros tinham sido enterrados no solo para servirem de suporte a esta muralha verde, e ramos grossos tinham sido aguçados e distribuídos pelo meio da vegetação, para dissuadir os eventuais atacantes de se lançarem sobre o muro. Não tinha grande aspecto, era verdade, mas era o melhor que podiam fazer no tempo e com os materiais que tinham disponíveis.

Não tinham encontrado as ferramentas que esperavam no forte auxiliar que tinha sido saqueado. Os bretões tinham-se preocupado quase tanto em destruir o material como em aniquilar a guarnição. Tinha deparado com uma pilha ainda fumegante de escudos, fundas, dardos e outro equipamento no pátio interior dos edifícios do comando. Algumas das ferramentas na orla da fogueira ainda eram utilizáveis, e uma busca rápida no interior das casernas tinha-lhes permitido recolher mais algumas pás e picaretas, mas, no total, as ferramentas obtidas mal davam para equipar metade da centúria de Macro, quanto mais toda a coorte. O centurião esperava que a sede de vingança do comandante da coorte tivesse sido rapidamente saciada. A Terceira Centúria não conseguiria defender sozinha a travessia do rio, se o inimigo surgisse em força.

E, além do mais, considerou Macro, irritado, o imbecil do Máximo não tinha nada que perseguir o pequeno grupo de atacantes. Era uma violação das ordens recebidas. A prioridade enunciada nestas, e que devia ter sido respeitada, era a protecção do vau. A coorte devia estar em posição pouco depois do meio-dia, mas já tinham passado outras três horas, e só Macro e a sua centúria se preparavam para defender a passagem. O inimigo podia surgir a qualquer momento, e, se tal sucedesse, depressa o vau lhes pertenceria.

Espreitou por cima do ombro, procurando na margem sul qualquer sinal da chegada de Máximo com o resto da coorte.

— Vá lá... vá lá, meu sacana. — Bateu com a mão na perna. — Porra, pá, onde é que te meteste?

O grito que veio da margem norte quase passava despercebido, mas ele estava atento, e virou-se logo para lá. Um dos legionários que tinham andado a cortar estacas acenava para lhe chamar a atenção.

— Que se passa?

— Ali, senhor. Ali em cima! — O homem apontou para trás.

Naquela margem, o caminho subia do vau até à crista de uma colina, desaparecendo pela outra encosta. No cimo, via-se uma figura diminuída pela distância, que fazia oscilar a lança entre as mãos — o sinal de que o inimigo fora avistado.

Macro avançou imediatamente pela brecha que tinha sido deixada propositadamente na barricada, e saltou para o rio. Manteve-se à direita, na zona que ainda não tinha sido semeada com as estacas, de forma a permitir aos defensores a utilização da travessia. A água acolheu-o, fazendo pressão sobre as suas pernas enquanto o centurião progredia para a margem, espalhando cascatas de prata ao emergir da corrente. Alguns dos homens que trabalhavam na margem interromperam o que estavam a fazer, preocupados com o alarme.

— Continuem! — Gritou Macro. — Não parem até que eu vos diga!

Subiu a correr a encosta, até ao ponto onde o vigia perscrutava a paisagem que se estendia para norte. Ao alcançá-lo, estava cansado, e ofegava, enquanto seguia com a vista a direcção indicada pelo dardo nas mãos do vigia.

— Ali, senhor.

Macro esforçou a vista. A uns três quilómetros dali, o caminho embrenhava-se numa floresta densa. Dela emergia um destacamento de batedores montados, acompanhados por alguns carros de combate. Dispersavam-se em leque a partir da linha de marcha, galopando para pontos elevados, de onde pudessem vislumbrar o espaço ainda por percorrer pela colina. No instante seguinte, uma maciça coluna de infantaria começou a surgir da escuridão frondosa e a preencher a trilha.

— Senhor, é mesmo o Carátaco que ali vem?

Macro olhou para o legionário, lembrando-se que o jovem era um dos novos elementos da centúria, mal saído da recruta e acabado de receber a sua primeira colocação. Parecia estar tenso e excitado. Talvez demasiado excitado, considerou o centurião.

— Ainda não se consegue perceber, rapaz.

— Senhor, não devíamos voltar para junto dos outros?

— Lêntulo, não é como te chamas?

— Sim, senhor. — O legionário pareceu ficar surpreendido por o seu centurião lhe saber o nome, e um tanto ou quanto inchado por ser interpelado pelo nome próprio por alguém tão distinto como um oficial.

— Lêntulo, tem calma. O que tens a fazer é apenas observar e registar o que se passa, e não preocupares-te com isso. Um vigia tem que ser sereno. Foi por isso que te escolhi para esta missão. — Era uma mentira descarada. Macro poderia ter escolhido qualquer um dos seus homens

para aquela posição, mas o jovem ainda estava suficientemente verde para acreditar naquilo que ouvia. Pelo menos ajudou-o a firmar os nervos, e ele empertigou-se.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor.

— Só tens que fazer o teu trabalho, rapaz.

Lêntulo anuiu e virou-se, para continuar a observar a progressão do inimigo. Por momentos, mantiveram-se em silêncio; Macro levou a mão em pala aos olhos. Mais e mais homens saíam da floresta. Daí a pouco, convenceu-se de que aquela era realmente a coluna principal do exército inimigo.

— Parece que tens razão. — Afirmou, sem ponta de emoção. — O Carátaco prepara-se para tentar raspar-se pelo nosso vau.

— Oh, merda...

— Pois, daqui a pouco tempo, vamos estar metidos nela até ao pescoço. — Macro deu um murro amigável no ombro do soldado. — Aposto que nunca pensaste que a vida na legião podia ser assim tão excitante!

— Bom, senhor, realmente, não.

— Quero que te mantinhas nesta posição enquanto for seguro. Suponho que o inimigo vai seguir este trilho e dirigir-se directamente à nossa posição. Mas se eles mudarem de ideias e, por qualquer razão, mudarem de direcção e se afastarem, quero sabê-lo imediatamente. E vê se descobres algum sinal de que o general Pláucio vem em perseguição. Percebido?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Então, mantém-nos debaixo de olho. E agacha-te; não ganhas nada em atrair-lhes a atenção. — Macro designou-o com o dedo. — E nada de heroísmos. Sai daqui enquanto ainda tiveres tempo suficiente para voltar para a centúria.

Lêntulo assentiu e baixou-se, mantendo o olhar fixo na coluna inimiga que continuava a aproximar-se. O centurião voltou-se e deu alguns passos na direcção do vau, parando para perscrutar a margem sul do Tamisa. Não havia sinais de vida nas proximidades do trilho na margem distante, e quando orientou o olhar para a esquerda, ao longo da frente ribeirinha, nada avistou. Mas nesse instante reparou num faiscar distante, e esforçou a vista para tentar perceber do que se tratava. Apercebeu-se de um ligeiro reluzir tremeluzente sobre o verde e castanho da paisagem, e de uma espécie de névoa no ar. Só podia ser a Terceira Coorte, mas ainda estava a uns bons cinco quilómetros da travessia.

Seria Carátaco, com o grosso das suas forças, o primeiro a alcançar o ponto que tinham sido encarregues de defender.

Como ainda estava a curta distância de Lêntulo, e este o escutaria com toda a certeza, Macro limitou-se a ranger os dentes, evitando soltar em

voz alta as imprecações que lhe corriam pelo cérebro e que ameaçavam explodir numa torrente de linguagem pouco recomendável; em silêncio, percorreu o seu extenso reportório de maldições, e lançou-as todas na direcção da distante — demasiado distante — coluna romana, que se arrastava na direcção da travessia do rio. Depois de um último olhar e de um suspiro, correu pela encosta abaixo, para a margem do Tamisa.

Ao aproximar-se do vau, refreou o passo, para recuperar o fôlego. Não valia a pena afligir ainda mais os homens, decidiu. Era melhor tentar oferecer uma máscara de calma e confiança, por ténues que fossem.

— Já chega! — Gritou aos homens que continuavam a espetar estacas no fundo da corrente. — Voltem para a ilha e preparem-se! Vamos ter companhia.

Os legionários largaram as estacas que ainda não tinham sido colocadas, deixando-as seguir com a corrente, e chapinharam pelo rio, ao longo do estreito caminho que tinha ficado livre até à abertura na barricada que tinha sido preparada.

— Nada de correrias! — Reclamou Macro. — Se alguém ficar preso numa estaca, juro que o deixo lá para os bretões se divertirem.

Com um grande esforço da vontade, ajudado pelo temor que a fúria do seu centurião inspirava, os legionários refrearam o seu alvoroço.

Macro seguiu-os, num passo ponderado, sempre atento à localização das estacas que esperavam por vítimas. Olhando para a ilha, viu que os homens já começavam a formar por trás da barricada, apertando os capacetes e empunhando escudos e lanças, retirados dos montes em que tinham sido colocados ao lado do trilho que atravessava a ilhota. Ao sair do rio, ensochado, avaliou os homens mais próximos, e fixou o olhar num legionário alto e magro.

— Fábio!

— Senhor! — Ao ver que o oficial se aproximava, o homem colocou-se em sentido.

— Tira a armadura. Preciso de um estafeta.

— Sim, senhor. — Depressa o legionário desapertou as correias de cabedal da armadura segmentada, enquanto Macro explicava o que pretendia.

— O centurião Máximo aproxima-se da nossa posição, pela margem sul do rio. Está a cerca de cinco quilómetros daqui. Vais correr até à coluna o mais depressa que puderes, e dizes-lhe que o Carátaco se dirige para o nosso vau. Diz-lhe também que mande imediatamente um cavaleiro levar a notícia ao legado. Não, espera... — Macro imaginou de que forma o irritável comandante da coorte receberia uma mensagem daquele teor. — Diz-lhe antes que sugiro, respeitosamente, que envie um cavaleiro para

informar o legado sobre estes novos desenvolvimentos. E, por fim, diz-lhe que o Carátaco está mais próximo do vau do que ele, e que é imprescindível que a coorte chegue aqui o mais depressa possível. Ou melhor, ainda mais depressa!

— Sim, senhor. — Fábio sorria enquanto se libertava das últimas peças da armadura e as deixava sobre a estrada.

— Ainda aí estás? — Rosnou Macro. — Põe-te a mexer!

Fábio virou-se e correu para o rio, lançando-se na travessia do braço sul do vau. Macro ficou a observá-lo durante alguns momentos, antes de se virar e se concentrar no resto dos seus homens. A maior parte já tinha acabado de se equipar, e estava à espera de ordens. Aguardou que o último legionário terminasse de apertar as tiras que prendiam o capacete; uma tarefa árdua, quando efectuada sob o olhar impaciente de todos os seus camaradas e do comandante. Por fim, o homem ergueu o olhar, com uma expressão culpada, e assumiu uma posição de prontidão. Macro aclarou a garganta.

— Atenção!

Os legionários apoiaram escudos e lanças na terra, e formaram uma linha compacta que atravessava o trilho e se estendia até às sombras dos salgueiros, nas extremidades da ilhota.

— Daqui a menos de uma hora, Carátaco e o seu exército vão descer por aquele caminho e dirigir-se ao vau. Atrás deles vem o general Pláucio, o que quer dizer que as espadas romanas devem estar bem enterradas no traseiro daqueles sacanas.

Alguns dos homens deram umas risadas perante a colorida imagem, e Macro deixou que a boa disposição se espalhasse, antes de continuar.

— O resto da coorte vem aí, ter connosco. Vi-os do alto daquela colina além. Mandeí o Fábio avisá-los para se despacharem, de modo que devem chegar cá antes que o inimigo nos dê muito trabalho. É claro que nem sequer precisávamos deles! A Terceira Centúria não tem medo de ninguém. Estou convosco há ainda pouco tempo, mas a minha carreira nas Águias permite-me reconhecer a qualidade quando a encontro. E vocês são bons soldados. Tenho é pena daqueles desgraçados que nos vêm chatear! Só poderão atacar-nos numa frente estreita, e mesmo assim só depois de se espetarem nas nossas estacas e de se esmagarem contra a nossa barricada. Se tiverem sorte, e se eu me estiver a sentir generoso, sou até capaz de evitar a continuação do massacre, e aceitar a rendição de Carátaco.

Macro sorriu e, aliviado, verificou que os homens o imitavam.

— Bom, não podemos esquecer-nos que estes bretões são completamente loucos, e é provável que não percebam a situação. Se quiserem

mesmo atravessar o rio, acabarão por o conseguir. Tudo o que podemos fazer é atrasá-los. O meu trabalho não é propriamente criar mártires, portanto, se já tivermos cumprido o nosso dever e tudo indicar que eles vão mesmo atravessar, darei ordem de retirada. Se isso acontecer, não quero que ninguém se arme em herói. É passar para o nosso lado do vau tão depressa quanto puderem, e seguir para jusante ao encontro da coorte. Percebido?

Alguns dos legionários assentiram com gestos graves das cabeças.

— Porra, não ouvi nada! — Berrou Macro.

— SIM, SENHOR!

— Ah, assim é melhor. Agora, formem de frente para o rio!

Os homens viraram-se e foram ocupar posições nas defesas improvisadas que enfrentavam a margem norte do rio. Macro passou a vista sobre a pequena unidade que comandava, apercebendo-se das túnicas vermelhas gastas e sujas, e das armaduras envelhecidas. Os homens tinham formado três linhas que ocupavam todo o comprimento da pequena ilha. Oitenta homens contra vinte, talvez trinta mil bárbaros. Como quase todos os soldados, Macro gostava de apostar, mas nunca tinha visto probabilidades tão difíceis. Apesar dos seus esforços para aumentar a confiança dos soldados, sabia muito bem que estavam praticamente mortos. As coisas poderiam ter sido diferentes se Máximo tivesse chegado a tempo de defender o vau como devia ser.

A tarde arrastou-se. Macro permitiu que os homens se sentassem no chão. Agora que nenhuma actividade ocorria no vau, a cena parecia idílica. Macro sorriu. Cato teria apreciado a vista; teria tocado a sensibilidade poética do jovem. À esquerda de Macro, o Sol já tinha passado pelo zénite há bastante tempo, e banhava a paisagem com uma luz oblíqua que intensificava as cores e se reflectia na superfície da água, cintilante. Mas, apesar da serenidade da natureza, havia no ar uma tensão semelhante à que afectava os cabos de torção de uma catapulta, e Macro apercebeu-se de que todos os seus sentidos se tinham aguçado, em busca de algum som ou sinal produzido pelo inimigo.

Talvez tivesse passado uma meia hora quando avistaram uma figura a correr pela estrada na direcção do vau. Antes que Lêntulo conseguisse alcançar o rio, um grupo de cavaleiros irrompeu sobre a crista da colina e carregou pela encosta abaixo. Lêntulo espreitou sobre o ombro enquanto começava a atravessar o vau.

— Mantém-te à esquerda! — Gritou Macro. — Segue pela esquerda!

O legionário não deu qualquer indicação de o ter escutado, ao mergulhar no rio. Correu em desespero, levantando um enorme estardalhaço, e de repente tombou, soltando um grito agudo. Um lamento irrompeu entre

os homens na ilha ao verem Lêntulo a tentar levantar-se, o sangue a jorrar-lhe da perna. O legionário observou horrorizado a ferida. Nesse momento, o chapinhar dos cavalos inimigos por trás de si fê-lo olhar para trás enquanto se arrastava na direcção dos seus camaradas. Os bretões avançaram para o homem que se debatia com a água que lhe dava pela cintura. A estaca devia ter atingido uma artéria, concluiu Macro, já que Lêntulo parecia estar a perder rapidamente as forças. Caiu de joelhos lentamente, a cabeça inclinada para a frente, de forma a que só o torso ficou fora de água. Os cavaleiros estacaram, observando o romano. Então, cautelosamente, deram meia-volta e regressaram à margem.

Durante algum tempo, ambos os lados observaram o corpo de Lêntulo, enquanto a cabeça deste rolava de um lado para outro. Uma mancha escarlate espalhava-se na água, a jusante do ponto em que o malogrado legionário caíra. Por fim, o corpo rolou e desapareceu, levado para o fundo pelo peso da armadura.

— Desgraçado. — Murmurou alguém.

— Pouco barulho! — Gritou Macro. — Silêncio nas fileiras!

A tremenda tensão a que os legionários estavam submetidos tornou-se ainda mais insuportável enquanto esperavam pela chegada da coluna principal do exército inimigo; mas não tiveram que esperar muito mais. A princípio, parecia uma trovoadas distante que se ia aproximando, tornando-se mais forte e distinta. Depois, começou a notar-se uma neblina sobre o topo da colina sobranceira ao vau, onde a estrada desaparecia de vista. Por fim, surgiram as silhuetas de estandartes e lanças, e depois foi a vez dos capacetes e corpos dos homens fazerem a sua aparição na crista.

Os olhos de Macro percorreram a vanguarda do exército de Carátaco, abrangendo os milhares de homens que começavam a descer para o vau. Então voltou-se para a margem oposta, à procura de sinais de Máximo e do resto da coorte. Mas nada perturbava ainda a plácida superfície do Tamisa.





## XI

— Tens a certeza de que Macro disse que era a coluna principal do inimigo?

— Sim, senhor. — Respondeu o mensageiro.

— Muito bem, passa a notícia ao decurião. — Máximo apontou para a coluna de cavaleiros que se destacava no flanco esquerdo da formação romana. — Diz-lhe para transmitir imediatamente a informação a Vespasiano. Vai!

Enquanto o mensageiro fazia uma saudação rápida e corria na direcção dos batedores montados, Máximo convocou os seus centuriões. Estes correram pela coluna na sua direcção, e ele teve que esperar que Cato, o que estava mais afastado, chegasse, antes de lhes anunciar os novos desenvolvimentos.

— Carátaco dirige-se ao nosso vau. E está mais próximo dele do que nós. Olhem para ali. — O comandante da coorte apontou para a distante margem norte. Havia no ar junto ao Tamisa algo de semelhante a uma fina neblina, que até ali tinha passado despercebida a Cato.

— E onde está Macro? — Inquiriu Túlio.

— No vau, a preparar as defesas.

— Defesas? Ele vai enfrentar toda a força do exército inimigo? — As sobranceiras de Túlio arquearam-se com o espanto.

— Foram essas as ordens que a coorte recebeu.

— Sim, senhor, mas é um suicídio.

— Esperemos que não, já que nos vamos reunir a ele.

António e Félix trocaram um olhar de surpresa.

Cato avançou um passo.

— Senhor, será melhor que nos coloquemos em movimento.

— Tens razão, Cato. Regressem imediatamente às vossas unidades. Vamos marchar em passo rápido. Quem ficar para trás, fica.

Ainda os centuriões corriam de volta às respectivas unidades, e já

Máximo dava a ordem de marcha acelerada. A coluna colocou-se em movimento com um rápido ritmo de botas a bater no solo. Ao olhar em volta, o comandante da coorte notou o mensageiro de Macro que regressava depois de ter ido transmitir as suas instruções aos batedores. Lá atrás via-se uma pequena nuvem de poeira levantada por um cavaleiro que se afastava, encolhido sobre o cavalo. Quando o homem se colocou ao seu lado, acertando o passo e esperando por novas ordens, Máximo avaliou a condição em que ele se apresentava.

— Estás pronto para correr outra vez até Macro?

— Claro, senhor. — Respondeu o mensageiro, o peito a arfar enquanto tentava recobrar o fôlego.

O comandante da coorte baixou a voz.

— Se ele ainda lá estiver quando chegares ao vau, diz-lhe que vamos em seu auxílio, tão depressa quanto podemos. E se já não estiver, regressa imediatamente para nos avisar. Percebido?

— Não estiver? — O estafeta tentou levantar a questão. — Senhor, quer dizer...

— Sabes bem o que quero dizer. — Irritou-se Máximo. — Agora, corre!

O homem fez a saudação e desapareceu a grande velocidade pela estrada, na direcção do vau. Máximo olhou para trás e notou que as cinco centúrias tinham acelerado o passo, e todos avançavam sem problemas. Inspirou e lançou a ordem de passagem a corrida lenta. Era uma forma de marcha que os homens treinavam regularmente, e podiam aguentar facilmente aquele ritmo por uma hora. Por essa altura, já deviam estar junto de Macro. Se tivesse tempo para isso, Máximo teria que lhes dar algum tempo de recuperação antes de os lançar na batalha, se queria que eles tivessem um desempenho capaz de influenciar o resultado do combate.

Na parte de trás da coluna, o centurião Cato e os seus homens seguiam o passo imposto pela centúria que seguia à sua frente. O equipamento chocalhava enquanto corriam, e era acompanhado pela respiração esforçada dos homens, pesadamente carregados de armas e material. De vez em quando, um dos centuriões ou optios algures na coluna incitava os homens a manterem o passo, geralmente com um chorrilho de insultos e ameaças de terríveis punições dedicados aos desgraçados que estivessem a atrasar-se. Cato desviou-se para o lado e reduziu o passo até ficar mais ou menos a meio da sua centúria.

— Força, rapazes! Macro está à nossa espera. Corram!

Enquanto voltava à velocidade normal, não despegava os olhos da margem oposta do rio. A nuvem de pó levantada pelo exército de Carátaco era agora mais evidente, e embora as hostes bárbaras responsáveis pela sua

criação não fossem visíveis, Cato percebeu que a coorte ia travar um combate em que os números lhe eram desfavoráveis, e muito, já que seriam talvez uns cinquenta bretões para cada legionário. Se Macro se visse forçado a enfrentar a força inimiga sozinho, então esses números passariam facilmente para cerca de trezentos para um, e ao fazer mentalmente as contas, o centurião compreendeu que, no momento em que os bretões conseguissem pôr o pé na margem sul, a coorte seria destruída. E era quase impossível que isso não sucedesse.

O calor e o esforço da corrida com a cota de malha, o escudo, o capacete e as armas depressa fizeram com que o sangue lhe começasse a rugir aos ouvidos. A respiração tornou-se-lhe ofegante e errática. Sentia os pulmões como se alguém lhe tivesse posto ao peito um cinto de metal e o fosse apertando mais e mais a cada inspiração. Rapidamente cada centímetro do seu corpo começou a gritar em protesto. A vontade de parar, parar e vomitar e recuperar o fôlego, era quase irresistível. Não fosse o receio pela vergonha de ser visto pelos homens como um fraco, e o facto de ser Macro quem corria perigo, e Cato ter-se-ia arrojado ao solo. Mas, naquelas circunstâncias, forçou-se a prosseguir, ignorando as dores, dando um passo de cada vez, com a mesma férrea determinação que o tinha ajudado a ultrapassar todos os desafios que tinha enfrentado desde que se juntara à legião.

E assim, por entre acessos de ríspida autodisciplina e esforçados gritos de encorajamento aos homens, Cato levantou mais uma vez os olhos do chão que pisava e reparou que Fígulo se tinha deixado ficar para trás e agora se deslocava em passo rápido ao seu lado.

— Porque é que... não estás... na tua posição? — Conseguiu Cato perguntar, enquanto ofegava.

— Senhor, não ouviu nada?

— Ouvir, o quê?

— Pareceu-me ouvir trompas, senhor. Trompas de guerra britânicas. Mesmo agora.

Cato reflectiu um instante, mas não se lembrava de ouvir nada para lá do ruído da coluna em marcha acelerada.

— Tens a certeza?

Por momentos, Fígulo pareceu hesitar, envergonhado por ter talvez permitido que a imaginação se sobrepusesse aos sentidos. Mas, nesse instante, a sua face iluminou-se.

— Agora! Senhor, não ouviu?

— Calado! — Cato imobilizou-se e escutou atentamente. Ouvia o sangue a palpitar nos seus ouvidos, a sua respiração ofegante e, para lá disso... sim, um bramido, quase sumido. E ali, uma nota estridente acima do coro das trompas de guerra. — Ouvi, sim. Regressa à tua posição.

Enquanto Fígulo se apressava a retomar o seu lugar, Cato correu também ao longo da centúria. Não deviam já estar a muito mais de um quilómetro do vau. Perscrutou a distância. O rio começava a descrever uma curva para norte, ladeado aqui e ali por pequenas matas esparsas. Um pouco à frente abria-se um panorama mais largo sobre a margem oposta e, por entre dois outeiros a umas centenas de metros, avistou uma densa massa de infantaria que marchava paralelamente à coorte.

— Continuem! — Gritou aos homens. — Já falta pouco! Força nessas pernas!

Empertigou-se, e expulsou da mente qualquer pensamento que não fosse o de chegar ao vau a tempo de evitar a fuga de Carátaco e do seu exército, e de impedir que Macro e os seus homens fossem aniquilados.



Macro voltou-se de novo para a margem norte do Tamisa, ao escutar mais um coro de acordes vindos das trompas de guerra. Com um rugido colectivo, os bretões lançaram-se pela encosta e avançaram pelo vau, provocando uma explosão de água e espuma quando irromperam pela superfície refulgente da correnteza.

— Cerrar fileiras! — Bradou Macro, fazendo-se ouvir acima do clamor. — Escudos erguidos!

Em ambos os flancos, os legionários juntaram-se mais, e ergueram os escudos, de forma a apresentar ao inimigo uma linha ininterrupta de defesa. Enquanto esperavam pela ordem de lançar os dardos contra os homens que se dirigiam contra eles atravessando a corrente, os soldados ajustaram a forma como seguravam as armas.

— Calma! — Ordenou Macro. — Vão chegar às estacas a qualquer momento...

Quando estavam a cerca de oitenta passos da linha romana, os bretões lançaram-se à carga, incitados pelo coro de gritos guturais dos seus camaradas que se acumulavam na margem. De repente, muitos dos homens que seguiam à frente da corrida detiveram-se, dobrando-se. Os que os seguiam continuaram, sem lhes prestar atenção, e os que conseguiram evitar os camaradas feridos foram empalar-se na fila seguinte de obstáculos submersos. Mais homens repetiram esse erro, e depressa a carga se interrompeu, reduzida a um monte de corpos espalhados pelo rio. Os feridos gritavam de agonia e medo, enquanto os que vinham mais atrás urravam de frustração e raiva, sem se aperceberem da razão por que o assalto tinha sido suspenso. E mais homens se precipitavam para o vau, esmagando os que, lá à frente, estavam presos às armadilhas.

— Bela confusão! — Gritou Macro, entusiasmado. — Não podia ter corrido melhor.

Ao seu lado, os legionários irromperam num coro de insultos, desafios e gritos de triunfo perante a cena caótica que se desenrolava à sua frente. Por momentos, a ordem da linha romana foi quebrada, mas o centurião considerou que podia fechar os olhos àquela infracção, nas circunstâncias em que se encontravam. Que os homens tivessem o seu momento de triunfo — bem iam precisar de todo o apoio moral que conseguissem reunir quando o inimigo voltasse ao assalto.

Finalmente, as trompas bretãs fizeram-se ouvir, pondo um termo à confusão no vau e ordenando a retirada com três notas repetidas. Lentamente, os guerreiros celtas começaram a recuar, enchendo a margem de ambos os lados da estrada. Os que tinham sido feridos tentaram soltar-se e coxear de volta aos seus. Uma vintena de corpos ficaram para trás: trespassados pelas estacas, ou esmagados pelo peso dos homens que os seguiam. Alguns tinham escorregado e tinham-se afogado no meio da confusão de homens. Entre os corpos havia alguns feridos, que a corrente já tingida de vermelho começava a arrastar para longe, apesar dos seus esforços para a contrariar.

— O primeiro assalto foi nosso! — Gritou Macro aos seus homens, que lhe responderam com um clamor de alegria. Enquanto o ruído diminuía, o centurião olhou por cima do ombro e cerrou os lábios, preocupado com a continuada ausência da coorte. Se o estafeta que tinha enviado não os encontrasse a tempo de virem reforçar a Terceira Centúria, depressa Macro se veria confrontado com duas alternativas: ou tentar escapar, ou lutar até ao último homem. Se escolhesse a segunda hipótese, o seu sacrifício não permitiria ao exército romano que perseguia Carátaco recuperar muito tempo. Não se iludia, e sabia muito bem que a defesa da ilha não poderia ser prolongada o tempo suficiente para que o general Pláucio se conseguisse aproximar e desferir o golpe fatal nos bretões. Mas se ordenasse aos seus homens que recuassem e escapassem à aniquilação certa, poderia vir a ser acusado de ter permitido ao inimigo a fuga à armadilha. E uma tão clara violação do dever de um legionário só podia conduzir a uma sentença. Fosse qual fosse a alternativa escolhida, tudo apontava para a morte.

Encolheu os ombros e ensaiou um sorriso curto e amargo. Era mesmo típico da vida militar. Quantas vezes já se vira embrulhado em dilemas que lhe apresentavam opções tão desagradáveis umas como as outras? Se havia algo a que aspirava quando chegasse ao Além, era que nunca mais o forçassem a fazer escolhas daquele género.

Na margem norte do rio, o inimigo começava de novo a movimentar-se, e Macro imediatamente esqueceu os pensamentos sobre o futuro.

— Formem! — Ordenou.

Um pequeno grupo de guerreiros inimigos aproximou-se do vau. Desta vez não havia o berreiro habitual nem a correria louca na direcção dos romanos. Ao invés, os bretões avançaram cautelosamente, as armas embainhadas, e agachados, como que a tactear o terreno. A tática não era de todo inesperada para Macro, e não se importava nada de os ver perder tempo a desembaraçar o caminho dos obstáculos que os seus homens tinham colocado no fundo do rio. Tinha outros truques preparados.

— Preparar fundas!

Tinha disposto os homens a quem tinham sido distribuídas fundas, recolhidas no forte, nos flancos da centúria, junto a pilhas de calhaus rolados recolhidos no leito do rio. Os legionários depositaram escudos e lanças no solo, recuaram uns passos para obter espaço para os movimentos necessários, e prepararam os encaixes de cabedal na ponta das longas tiras que constituíam as armas. Os calhaus foram colocados no sítio adequado, e o ar encheu-se de silvos quando os homens começaram a fazer girar as fundas sobre as cabeças, à espera da ordem de Macro.

— Lançar!

Um coro de estalos fez-se ouvir, como se de chicotes se tratasse, e muitas pequenas manchas negras atravessaram velozmente o ar na direcção dos combatentes inimigos. Algumas embateram na superfície de escudos ou atingiram apenas a água, mas muitas encontraram os alvos pretendidos, fendendo crânios ou partindo outros ossos.

— Bem jogado! — Felicitou Macro. — Lancem à vontade!

Depressa se tornou constante o zumbido das fundas a serem giradas e o silvo dos projecteis a cruzarem o ar. Embora as baixas fossem constantes, os guerreiros inimigos continuaram a progredir no rio, buscando e arrancando os obstáculos presos ao leito. Cada um dos feridos era rapidamente substituído por outro homem da horda que esperava na margem. E enquanto a massa de bretões esperava em silêncio, sentada e a receber o calor do sol vespertino, era continuamente reforçada pela chegada de mais homens, a pé, a cavalo e em bigas; todos esperavam calmamente que o vau fosse limpo de armadilhas.

Macro avaliou o progresso dos homens no vau, e quando chegaram ao alcance do lançamento de dardos, considerou o impacto que teria uma rajada das mortíferas lanças com pontas metálicas. Mas os inimigos apresentavam-se dispersos, o que impossibilitava um ataque realmente eficiente, e por isso decidiu poupar as armas para o ataque que se seguiria inevitavelmente, quando a limpeza do rio estivesse terminada. Além disso, quanto mais os outros se aproximavam, maior era a eficiência das fundas, e ele deliciava-se ao ver a velocidade a que eram abatidos os guerreiros celtas.

Até àquele momento, pelas suas contas, a sua centúria já tinha provocado bem mais de cem baixas, e só tinha perdido o infeliz Lêntulo.

Mas, apesar das perdas, os bretões continuavam a avançar, procurando e removendo todas as estacas no rio. Estava a levar-lhes bastante menos tempo a arrancar os obstáculos do que tinha tomado aos homens de Macro fixá-los. Pouco mais de um quarto de hora depois de terem iniciado a tarefa, já tinham quase alcançado o emaranhado de troncos cortados e aguçados que formava a barricada. Alguns legionários inclinaram-se para a frente e tentaram atingir os inimigos com as pontas das lanças.

— Alinhem! — Berrou-lhes Macro. — Ninguém se mexe até eu dar ordens para isso!

Terminado o seu perigoso trabalho, os bretões que tinham estado mergulhados no rio recuaram lentamente, mantendo-se protegidos sob os seus escudos enquanto os projecteis continuavam a abater-se sobre as águas à sua volta. Na margem, os chefes já começavam a incitar os seus homens, preparando o assalto. Macro reparou que a primeira vaga seria constituída por homens bem equipados, quase todos com capacetes e cotas de malha. Carátaco devia estar com muita pressa para atravessar o rio, se estava disposto a lançar os seus melhores guerreiros para o primeiro embate. Atrás dos cerca de trezentos homens que se preparavam para avançar, via-se uma densa força de arqueiros e fundibulários. Os primeiros pouco preocupavam Macro; os seus arcos curtos podiam ser irritantes numa escaramuça, mas não tinham o poder necessário para trespassar o escudo de um legionário. Já os fundibulários podiam, como tinha ficado amplamente demonstrado, provocar tremendos danos.

— Rapazes, isto vai ser duro! Mantenham os escudos ao alto enquanto eu disser. Só as fileiras de trás é que vão atirar dardos; na frente, precisaremos deles como lanças. Os dardos têm que ser arremessados muito rapidamente, portanto só vos darei a ordem de lançar. Atirem-nos e protejam-se imediatamente por trás dos escudos, até que aquela malta chegue à barricada. — Avaliou os homens num relance. — Percebido?

Os homens mais próximos anuíram, e alguns murmuraram a sua compreensão das ordens.

— Caraças! Não oiço nada! Perceberam, seus sacanas?

— Sim, senhor! — Responderam em coro todos os legionários.

Macro sorriu.

— Ainda bem! Assim que eles estiverem bem próximos, quero que lhes dêem uma boa carga de porrada. Não se hão-de esquecer tão depressa da Terceira Centúria!

— Aí vêm eles! — Gritou alguém, e todos os olhos se concentraram na margem norte do rio. Os guerreiros nativos lançaram-se encosta abaixo

e entraram no rio, ocupando toda a largura do vau. Ao aproximarem-se, os bretões lançavam os seus gritos de guerra, fazendo acompanhar os seus desafios do ensurdecido clamor das armas a baterem contra as orlas metálicas dos escudos. Não havia trompas a incitá-los, ou, pelo menos, eles produziam tanto ruído que nenhum incitamento do seu próprio lado se conseguia fazer ouvir. Estavam tão perto que os romanos se conseguiam facilmente aperceber das expressões determinadas nos rostos por baixo dos capacetes. Aqueles não eram os habituais guerreiros selvagens, sujos e de cabelo empastado, que enfrentavam os legionários sem pensar; sabiam o que faziam, e seriam adversários temíveis.

Macro espreitou para lá da linha de inimigos que cortava a corrente do rio, e viu que as fundas dos seus apoiantes na retaguarda tinham começado a ser giradas no ar.

— Abaixem-se!

Os romanos esconderam-se por trás dos escudos, assim que o ar ficou repleto dos zunidos típicos dos projecteis que se encaminhavam na sua direcção. A pontaria dos bretões era admirável, e poucas pedras se perderam nos ramos por cima das cabeças dos legionários. A larga maioria abateu-se sobre os escudos, numa cacofonia de impactos. O impiedoso bombardeamento prosseguiu, forçando Macro a arriscar-se a ser atingido, de cada vez que espreitava sobre o escudo para avaliar o progresso da vaga de assalto que se aproximava. Os guerreiros continuavam a atravessar o vau a passo regular, sem se preocuparem com obstáculos no fundo. Não havia nenhum indício de carga anárquica; os homens que se aproximavam faziam-no de forma deliberada, com intenções letais e sem precisarem de ser animados pela tradicional carga céltica contra a fina linha de legionários.

A barragem de projecteis abrandou repentinamente, e depois interrompeu-se por completo, e Macro espreitou cuidadosamente sobre o seu escudo. O inimigo estava já a menos de vinte passos de distância, com água a espumar em torno das coxas, e os fundibulários tinham amainado a sua acção por receio de atingirem os seus próprios homens.

— Vamos à resposta! — Lançou Macro. — Dardos! Fundas, atirem também!

Nada houve da precisão da parada nos movimentos dos legionários, quando cada um dos homens das fileiras recuadas se ergueu com um grito a irromper-lhe da garganta, puxou o braço atrás, apontou para a concentração de guerreiros inimigos e lançou o seu dardo. Nos flancos da linha romana, os fundibulários aproveitaram também para fustigar os lados da coluna inimiga com sucessivas rajadas de projecteis, fazendo tombar vários combatentes na rápida e feroz corrente. Os restantes refizeram-se da chuva de dardos que caíra sobre eles, e continuaram a avançar por entre os corpos,



aproximando-se da barricada. Macro tinha tido a esperança de que nos últimos metros, os bretões não resistissem a lançar-se numa louca correria contra o inimigo, mas estes homens mostravam-se possuidores de um admirável autocontrolo, e enquanto alguns faziam protecção com os escudos, outros começavam a quebrar e cortar ramos da barricada, soltando grandes bocados desta.

— Ataquem! — Berrou Macro, agarrando o dardo do legionário mais próximo. Segurou-o sobre o ombro e, com o escudo a servir de suporte, empurrou a vegetação da barricada até conseguir alcançar os inimigos que se atarefavam do outro lado da mesma. Um braço adiantou-se por entre os escudos bretões e agarrou um ramo. O centurião espetou a ponta da lança na carne sob o cotovelo, e ouviu um grito de dor. Enquanto puxava o ferro para si, recebeu um forte e barulhento impacto na bossa do escudo. Olhou em redor e reparou que vários dos combatentes inimigos estavam equipados com longas e pesadas lanças, com as quais tentavam manter os romanos afastados da barricada.

— Cuidado com as lanças! — Avisou.

Procurou um novo alvo, e notou uns olhos que o observavam por cima da borda de um escudo quadrado. Fez uma finta, e quando o escudo se movimentou em resposta ao seu suposto ataque, mudou de direcção e lançou um golpe às pernas do homem. Porém, a distância era grande, e apesar de a ponta metálica atravessar as calças do bretão, só conseguiu arranhar a carne por baixo delas. O centurião grunhiu, frustrado, e afastou-se cuidadosamente da barricada, fazendo sinal a um legionário da fileira seguinte para ocupar o seu lugar.

Olhou em volta, para ver como se estava a portar a centúria. Os homens estavam a aguentar-se bem. Os fundibulários de ambos os lados, afastados do combate junto à barricada, trocavam projecteis, numa luta desigual. Os romanos mantinham-se agachados enquanto imprimiam velocidade às suas armas, erguendo-se rapidamente e soltando os projecteis, e voltando a proteger-se em seguida. Os inimigos não tinham à sua disposição qualquer protecção, e Macro notou com satisfação que vários corpos semi-submersos eram levados pela corrente da zona do vau, em que a água já começava a tingir-se de vermelho. Mas já era o suficiente, a atenção dos atiradores era necessária noutra local. Berrou a ordem seguinte a plenos pulmões, para se fazer ouvir por cima do contínuo som de choques metálicos e dos gritos dos homens.

— Fundas! Contra a infantaria! A infantaria!

Os homens olharam para ele, percebendo as suas palavras. Um deles, no entanto, ergueu-se para lançar um último projectil contra os alvos anteriores, e foi imediatamente atingido na face. A cabeça foi projectada

para trás, e o sangue salpicou os camaradas de ambos os lados do infeliz. O homem abateu-se numa forma inerte no solo. Macro rangeu os dentes de raiva. Já tinha poucos homens à partida, e custava-lhe ver alguém desperdiçar a vida daquela forma descuidada. O primeiro dever de qualquer soldado era para com os seus camaradas, e o melhor serviço que lhes podia prestar era manter-se vivo e combater ao seu lado. Actos impensados, fossem eles de bravura ou de fúria, não passavam para ele de gestos egoístas e criminosos, e amaldiçoou o legionário caído. Mas não tinha sido o primeiro a tombar. Já havia mais três romanos mortos: um no chão no interior da barricada, os outros dois deitados sobre o emaranhado verde, o sangue que lhes corria das feridas a manchar a margem do rio.

— Olhem para aquilo! — Lançou um legionário, e Macro seguiu com os olhos a direcção apontada pelo soldado. Enquanto as fundas romanas castigavam os flancos da coluna inimiga, um guerreiro mais idoso gritava ordens. Os homens à sua volta agruparam-se cada vez mais, formando com os escudos uma muralha sem brechas, nem nos lados nem por cima das cabeças. O centurião ficou assombrado perante a manobra, evidentemente copiada das tácticas da legião. Os projecteis tinham passado a abater-se infrutiferamente sobre os escudos, e os homens no interior avançavam protegidos.

— Foda-se. — Concluiu Macro. — Afinal, estes cabrões são capazes de aprender.

Um grito de alarme atraiu-lhe a atenção de novo para o combate na barricada. No centro da linha, o inimigo tinha conseguido progredir até uma das grandes estacas que os legionários tinham cravado para aguentar toda a vegetação. Várias mãos abanavam furiosamente o toro, tentando soltá-lo, e enquanto Macro avaliava a situação ele começou a tombar para o lado dos bretões, arrastando consigo uma secção da barricada.

— Merda! — Vociferou, furando entre os seus homens na direcção da área ameaçada. — Impeçam-nos! Dêem-me cabo desses filhos da puta!

Os legionários viraram a atenção para os homens que puxavam a estaca, golpeando ferozmente os braços nus. Porém, os guerreiros que tinham a seu cargo a defesa daquele destacamento eram igualmente determinados, e contra-atacaram imediatamente, tentando forçar os romanos a recuar com as lanças. A intensidade do combate era tal que ambos os lados combatiam em silêncio, esforçando-se por fazer recuar o inimigo. De repente, ouviu-se o som de madeira a estalar, e o tronco soltou-se de vez, fazendo com que vários guerreiros bretões caíssem para trás, no rio. Os outros soltaram gritos de triunfo e lançaram-se para a brecha.

— Aguentem! — Gritou Macro, lançando o seu dardo contra os inimigos. — Aguentem!

Puxou a espada da bainha, agachou-se e lançou todo o seu peso por trás do escudo, correndo contra o inimigo, apoiado pelos legionários próximos, ao seu lado e por trás. Os dois lados embateram, escudo contra escudo, tão perto que todos se apercebiam da respiração ofegante dos adversários, e dos seus gemidos de esforço. Ainda agachado por trás do seu escudo, Macro libertou a mão que manejava o gládio e usou-o contra qualquer pedaço de carne ou tecido bárbaro que lhe passasse ao alcance. As lanças e espadas longas dos bretões eram inúteis naquele género de combate, para o qual as espadas curtas das legiões tinham sido expressamente pensadas. No meio da multidão apertada, mais e mais inimigos iam sendo feridos. Incapazes de recuar pelo meio das suas fileiras, impedidos até de tombar para o solo, sofriam a agonia de pé, sangrando até à morte, as cabeças pendentes no meio das expressões desesperadas dos seus camaradas que ainda viviam.

Os romanos tinham a vantagem de ocuparem a margem do rio, estando portanto em posição superior, e com mais firme apoio para os pés, e assim conseguindo aguentar o muito maior número de combatentes inimigos. Macro perdeu a noção de quanto tempo durou o assalto. A sua mente só estava ocupada com o desafio ao inimigo, com a defesa da sua posição. Em redor ouvia as exclamações e os grunhidos dos homens, a corrente que já corria vermelha, e os reflexos faiscantes do sol inclemente que batia nas lâminas erguidas e nos capacetes já cobertos por salpicos de sangue e lama.

Nem deu pelo novo toque urgente das trompas bretãs. Só se apercebeu que os celtas recuavam quando a pressão sobre o seu escudo diminuiu e começou a ter espaço para movimentar mais facilmente a espada.

— Estão a retirar! — Gritou alguém, incrédulo. Um grito cansado de triunfo saiu das bocas romanas e ecoou pelo vau, enquanto os bretões recuavam. Macro manteve-se calado, aproveitando a ocasião para olhar em volta e avaliar a situação. Um dos seus homens passou por ele, saltando para a corrente e fazendo menção de perseguir o inimigo em retirada.

— TU! — Berrou o centurião, fazendo com que o homem olhasse para ele, receoso. — Foda-se, podes contar com uma participação. Volta já para aqui!

O legionário voltou para trás e trepou para a margem, juntando-se ao oficial furioso.

— Porra, no que é que estás a pensar? Vais enfrentar sozinho o filho da puta do Carátaco e o exército todo, é?

— Senhor, peço desculpa. Eu...

— Lamentas, pois! És a mais lamentável amostra de pseudo-legio-

nário que alguma vez encontrei. Faz outra dessas e enfio-te a merda da espada pelo cu acima. Percebeste?

— Sim, senhor.

— Volta para a linha.

O homem afastou-se, fundindo-se nas fileiras sob os risos de gozo dos camaradas, que abanavam a cabeça e lançavam dichotes.

Macro ignorou-os, preferindo ocupar-se com o que o inimigo estava a preparar. O mais provável era que reagrupassem as forças e voltassem a lançar um assalto em boa forma contra a brecha na barricada. Um movimento aos seus pés despertou-lhe a atenção, e reparou então num guerreiro inimigo que tentava içar-se para a margem. Em toda a extensão do vau, os bretões mortos e feridos empilhavam-se na margem revolta e sobre os seixos do fundo elevado. Quase sem pensar, Macro inclinou-se sobre o homem e trespassou-lhe o pescoço com a ponta do gládio. Com um gemido, o bretão tombou de novo no meio dos cadáveres, o sangue a jorrar da ferida. Os olhos, desesperados e selvagens, fixaram-se em Macro. Então reviraram-se, e o homem morreu. Um a menos, faltavam apenas outros vinte e nove mil.

Na margem, o chefe encarregado do cada vez mais reduzido grupo de assalto estava a formar os seus homens, criando uma tartaruga rudimentar, com uma fila de lanças à frente. Assim que ficou satisfeito com a formação, lançou uma ordem, e os guerreiros voltaram a entrar no vau.

— E eu a pensar que tínhamos dado uma boa lição àqueles cabrões.  
— Murmurou um soldado junto a Macro.

O centurião fez um sorriso desanimado.

— A mim parece-me é que já lhes demos lições a mais.

Desta vez o inimigo não enfrentaria obstáculos na aproximação pelo rio. Com a tartaruga, forçaria a passagem pela brecha e esmagaria os defensores. Macro compreendeu que tinha chegado o momento da decisão. Dirigiu-se ao ponto mais elevado da ilhota, um pouco recuado, e perscrutou a margem sul do rio, à procura de sinais da aproximação de Máximo e da coorte. Nada. Então apercebeu-se de um faiscar, logo seguido de outro, algumas centenas de metros a jusante. Esforçou a vista e avistou uma massa prateada que serpenteava na sua direcção como uma centopeia esguia. Por momentos, alegrou-se. Mas rapidamente concluiu que estavam ainda demasiado longe para o ajudar no embate próximo. Mantinha-se assim a necessidade de uma decisão. Podia obedecer às ordens, manter-se na posição e lutar, embora não tivesse qualquer esperança de evitar a passagem do inimigo; ou podia forçar-se a ordenar a retirada, numa tentativa de salvar as vidas dos seus homens, mesmo que isso lhe custasse uma reputação conquistada com tanto esforço.

Voltou-se e observou a formação inimiga; a muralha de escudos já tinha atravessado um terço da corrente sem sinal de desagregação. A sua decisão começava a tornar-se óbvia. Não tinha realmente escolha. Dirigiu-se a passos largos para os seus homens exaustos, que se apoiavam nos escudos.



## XII

Enquanto os seus homens caminhavam no meio da poeira levantada pelos que seguiam à sua frente, o centurião Cato não tirava os olhos da margem oposta do Tamisa. Todos os caminhos para o vau estavam cheios de homens, cavalos e bigas, uma consequência da tentativa do inimigo de escapar à denodada perseguição do exército romano. A armadilha devia ter sido fechada pela Segunda Legião nos dois pontos principais de travessia, mas tornava-se claro que o general Pláucio não tinha sido bem sucedido na tentativa de aprisionar os bretões entre as suas forças e a principal força de bloqueio liderada por Vespasiano. De alguma forma, Carátaco tinha conseguido esgueirar-se aos dois e dirigir-se ao terceiro ponto de travessia, o vau que coubera à Terceira Coorte guarnecer.

O problema era que a coorte não estava a ocupar a posição que devia. A travessia não era defendida por mais de um punhado de homens sob o comando de Macro. Apesar de toda a cuidadosa preparação e da concentração de forças, o plano estava a soçobrar. Com trinta mil legionários ao seu dispor, o general Pláucio dependia agora das acções de apenas oitenta. Era sobre os ombros destes que caía a responsabilidade pelo sucesso ou falhanço do grande esquema do general para acabar de uma vez por todas com a resistência organizada dos nativos. Se Carátaco fosse esmagado antes do fim do dia, inúmeras vidas seriam salvas no futuro — vidas romanas, pelo menos.

Temendo pelo amigo, Cato adivinhou que Macro veria a situação sob esse prisma e, com a habitual determinação, tentaria tudo o que lhe fosse possível para evitar que os bretões cruzassem o rio, mesmo que isso implicasse a sua morte e a de todos os homens da sua centúria. O seu sacrifício poderia atrasar os bretões o tempo suficiente para que Pláucio conseguisse alcançá-los pela retaguarda, ou pelo menos para que Máximo conseguisse detê-los na margem sul e lhes negasse qualquer possibilidade de fuga.

Enquanto marchava ao lado dos homens, Cato tentou pôr-se no

lugar de Macro e pesar as opções que se lhe abriam; depressa compreendeu que também ele aceitaria a necessidade de aguentar a posição e lutar até ao último homem. Havia demasiado em jogo para que qualquer outra possibilidade pudesse ser contemplada. Virou-se para os legionários.

— Mais depressa! Toca a andar, raios vos partam!

Alguns dos legionários da Sexta Centúria trocaram olhares surpreendidos perante a explosão escusada do seu centurião, e uma voz irritada fez-se ouvir:

— Porra, estamos a ir o mais depressa que podemos!

Fígulo saltou imediatamente para um dos lados da coluna, numa tentativa de intimidar os homens.

— Bico calado! Tratarei pessoalmente do próximo sacana que abrir a cloaca! Guardem as forças para os cabrões dos celtas!

Cato voltou a observar o inimigo. A margem norte do rio estava agora quase completamente coberta de homens e cavalos. Deviam estar já muito próximos do vau. Pouco à frente, o rio fazia uma curva e parecia estreitar de forma acentuada. Depois, quando lhe pareceu que o rio parecia desviar-se para a margem setentrional, Cato apercebeu-se de que estava a ver a ilha que ficava a meio da corrente, precisamente no local do vau. O pulso acelerou-lhe enquanto se esforçava por distinguir os detalhes distantes. A margem da ilha estava repleta de figuras diminutas, e a luz do Sol reflectia-se no equipamento prateado e nos salpicos de água que se soltavam dos movimentos dos pés dos homens. As árvores da ilha escondiam porém a vista, o que tornava difícil uma avaliação correcta do modo como as coisas estavam a correr para Macro e os seus homens.

Cato apercebeu-se de que a força inimiga que ocupava o vau começava a recuar, os homens encaminhando-se para a margem ocupada pelos bretões como formigas em busca do ninho. Alegrou-se ao ver que Macro e os seus homens tinham conseguido repelir o ataque, o que só podia significar que ainda estavam vivos. Poucas centenas de metros separavam agora a coorte da centúria de Macro, e na frente da coluna, via-se Máximo a incitar os homens, usando para isso todas as imprecações que conhecia e mais algumas que lhe surgiam no momento.

Dali já se conseguia avistar toda a largura do rio, e Cato notou que os bretões se preparavam para renovar o assalto às defesas da ilha. Mas desta vez iam fazê-lo de forma mais organizada. Não havia nenhuma multidão disposta a lançar-se em corrida contra os romanos, antes uma massa densa de homens que atravessavam o vau num passo regular. Quando o inimigo alcançou a margem mais afastada da ilha, a coorte estava já relativamente próxima do vau, e Máximo enviou os batedores montados para reforçar o efectivo de Macro.

Estes incitaram os cavalos e entraram pelo rio lançando salpicos para todo o lado. Mas antes de percorrerem sequer um terço da distância, surgiu um legionário à vista por entre os salgueiros que marcavam a margem da ilha. Logo outros homens se lhe seguiram, correndo através da água. Ao depararem-se com os cavaleiros, estacaram, mas logo prosseguiram a caminho da margem sul do rio. Não era nenhuma debandada, concluiu Cato quando notou que todos os homens ainda vinham equipados com escudos e capacetes. Os batedores imobilizaram-se a meio da corrente, e Cato percebeu que o decurião estava a discutir com os legionários, apontando furiosamente para a ilha. Mas eles não lhe ligaram, passando por entre os cavalos e prosseguindo a corrida para a margem. Surgiu então da ilha um punhado de homens em recuo, entrando pelo vau mas mantendo os escudos erguidos contra o inimigo. Logo atrás deles, surgiu um magote de bretões que os seguiram pela água, logo reforçado por mais e mais guerreiros celtas, que se empenhavam em destruir a retaguarda romana enquanto esta tentava proteger a retirada geral.

Máximo lançou o braço para a frente, e ordenou à coorte que avançasse. Os legionários, a suar e ofegantes, iniciaram uma corrida, as botas a troar na terra calcinada. Entretanto, a retaguarda da unidade de Macro e os batedores lutavam desesperadamente para conseguir recuar pelo vau, já que o número de atacantes engrossava a cada momento. Os homens que já tinham alcançado a margem estavam a dispor-se numa formação de profundidade apenas dupla na margem sul, tentando ocupar toda a largura do vau. Era óbvio que a frágil linha de escudos vermelhos não conseguiria deter a massa de bretões sedentos de sangue por mais de um breve momento.

Os homens da coorte lançaram-se pelo caminho, na direcção dos seus camaradas, e depressa os mais rápidos e fortes de entre eles se juntaram à Terceira Centúria, reforçando a pequena formação. Cato já estava suficientemente perto do vau para se aperceber dos detalhes da luta desigual que se travava a meio do rio, e o seu coração alegrou-se quando notou uma crista transversal vermelha, que denunciava um capacete de centurião, a oscilar no meio da confusão do combate. Portanto, Macro ainda estava vivo. Mesmo perante a perspectiva de uma aniquilação quase segura, Cato encontrou algum reconforto nessa certeza, enquanto corria pelo último declive para se juntar aos legionários que eram apressadamente colocados em posição na margem do rio. Apesar de o seu número ser muito menor, os romanos tinham vantagem táctica, já que ocupavam uma posição que só podia ser atacada numa frente estreita. Ainda havia esperança, tentou convencer-se Cato. Talvez conseguissem realmente impedir o progresso de Carátaco.



— Sexta Centúria! — Gritou. — Formar à direita da linha!

Os homens, extenuados, arrastaram-se para as suas posições na extremidade da coorte, embora mal pudessem ter-se de pé, tossindo e arfando enquanto, apoiados aos escudos, tentavam recuperar o fôlego. Não havia neles grande espírito de luta, e não voltaria a surgir enquanto não recuperassem da marcha forçada que tinham realizado debaixo de um sol abrasador. Mas o inimigo aproximava-se, e daí a curtos instantes estariam a combater para se manterem vivos.

Os sobreviventes da retaguarda de Macro e o esquadrão de batedores lutavam para abrir caminho até à zona menos funda do rio, os escudos justapostos e as espadas curtas a serem usadas sem descanso contra qualquer corpo ou braço inimigo que tentasse abrir uma brecha na formação romana. Máximo virou-se para os homens que aguardavam na margem.

— Quarta Centúria! Abram alas!

Surgiu uma passagem no seio da coorte, e Macro, ao aperceber-se da manobra, deu uma ordem ao decurião:

— Primeiro os batedores! Vão!

Os cavaleiros deixaram de combater e impeliram as montadas na direcção da estreita passagem. Um deles foi demasiado lento e, enquanto o cavalo dava meia-volta, uma figura pulou sobre ele, agarrou-o pelo braço e arrastou-o para o solo. Atacante e batedor caíram juntos na corrente, mas num instante um magote de guerreiros inimigos se juntou à volta do soldado romano, lançando gritos de triunfo. Um berro gorgolejante rasgou o ar, mas logo foi interrompido quando as lanças e espadas trespassaram o peito do homem, expulsando-lhe todo o ar dos pulmões. Este incidente distraiu os atacantes e permitiu a Macro e aos que o acompanhavam reentrar nas fileiras da coorte, encharcados pela travessia do rio e salpicados pelo sangue de inimigos e camaradas.

Máximo, colocado ao centro da coorte, algumas filas atrás, encarou Macro com um olhar alucinado, com uma expressão de profundo e intenso ódio.

— Perdeste o controlo do vau.

Não havia tempo para uma troca de palavras, e Macro limitou-se a virar-se e a formar com os seus homens, enfrentando mais uma vez a enxurrada de bárbaros que atravessavam o vau e se dirigiam para a coorte. Lançaram-se sobre os escudos que defendiam a margem e golpearam sem cessar os romanos que os empunhavam.

A princípio, os legionários conseguiram aguentar o embate, embora estivessem exaustos. Os anos de treino interminável mostraram o que valiam, já que os homens adoptaram facilmente o padrão usual: empurrar o escudo e usar a bossa do mesmo contra o inimigo, e depois puxá-lo, en-

quanto a espada avançava e o tentava alcançar; uma pausa para bloquear o ataque adversário, e depois repetir a sequência. Enquanto a linha aguentasse, seria esse o ritmo. Se cedesse, então as vantagens da formação cerrada e do treino estrito, que tanta eficiência lhes davam em combate, ver-se-iam perdidas, e a luta ficaria reduzida a uma competição de força e selvajaria.

À medida que o número dos inimigos ia engrossando, a coorte começou a ceder. Apesar de ser quase imperceptível, Cato, colocado na ponta da linha e ainda não empenhado no combate, apercebeu-se de que o centro da linha romana começava a curvar e a recuar. Também Máximo o notou, e dirigiu-se ao decurião e aos poucos homens que restavam do esquadrão montado.

— Procura o legado, e diz-lhe o que se está a passar. Vai!

O decurião saudou-o e orientou o cavalo para jusante, ordenando aos seus homens que o seguissem. Ao partir, lançou um derradeiro olhar sobre o ombro aos camaradas.

— Boa sorte, rapazes!

No momento seguinte já galopava pela estrada, o ruído dos cascos perdido entre o clamor das armas e os gritos desesperados dos homens envolvidos na tremenda refrega.

— Aguentem a linha! — Incitava Máximo, agitando a espada no ar na direcção do inimigo. — Aguentem a linha, meus sacanas! Não cedam nem um milímetro!

A violência das suas palavras não se podia igualar à dos esforços do inimigo, e os romanos cediam, passo a passo, perante os sucessivos ataques. Alguns legionários, ainda frescos da recruta e sem experiência da dura realidade das batalhas, começaram a lançar olhares nervosos por cima dos ombros. No preciso instante em que Cato olhava para a retaguarda romana, reparou numa figura que dava um passo atrás, abandonando a formação. O comandante da coorte também a avistou, e correu imediatamente para o homem, usando a lâmina como uma vara e batendo-lhe no capacete.

— Volta imediatamente para a linha! — Rosnou Máximo. — Se te mexes outra vez, juro que te corto o pescoço!

O legionário voltou para a formação, o medo do seu comandante vencendo por momentos o terror que o inimigo lhe inspirava. Mas estava longe de ser o único em pânico perante a perspectiva de ser morto pelos bretões. À medida que os romanos iam sendo forçados a recuar, mais e mais cabeças se viravam para procurar um caminho para a segurança.

Na outra ponta da linha, Cato viu um homem da própria centúria de Máximo livrar-se repentinamente do escudo, virar-se e correr. Máximo apercebeu-se do movimento e virou-se imediatamente.

— Volta já para a linha!

O homem virou-se na direcção da voz, mas logo se ocupou a desfazer os nós que lhe prendiam o capacete. Quando conseguiu soltá-los, arrancou-o, atirou-o para o lado e correu para um maciço de arbustos e árvores enfezadas nas proximidades.

Enraivecido, Máximo bateu com a face da espada na sua greva prateada. Berrou na direcção do fugitivo:

— Muito bem, poltrão! Cobarde de merda! CORRE! Eu conheço-te! Quando isto estiver acabado, eu mesmo tratarei de te apedrejar até acabar com a tua maldita existência!

Mas o mal estava feito, apercebeu-se Cato. Outros homens começaram a afrouxar o combate, lançando olhares culpados aos camaradas. A linha romana começou a recuar, e os bretões aproveitaram para renovar o ataque. Forçaram os romanos a abandonar a margem do rio, alargando cada vez mais a testa-de-ponte e conseguindo assim empenhar cada vez mais homens no combate. Em breve as alas da coorte seriam também afastadas da margem, e nessa altura nada impediria o inimigo de cercar os legionários e aniquilá-los.

Máximo compreendeu o perigo, e viu que tinha que agir depressa se quisesse salvar a unidade que comandava. Seria necessária alguma destreza nas manobras; só a Primeira e a Sexta Centúrias não estavam ainda embrenhadas no combate.

— Primeira Centúria! Reformar no flanco esquerdo!

Enquanto a sua centúria se deslocava para formar uma linha perpendicular à de Túlio, Máximo olhou para a outra extremidade da linha e gritou a Cato:

— Sexta centúria! Formar à esquerda!

— Vamos! — Respondeu Cato, incitando os homens. — Em corrida!

Correram por trás da coorte e tomaram posição na extremidade da centúria de Máximo, também em ângulo recto, e portanto paralelamente aos homens que ainda combatiam os bretões. Quando o dispositivo ficou pronto, Máximo lançou um último olhar à situação e tomou então o passo decisivo.

— Coorte! Abandonar combate à direita!

Passo a passo, os homens alteraram a posição a jusante, e os que enfrentavam directamente o inimigo concentraram-se mais em manter a formação cerrada do que em abater bretões. À medida que a Quinta Centúria se afastava do inimigo, começou a rodar, unindo-se à extremidade da unidade de Cato. Mas já toda a coorte se movimentara ao longo da margem o suficiente para abrir uma brecha no flanco esquerdo, e por aí se precipitaram os bretões para atacar a Primeira Centúria. À medida que mais e

mais combatentes inimigos saíam do vau e corriam ao longo da formação romana, Máximo olhava para a direita, ansioso por completar a transformação da linha romana num rectângulo mais fácil de defender. Por fim, a Quarta Centúria abandonou a sua secção do vau, e rodou imediatamente para formar a última face da formação defensiva. Lentamente, mantendo uma permanente parede de escudos em todas as faces, a coorte recuou do vau e foi seguindo a estrada que levava ao resto da legião, que era agora a sua única possibilidade de sobrevivência.

Cada vez mais bretões atravessavam o rio e se lançavam no combate, tentando exterminar a unidade romana. Cato, na fileira da frente da sua centúria, mantinha o escudo alinhado com os dos homens que o ladeavam e dava passos laterais cuidadosos, enquanto os golpes se abatiam sem cessar na superfície curva. Entrevia o inimigo, e não parava de lançar estocadas, numa tentativa de os manter à distância. De vez em quando, a espada atingia um homem, e ouvia-se um grito de dor ou uma imprecação de raiva. Mas, enquanto recuava, a coorte também ia sofrendo as suas baixas. Os homens feridos deixavam a linha e eram rapidamente substituídos pelos que vinham nas fileiras de trás, de modo a manter os espaços preenchidos. Os que ainda conseguiam caminhar eram empurrados até ao centro da formação, os outros eram abandonados onde caíam, para serem aniquilados assim que os seus camaradas se afastassem. Em tempos, esta prática tinha parecido ignóbil a Cato. Agora, aceitava-a como uma obscena necessidade da guerra. Por muito que temesse sofrer uma ferida incapacitante, que o deixasse no chão, desamparado, Cato tinha consciência de que não podia esperar que os outros arriscassem as vidas para o tentar salvar. Era esse o duro código de conduta das legiões.

Um repentino grito de agonia soou à sua esquerda. Cato nem sequer tentou ver do que se tratava, já que não podia arriscar-se a afastar o olhar do inimigo e das suas acções. Porém, ao recuar lentamente com os outros, apercebeu-se de alguém no solo.

— Não me abandonem! — Gritou uma voz, plena de terror. — Por piedade, não me abandonem!

De repente, uma mão agarrou Cato pelo tornozelo.

— Senhor!

Cato viu-se obrigado a olhar rapidamente para baixo. Um dos seus homens, um recruta pouco mais velho do que ele próprio, estava pelo solo, apoiado no cotovelo. Uma espadeirada tinha-lhe destroçado o joelho e rasgado os tendões e músculos da parte superior da perna, o que o tinha derubado instantaneamente.

— Senhor! — Suplicou o legionário, apertando-o com mais força. — Salve-me!

— Larga-me! — Retorquiu Cato, de forma selvagem. — Larga-me, senão mato-te!

Chocado com a resposta, o ferido ficou boquiaberto. Entretanto, Cato apercebeu-se de que o homem à sua esquerda tinha dado mais um pequeno passo lateral, e que se abrira uma brecha entre eles.

— Larga-me! — Voltou a gritar Cato.

Durante um momento, o aperto diminuiu de intensidade, mas logo se refez, com o pânico renovado.

— Por favor! — Suplicou o homem mais uma vez.

Cato não tinha escolha. Se ficasse no mesmo lugar mais um instante, algum dos guerreiros inimigos não deixaria de aproveitar a brecha entre ele e o homem seguinte. Cerrando os dentes, Cato golpeou o legionário no solo, ferindo-o profundamente mesmo acima do pulso. Os dedos abriram-se e o centurião soltou o pé, dando imediatamente o passo necessário para fechar a formação. Ouviu ainda o ferido gritar, em agonia.

— Cabrões! — Vociferou, enquanto os seus camaradas lhe passavam por cima. — Assassinos de merda!

Quando Cato conseguiu voltar a olhar para o conjunto da coorte, reparou que já tinham deixado o vau para trás, e que já iam a meio da encosta suave que a estrada seguia enquanto acompanhava o curso do rio. Os bretões ainda cercavam a formação romana, tentando por todos os meios destruir aquela força inimiga, mas tinham deixado de receber reforços de entre aqueles que continuavam a atravessar o rio. Esses já se afastavam para montante, aproveitando a oportunidade que lhes surgira de escapar às legiões do general Pláucio. À medida que a coorte subia a encosta, os guerreiros inimigos começavam a abandonar o combate, ficando apoiados às armas a ver os romanos a recuar, e recuperando o fôlego. A estrada estava repleta de corpos, romanos e bretões, ensanguentados e mutilados por cortes e estocadas de espadas e lanças.

Por fim, a coorte ficou livre das atenções inimigas, mas Máximo deixou que a formação caminhasse até à crista da colina antes de ordenar alto. A trezentos passos, o exército de Carátaco passava sem interrupções e sem fazer qualquer nova tentativa de atacar a coorte. Se Carátaco tivesse por intenção destruí-los, tal não levaria muito tempo; mas o comandante bretão tinha outras preocupações.

— Baixar escudos! — Ordenou Máximo, e por todo o lado os legionários exaustos deixaram os escudos apoiar-se na relva pisoteada, encostando-se a eles e tentando recuperar o fôlego. Mais abaixo na encosta, os bretões que tinham forçado Macro e os seus homens a abandonarem a ilha e depois tinham forçado também a passagem contra toda a coorte descansavam também apoiados nos escudos. Os dois lados vigiavam-se cui-

dadosamente, à procura de algum sinal de que havia vontade de reiniciar o combate. Mas ela não existia de nenhum dos lados.

Aproveitando a pausa, Cato atravessou o interior da formação romana para ver como estava Macro. O centurião veterano esticava o braço para que o seu optio lho tratasse. O sangue jorrava de um golpe que lhe apanhara o músculo do antebraço, e gotejava para o solo sem parar.

— Não é nada sério. — Dizia o optio. Do interior da sacola tirou um rolo de tecido, e começou a ligar o ferimento, enquanto Macro levantava o olhar.

— Ah, Cato! — Sorriu. — Parece que ganhei mais uma cicatriz acerca da qual vou poder contar umas histórias na velhice.

— Se por acaso lá chegar. — Cato apertou-lhe a outra mão. — É bom vê-lo ainda vivo. Temi que o varressem da face deste mundo, ali na travessia.

— E fomos mesmo varridos. — Disse Macro, tranquilamente. — Se lá estivesse mais gente, tínhamos aguentado.

Cato olhou em redor, mas Máximo estava de costas voltadas e longe demais para ter escutado aquelas palavras.

— Também me parece. — Sussurrou, com um leve aceno na direcção do comandante da coorte.

Macro inclinou-se para ele.

— Ainda vai haver bronca por causa disto. Tem cuidado contigo.

— Oficiais à minha presença! — Chamou Máximo.

Aproximaram-se a passo, demasiado exaustos para correr. Para lá de Macro, também Túlio e Félix tinham sido feridos, este último com um profundo lanho na face. Tentava estacar o sangue com um penso já enso-pado. Cato viu a expressão tensa do comandante e adivinhou que no seu íntimo se travava um duro combate que o dilacerava. Não tinha cumprido o seu dever, e a prova desse falhanço continuava a desfilhar a poucos metros deles. Só um verdadeiro milagre podia salvar a sua carreira militar de uma ruína abjecta. Máximo limpou a garganta.

— Para já, estamos a salvo. Sugestões? — A voz era esforçada e irritada.

Fez-se um silêncio embaraçoso, e só Macro se mostrou preparado para lhe enfrentar o olhar.

— Centurião?

— Senhor?

— Há alguma coisa que me queiras dizer?

— Não, senhor. — Macro encolheu os ombros. — Pode esperar.

Cato olhou na direcção do vau.

— Senhor, não devíamos deixá-los escapar.

Máximo voltou-se imediatamente contra ele.

— Ah sim? O que propões então? Carregamos sobre eles e por lá ficamos todos? Olha para o estado em que estamos. Quanto tempo é que achas que durávamos?

— Talvez o suficiente para fazer diferença, senhor. — Respondeu Cato, aprumado.

— A qualquer custo? — Desdenhou Máximo, mas Cato viu um traço de desespero na expressão do outro.

— Caberá a outros dizê-lo, senhor, mais tarde.

— Mas a ti não custa nada dizê-lo, agora!

Cato recusou-se a responder. Ao invés, limitou-se a olhar para lá do comandante e a apreciar os guerreiros de Carátaco enquanto estes atravessavam o rio. O olhar viajou até à margem oposta e à massa de inimigos que ainda a ocupava. O Sol já estava baixo, e as sombras alongadas faziam o número de inimigos parecer maior do que era, além de lhes dar um aspecto aterrorizador. Enquanto examinava o panorama, ouviram-se os sons das trompas bretãs, vindas da margem norte. Homens estavam a afastar-se do vau e a formar uma linha defensiva numa crista baixa a algumas centenas de metros. Eram ainda vários milhares de homens, com cavalaria e carros em ambos os flancos.

— Senhor! — O centurião António ergueu o braço e apontou para jusante. — Veja, ali!

Os oficiais viraram as cabeças e olharam na direcção apontada. Na margem, a menos de dois quilómetros à direita, surgia a cabeça de uma densa coluna de homens.

Macro piscou os olhos.

— Nossos?

— Quem mais? — Retorquiu Cato. — E aí vem a Segunda, do nosso lado do rio.

Os oficiais olharam outra vez. De facto, outra coluna de infantaria romana se dirigia para eles, embora um outeiro a escondesse momentaneamente. Por momentos, Cato sentiu o sangue a ferver nas veias e dirigiu-se ao comandante da coorte.

— Senhor, ainda há tempo para fazermos alguma coisa. Tudo o que tem a fazer é dar a ordem.

— Não. — Máximo abanou tristemente a cabeça. — Já é demasiado tarde. Ficamos aqui.

Cato abriu a boca para emitir um protesto, mas o comandante da coorte ergueu a mão, para o impedir.

— Basta, centurião, a minha decisão está tomada. Não há mais nada a discutir.

Era então tudo, compreendeu Cato. O assunto estava encerrado. O falhanço da Terceira Coorte era completo, os seus homens e os seus oficiais viam-se humilhados. E se tivessem muita sorte, essa seria a menor das suas preocupações.



As forças do general Pláucio alcançaram o vau divididas em três colunas, que imediatamente se dispuseram em formação de ataque e entraram em contacto com o inimigo. Da outra margem do rio, os homens da Terceira Coorte viram como os bretões que ocupavam a crista se lançaram pela encosta, desaparecendo de vista. Só se ouviam os sons abafados das trompas e trombetas e o ruído do combate. Então, começaram a surgir na crista figuras isoladas que corriam para o rio. Depressa se tornaram mais numerosas, e quando a encosta ficou coberta por homens em fuga, tornou-se claro que as linhas dos bretões tinham cedido.

Um clarão súbito atraiu o olhar de Cato de volta à crista, a tempo de ver surgir, sob o brilho avermelhado do sol poente, a cavalaria romana que perseguia os inimigos em fuga, abatendo-os sem piedade enquanto corriam para o vau. Ali não cabiam mais de quinze homens lado a lado, e em breve a travessia estava congestionada, com homens, cavalos e bigas a tentarem atravessar a corrente e escapar da impiedosa perseguição dos cavaleiros romanos. Alguns dos bretões livraram-se das armas que carregavam e tentaram a fuga a nado; havia dúzias deles a chapinharem através do largo rio. Alguns, demasiado fracos ou demasiado pesados pela roupa ou equipamento que ainda transportavam, começavam a debater-se, agitavam desesperadamente a água e acabavam por se afogar.

Os primeiros legionários surgiram na crista e começaram a descer a encosta que dava para o rio em formação ordenada. Enquanto os homens da Terceira Coorte assistiam, à luz do sol poente, um enorme lamento soltou-se da massa densa de guerreiros inimigos. Alguns ainda tiveram discernimento para concluir que, apesar de não terem qualquer esperança de sobrevivência, ainda podiam levar com eles alguns dos romanos, e talvez ganhar o tempo que permitiria a mais homens de Carátaco atravessar o rio em segurança. Mas não eram os suficientes para fazer qualquer diferença, e foram rapidamente eliminados quando as fileiras vermelhas se aproximaram do vau.

O Sol tinha acabado de desaparecer por trás do horizonte e, sem luz, era impossível distinguir o que se passava na margem norte do rio. Só os terríveis sons de milhares de homens em agonia e os pedidos de clemên-